



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
Departamento de Ciências do Consumo
Programa de Pós-Graduação em Consumo, Cotidiano e
Desenvolvimento Social
PGCDS – Mestrado Acadêmico
Linha de Pesquisa: Cotidiano, Bem-Estar e Desenvolvimento Social

Renan Fachine Brito Guimarães

**Modos de vida e cotidiano na cidade: um estudo sobre um
pedaço de Dois Irmãos – Recife/PE**

Recife/PE
2019

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
Departamento de Ciências Domésticas
Programa de Pós-Graduação em Consumo, Cotidiano e
Desenvolvimento Social
PGCDS – Mestrado Acadêmico
Linha de Pesquisa: Cotidiano, Bem-Estar e Desenvolvimento Social

Renan Fechine Brito Guimarães

**Modos de vida e cotidiano na cidade: um estudo sobre um
pedaço de Dois Irmãos – Recife/PE**

Dissertação para fins de obtenção do Grau de Mestre no programa de Pós-Graduação em Consumo, Cotidiano e Desenvolvimento Social-Universidade Federal Rural de Pernambuco., sob orientação da Prof^a. Dr^a. Raquel de Aragão Uchôa Fernandes e coorientação da Prof^a. Dr^a Dayse Amâncio dos Santos Veras Freitas.

Recife/PE
2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema Integrado de Bibliotecas da UFRPE
Biblioteca Central, Recife-PE, Brasil

G963m Guimaraes, Renan Fechine Brito.
Modos de vida e cotidiano na cidade : um estudo sobre um pedaço de Dois Irmãos – Recife/PE / Renan Fechine Brito Guimaraes. – Recife, 2019.
128 f.: il.

Orientador(a): Raquel de Aragão Uchôa Fernandes.
Coorientador(a): Dayse Amâncio dos Santos Veras Freitas.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal Rural de Pernambuco, Programa de Pós-Graduação em Consumo, Cotidiano e Desenvolvimento Social, Recife, BR-PE, 2019.
Inclui referências e apêndice(s).

1. Modos de vida 2. Cotidiano 3. Pedaço 4. Praça de Dois Irmãos Recife (PE) I. Fernandes, Raquel de Aragão Uchôa, orient. II. Freitas, Dayse Amâncio dos Santos Veras, coorient. III. Título

CDD 640

Dedico este trabalho à Beiramar, Clenilza, Laura, Yonara e Yvana. Pessoas sem às quais eu não conseguiria fechar esse ciclo.

Agradecimentos

Gostaria de agradecer a muitas pessoas que me ajudam na caminhada da vida. À minha mãe, Yonara, por ser uma pessoa tão especial, a quem eu devo muito do que sou hoje. À minha tia e madrinha, Yvana, por ter se feito tão presente na minha vida, e por despertar em mim a vontade de estudar.

À Laura, minha companheira, que muito me ensina sobre a vida, mostrando horizontes de reflexão e abrindo o coração para que, juntos, façamos as melhores escolhas. A Fernando Beiramar, um mestre que a vida me deu, que muito me ensina da natureza, que me apresentou Dois Irmãos e que deu todo o suporte para realização da pesquisa, desde a ideia inicial, que vem inspirada em suas histórias.

Um especial agradecimento também à egrégora de Jah Rastafari, através da Família Rastafari Flor de Jah, simbolizando dessa forma cada irmão e irmã que contribui para que o espírito seja elevado ao mais alto plano e que as ideias fluam e o corpo terreno cumpra suas demandas. Viva o Nyahbinghi! E Salve o Terreiro do Mussu!

Não posso esquecer a Rural, essa casa que levo em meu coração. Todas as professoras que tive contato no PGCDS, e a todo o DCD. Admiro muito as guerreiras da Economia Doméstica, e ter feito o mestrado com essas belas mulheres foi particularmente especial. A cada um e cada uma da turma “Mestrandinhos do Coração”, que com belas discussões e uma energia massa, contribuíram para tornar melhor a experiência do mestrado. Um especial agradecimento à Raquel de Aragão Uchôa Fernandes e Dayse Amâncio dos Santos Veras Freitas, minhas orientadoras que me deram valiosas ideias e estiveram ao meu lado nessa pesquisa.

Que o devido valor seja dado à vida de cada ser humano e que possamos olhar mais para as pessoas simples. O mundo tem muito a aprender com os “invisíveis”. Cada um tem, no mínimo, uma bela história pra contar. (o autor)

LISTA DE SIGLAS

DSE	Departamento de Saneamento do Estado
COMPESA	Companhia Pernambucana de Saneamento e Águas
UFRPE	Universidade Federal Rural de Pernambuco
LAFEPE	Laboratório Farmacêutico do Estado de Pernambuco
PEDI	Parque Estadual de Dois Irmãos

LISTA DE IMAGENS

Figura 1	Mapa do Bairro de Dois Irmãos
Foto 1	Vista aérea Parque de Dois Irmãos
Foto 2	Casa de Dona Zefinha
Foto 3	Casa da Sra. Célia
Foto 4	Casa da Sra. Ivaneta
Foto 5	Casa de Dona Marlene
Foto 6	Planta baixa da casa de Seu Natanael
Foto 7	Casa de Dona Regina e Sr. Varsil
Foto 8	Casa da Sra. Deda
Foto 9	Casa de Dona Luzinete, 1985
Foto 10	Casa da Sra. Zuleide
Foto 11	Bar da Curva
Foto 12	Entrada do Zoológico de Dois Irmãos
Foto 13	Frente das casas com barracas
Foto 14	Os dois restaurantes de moradoras
Foto 15	Casa do Sr. Adilson
Foto 16	Largo e Vila Operária de Dois Irmãos, 1935
Foto 17	Foto do interior da Praça de Dois Irmãos
Foto 18	Praça de Dois Irmãos, inauguração 14/12/1958
Foto 19	Praça de Dois Irmãos, por trás as casas.
Foto 20	Praça de Dois Irmãos, ao fundo UFRPE.
Foto 21	Praça de Dois Irmãos

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Quadro Resumo da Teoria da Cotidianidade
Quadro 2	Dimensões do Modo de Vida
Quadro 3	Dimensões do Roteiro de Pesquisa em relação à Braga (2015) e Certeau (2013)
Quadro 4	Informações básicas dos entrevistados

RESUMO

A pesquisa desenvolvida a partir do Programação de Pós-Graduação em Consumo, Cotidiano e Desenvolvimento Social buscou refletir sobre um espaço do bairro de Dois Irmãos, no Recife, e onde se localizam as casas da antiga Vila Operária, em que algumas ainda são ocupadas por moradores/as pertencentes as famílias da formação originária, que se deu a partir de 1933 ou ocupadas por famílias que são a segunda a morar na casa. O local traz características diferentes em relação a outros espaços dentro do mesmo bairro, onde se percebe um movimento de adensamento populacional, marcado por uma pressão por moradia e com taxas de expansão demográficas positivas, em virtude do movimento ocasionado pela vinda da Universidade Federal Rural de Pernambuco, o que incide sobre uma parte do bairro de Dois Irmãos e em bairros circunvizinhos. A região onde se desenvolveu esta pesquisa é caracterizada pela preservação paisagística, arquitetônica e humana, o que pode ser explicado pelo fato de a área estar dentro de uma Unidade de Conservação e as casas da pesquisa serem pertencentes ao Estado, com limitações de modificação em suas estruturas e/ou possibilidade de venda ou aluguel. Com o apoio dos conceitos de cotidiano (Lefebvre, Heller e Certeau), modos de vida e espaço (pedaço, para Magnani), foi formulada a seguinte problemática de pesquisa: identificar as mudanças no cotidiano e no modo de vida de um pedaço bairro de Dois Irmãos, que dentro de um contexto de expansão urbana, permanece com características paisagísticas típicas do espaço historicamente ocupado e construído, preservando o território físico dos moradores/as. A partir desta problemática foi elaborado o seguinte objetivo para esta pesquisa: investigar as relações entre as práticas cotidianas e a construção de um modo de vida baseado nas experiências partilhadas, conectado ao território físico e a trajetória individual de cada um, nos moradores/as das casas do entorno da Praça de Dois Irmãos. A abordagem da problemática foi qualitativa, de inspiração etnográfica, a partir do método organizado por Certeau em seu livro “*A invenção do cotidiano 2: morar, cozinhar*” e dos conceitos de *pedaço* e *mancha* trabalhados por Magnani no campo da antropologia urbana, principalmente dentro da relação de territórios de resistência dentro do contexto de intensas mudanças e movimentos que caracterizam as grandes metrópoles. A busca pela caracterização de um modo de vida dos moradores/as da antiga Vila Operária, parte da ideia de coexistência de duas diferenciações clássicas de *modo de vida*, o mais comunitário, baseado em relações primárias e de mais proximidade entre as pessoas e o mais societário, com relações mais frias e analíticas. Partimos do pressuposto nesta pesquisa que os moradores/as das casas que compunham a Vila Operária se caracterizam por relações de maior proximidade e partilha do cotidiano, o que fez dessa área no bairro de Dois Irmãos, segundo os achados desta pesquisa, um *pedaço* segundo a perspectiva de Magnani. A pesquisa abordou 11 moradores/as, nas 13 casas que compõem o perímetro escolhido para a composição da amostra, o final da Rua Dois Irmãos, área do entorno da Praça de Dois Irmãos, importante espaço público na construção da história do bairro e, de modo mais específico, da área estudada. A pesquisa concluiu que apesar de grandes mudanças nas práticas cotidianas abordadas nas 5 dimensões escolhidas para nortear o trabalho de campo, a saber: histórico de ocupação da residência, relação com o antigo DSE (atual COMPESA) e outros locais de trabalho, abordagem acerca do comércio, relações familiares e de vizinhança, Praça de Dois Irmãos, existe um modo de vida partilhado pelos

habitantes do local, o que pôde ser percebido nas narrativas sobre as histórias familiares e dos movimentos que foram vivenciados na região, pelas experiências nas relações cotidianas partilhadas pelos diferentes grupos familiares, que se mostram no conhecimento entre as famílias e nos fatos vividos pelos grupos familiares que são trazidos nas entrevistas. As referências aos mesmos lugares, épocas e acontecimentos mostra que as pessoas construíram juntas uma trajetória que hoje é a principal referência do *modo de vida* mais comunitário vivenciado neste espaço, caracterizando-a como um *pedaço* na perspectiva de Magnani.

Palavras-chave: modos de vida, cotidiano, pedaço, Praça de Dois Irmãos.

ABSTRACT

The research developed from the Postgraduate Program in Consumption, Daily Life and Social Development sought to reflect on a space in the neighborhood of Dois Irmãos, in Recife, and where are located the houses of the former Working Village, in which some are still occupied by residents. belonging to the families of the original formation, which took place from 1933 or occupied by families who are the second to live in the house. The place has different characteristics compared to other spaces within the same neighborhood, where there is a movement of population densification, marked by a pressure for housing and positive demographic expansion, due to the movement caused by the coming of the Federal Rural University of Pernambuco, which focuses on part of the Dois Irmãos neighborhood and surrounding neighborhoods. The region where this research was developed is characterized by landscape, architectural and human preservation, which can be explained by the fact that the area is within a Conservation Unit and the research houses belong to the State, with limitations of modification in their areas. structures and / or possibility of sale or rent. With the support of the concepts of everyday life (Lefebvre, Heller and Certeau), ways of life and space (*piece*, for Magnani), the following research problematic was formulated: identifying changes in the daily life and way of life of a neighborhood piece of Dois Irmãos, which within a context of urban expansion, remains with typical landscape features of the space historically occupied and built, preserving the physical territory of the residents. From this problematic was elaborated the following objective for this research: to investigate the relations between the daily practices and the construction of a way of life based on the shared experiences, connected to the physical territory and the individual trajectory of each one, in the residents of the houses of the around the square of Two Brothers. The approach to the problem was qualitative, ethnographic-inspired, based on the method organized by Certeau in his book "*The Invention of Daily Life 2: Living, Cooking*" and Magnani's concepts of *piece* and *stain* in the field of urban anthropology, especially within of the relationship of resistance territories within the context of the intense changes and movements that characterize the great metropolises. The search for the characterization of a way of life of the residents of the former Working Village, starts from the idea of the coexistence of two classic differences of *way of life*, the most communitarian, based on primary relationships and closer proximity between people and the most societal, with colder and analytic relationships. We start from the assumption in this research that the residents of the houses that comprised Vila Operária are characterized by closer relations and daily sharing, which made this area in the neighborhood of Dois Irmãos, according to the findings of this research, a *piece* according to the perspective of Magnani. The survey addressed 11 residents in the 13 houses that make up the perimeter chosen for the composition of the sample, the end of Rua Dois Irmãos, an area around Praça de Dois Irmãos, an important public space in the construction of the history of the neighborhood and, more specific, of the studied area. The research concluded that despite major changes in daily practices addressed in the 5 dimensions chosen to guide fieldwork, namely: residence occupation history, relationship with the former SDR (current COMPESA) and other workplaces, approach to commerce, family and neighborhood relations, Praça de Dois Irmãos, there is a way of life shared by the locals, which could be seen in the narratives about family histories and movements that were experienced in the region, the experiences in shared daily relationships. by

the different family groups, which are shown in the knowledge between the families and in the facts lived by the family groups that are brought in the interviews. References to the same places, times and events show that people built together a trajectory that today is the main reference of the most communal way of life lived in this space, characterizing it as a piece in Magnani's perspective.

Keywords: ways of life, everyday, piece, Praça de Dois Irmãos.

SUMÁRIO

Introdução	13
Capítulo 1 O modo de vida e o cotidiano como lentes para compreender os diferentes "pedaços" das cidades	20
1.1 O cotidiano	20
1.2 Modos de vida	31
1.3 O bairro	37
Capítulo 2 Ferramentas Metodológicas	45
2.1 Descrição do trabalho de campo	52
Capítulo 3 O pedaço e seus limites	60
3.1 Contexto histórico de Dois Irmãos	60
3.2 As famílias	67
3.2.1 As casas	67
3.2.2 Origem e continuidades das famílias	73
3.2.3 Plantações e criação de animais	79
3.2.4 Limites	84
3.2.5 A alegria de morar em suas casas	85
3.3 A relação de vizinhança	87
3.3.1 A vizinhança de antigamente	87
3.3.2 A vizinhança de hoje em dia	91
3.4 Os vínculos familiares	93
3.5 Relação com o antigo DSE e outros locais de trabalho	96
3.6 Abordagem acerca do comércio	98
3.6.1 Compras hoje em dia	98
3.6.2 As vendas de antigamente	100
3.6.3 Comércio informal do zoológico	103
3.6.4 Bares e restaurantes da região	107
3.7 Praça de Dois Irmãos	111
3.7.1 O uso da Praça antigamente	111
3.7.2 Uso da Praça atualmente pelos moradores/as	115
Considerações Finais	121
Referências Bibliográficas	124
Apêndice I	127
Apêndice II	128

Introdução

O trânsito entre o local e o global, entre o pequeno grupo e as grandes estruturas de comunicação, mostra que a metrópole abriga, paradoxalmente, o padrão aldeia (a lógica da comunidade, do pedaço, do contato próximo) e o da cidade (ênfase no anonimato, na multidão, na mistura). A grande cidade acolhe a "comunidade," mas impele a sair para a "sociedade": não se trata de escolher entre uma e outra, pois a característica da cultura e sociabilidade próprias da metrópole é a articulação e passagem constantes entre ambas.

(MAGNANI, 1998, p.14)

Este trabalho é resultado de um olhar sobre um *pedaço* do bairro de Dois Irmãos que tem sua gênese ligada à inauguração da antiga Vila Operária do Departamento de Saneamento do Estado-DSE, a antiga responsável pela água e esgoto de Pernambuco. Tal local, no entanto, deixa de ser uma Vila Operária a partir da mudança do órgão para Companhia Pernambucana de Saneamento e Águas - COMPEA¹, e, a partir de então, os operários que já estavam nas casas não mais saíram ao se aposentar, com o tempo as famílias se estabeleceram definitivamente como moradoras até os dias atuais.

O bairro tem sua origem ligada ao antigo Engenho Dois Irmãos, com suas terras divididas de Apipucos em 1818, sendo que em 1837, com a criação da Companhia do Beberibe, primeira organização em Pernambuco para a captação e distribuição de águas, através dos açudes do Prata e de Dois Irmãos, grandes mananciais do bairro, a região passou a receber os trabalhadores da recém criada empresa como moradores. O nosso trabalho compreende o recorte a partir de 1933 com a inauguração da Vila, que traz a característica de fundação de uma comunidade constituída pelas recém-inauguradas oito casas.

O olhar da pesquisa se volta para o cotidiano e modo de vida dos atuais moradores/as das antigas casas que compunham a Vila Operária do DSE, buscando perceber através das memórias, das lembranças, e das relações estabelecidas no espaço, como a antiga Vila Operária se constituiu em um *Pedaço* na região do bairro de dois Irmãos na cidade de Recife - Pernambuco, considerando a categoria de Magnani (1996). Segundo o autor quando o espaço - ou um segmento dele - assim

¹ A prática comum era de trocar a família de moradores quando o funcionário que originou o vínculo de moradia através do DSE, deixasse de trabalhar na empresa ou fosse transferido, o que ocorreu poucas vezes e não em todas as casas. Tendo algumas com as famílias que inauguraram as casas em 1933.

demarcado torna-se ponto de referência para distinguir determinado grupo de frequentadores como pertencentes a uma rede de relações, recebe o nome de "pedaço".

Procuramos perceber o modo de vida a partir do cotidiano adaptado ao território físico. Neste sentido existem dimensões partilhadas relativas a movimentos hegemônicos do próprio espaço, mas há também as trajetórias individuais, que trazem elementos de uma resistência histórica vivida ao nível da vida cotidiana.

O trabalho tem como foco as casas que margeiam a Praça de Dois Irmãos, ocupando o seu entorno. Essas casas, que tem construção datada de considerável tempo, a maioria com mais de 80 anos de construídas, trazem memórias, lembranças, informações e uma dinâmica interessante para a construção de um inventário das práticas cotidianas do espaço, tornando possível o comparativo com as práticas dos dias atuais. O que é importante para compreender as diferentes dinâmicas desta região da cidade.

Com a presença de uma grande reserva de Mata Atlântica, a taxa de expansão demográfica da região é negativa, de -1,70%, justamente pela maioria das áreas do bairro estar dentro de Unidades de Conservação, o que, de certa forma, dificulta a ocupação de novas áreas, assim, práticas antigas continuam a existir na região, e se misturam com as novas práticas modernas que se engendram através do processo de expansão das cidades urbanas. Até hoje, um manancial de qualidade segue abastecendo a cidade, exemplo disto, inclusive com água para beber, é o fato de que até pouco tempo atrás alguns departamentos da UFRPE eram abastecidos com água "da bica" que existe na região, onde era feita a coleta d'água para a distribuição. A região abriga, desde o começo do século XX, o Horto Zoobotânico de Dois Irmãos e a Universidade Federal Rural de Pernambuco.

Apesar dessa característica de expansão demográfica negativa, é preciso reconhecer no bairro áreas de maior pressão por moradia, como é o caso do Córrego da Fortuna, onde as casas se multiplicam mais rapidamente que na maioria do perímetro do bairro, além de áreas próximas que fazem fronteira com a região, como Sítio dos Pintos, Caxangá (Sítio São Brás, Nova Morada, etc) e Guabiraba.

Quando passamos a olhar para o tecido complexo que forma os grandes centros urbanos, percebemos a carga de estímulos estruturais que tenta com muito esforço direcionar os moradores/as para uma tentativa de homogeneização cultural,

na maioria das vezes eliminando práticas associadas há tempos passados, mas que podemos encontrar arraigadas no dia a dia de muitos indivíduos em muitos espaços.

Em minha trajetória acadêmica, como estudante da instituição, fiquei curioso em entender como esse espaço, no final da Rua Dois Irmãos, tinha permanecido fisicamente parecido, mesmo com o passar de tantos anos. A perpetuação das famílias moradoras e das construções, como a Praça de Dois Irmãos, a UFRPE, as próprias casas onde ainda vivem membros das famílias da formação originária da vila Operária, e que não viraram prédios, como foi o curso seguido, em uma cidade como Recife com terrenos com a mesma área. Buscamos compreender até que ponto a permanência na região e a coexistência no mesmo espaço se caracteriza como um modo de vida partilhado, principalmente, como a vida cotidiana segue hoje em dia, se também existem semelhanças ou se as mudanças são mais drásticas que nas paisagens ao redor das casas, ou mesmo em seu interior.

O problema dessa pesquisa diz respeito a identificar as mudanças no cotidiano e no modo de vida de um pedaço² do bairro de Dois Irmãos, que dentro de um contexto de expansão urbana, permanece com características paisagísticas típicas do espaço historicamente ocupado e construído, preservando o território físico dos moradores/as. Buscamos refletir ao final como o pedaço que estudamos se localiza entre um espaço com práticas de resistência de um modo de vida mais comunitário, com relações mais pessoais, em meio a um espaço que a todo o tempo é entrecortado pelo movimento e dinâmica de uma grande cidade, a exemplo das diversas linhas de ônibus que fazem a ligação da BR-101 com a Avenida Caxangá.

Na verdade a experiência partilhada de um modo de vida pode também não se refletir tanto nas diversas dimensões da vida cotidiana, como antigamente se tinham perfis que se contextualizavam mais com determinados territórios. Hoje em dia com o ambiente mais macro da metrópole cada vez mais forte e se expandindo, percebemos que existe a partilha de elementos que se estabelecem dentro de uma experiência vivida, construída historicamente através de elementos como: um território físico, experiências de pertencimento em comum (tipo de trabalho, elementos de identidade e/ou identificação, aspectos culturais, entre outros), que se materializam no fato de terem a presença de uma mesma situação nos movimentos da história, que auxiliam na formulação de determinados posicionamentos, de

² A partir de agora usaremos o termo pedaço sempre fazendo alusão ao termo de Magnani.

determinadas experiências, que ajudam a identificar, personagens e famílias.

É possível perceber a integração dentro do pedaço escolhido, de um território específico com uma dinâmica em que os indivíduos apresentam elementos de sua história vivida, de uma identidade de quem convive no mesmo espaço há muitos anos, tendo muitas vivências parecidas, e observando as mudanças juntos, como as reformas na Praça e o crescimento dos órgãos ao redor, o que ajuda a caracterizar um modo de vida mais comunitário entre estes indivíduos .

Ao pensar nesta pesquisa a primeira vez, o interesse era a Mata de Dois Irmãos, incluindo tanto suas construções como o Açude do Prata, como a relação de extrativismo mantida por muitos indivíduos. Buscava entender, basicamente, como essa proximidade com uma região de natureza preservada, contribuía para a construção de práticas rurais nos indivíduos moradores da região. Com essa ideia inicial, fui delineando melhor a pesquisa ao longo dos debates e textos que tive contato nas disciplinas cursadas no mestrado.

Buscamos contribuir para o registro de como uma comunidade se comporta perante as formas de desenvolvimento atual, o que fica e o que se renova em suas práticas cotidianas. Um registro para, quem sabe, no futuro, entender o que estamos pensando e sobre como se vivia e se vive hoje. É importante escrever, refletir, problematizar. Isso é forma de resistência de viver. Como nos conectamos e trazemos isso para a ciência, pensando e problematizando modos de vida e a vida cotidiana que é nossa ferramenta de atuação política no dia a dia.

Pelo fato de eu ser frequentador da região, devido ao vínculo com a UFRPE³ e morador de uma área próxima geograficamente, a Vila do Mussu⁴, desde 2015, as histórias e a observação empírica me inspiraram e me conectaram com o local, mostrando o que eu realmente queria entender e o que seria afinal o tema de minha pesquisa.

O interesse por entender a dinâmica dos moradores/as dessas casas, parte das histórias contadas pelo Sr. Fernando Beiramar, antigo frequentador da região, mas não morador. Ele, que por muitos anos trabalhou na COMPESA, é conhecedor de grande parte das pessoas que moram nas casas. Muito ele falava sobre os mais

³ Ao longo da formação, foram quatro anos e meio na graduação em Administração e mais dois anos e meio no Programa de Pós-Graduação em Consumo, Cotidiano e Desenvolvimento Social, totalizando sete anos de vínculo formal com a instituição.

⁴ Região a menos de 1 km da Praça de Dois Irmãos, mas separados pela BR-101, que traz uma marca de separação territorial importante para compreender as relações espaciais.

antigos que moram ali e que carregam muita história, pois o local vinha como Vila desde o tempo da antiga DSE, atual COMPESA.

Também a possibilidade de pensar esta relação, da Universidade com o espaço, a partir de uma perspectiva acadêmica, pesquisando a comunidade do entorno que é afetada pela mesma em diferentes aspectos, é uma motivação pessoal do pesquisador.

Estamos falando de uma região que em muito se modificou devido a atuação da UFRPE, que há mais de 80 anos se instalou em Dois Irmãos, e ao longo de todo esse tempo trouxe muitas pessoas que mexeram na dinâmica do espaço físico e mesmo pelo movimento de urbanização decorrente das consequentes expansões, assim como os milhares de estudantes que já passaram pela instituição e o corpo de trabalhadores e trabalhadoras que ao longo dos anos foi ajudando a moldar muito de como a região hoje se configura.

A abordagem a partir do conceito do cotidiano é, por sua vez, de grande contribuição dentro do Programa de Pós-Graduação em Consumo, Cotidiano e Desenvolvimento Social, pois está ligado com sua proposta de entendimento da sociedade através do olhar para o dia a dia das pessoas, e de como elas vivem e estabelecem relações em uma sociedade com tantos ataques às nossas vontades, às nossas escolhas, às nossas liberdades.

Objetivo geral:

- Investigar as relações entre as práticas cotidianas e a construção de um modo de vida baseado nas experiências partilhadas, conectado ao território físico e a trajetória individual de cada um dos moradores e moradoras das casas do entorno da Praça de Dois Irmãos.

Objetivos específicos:

- Inventariar as práticas cotidianas associadas às dimensões escolhidas para abordagem;
- Verificar as determinações e importância dessas práticas na construção de um modo de vida baseado nas experiências partilhadas, nos indivíduos pesquisados.

Pelas características da pesquisa, uma abordagem com inspiração

etnográfica foi escolhida, utilizando duas de suas principais ferramentas, a observação participante e a entrevista, que no nosso caso foi do tipo semi estruturada. Também foi realizada uma pesquisa bibliográfica de cunho exploratória, para construção da história do bairro de Dois Irmãos, entendendo os movimentos importantes dentro do pedaço escolhido para análise, que se confunde com os espaços de origem da povoação.

Foram entrevistados moradores/as de 11 casas⁵ que, de uma esquina a outra, compõem o entorno da Praça de Dois Irmãos. Cinco dimensões foram abordadas na entrevista, sendo elas: histórico de ocupação da residência, relação com o antigo DSE (atual COMPESA), abordagem acerca do comércio, relações familiares e de vizinhança, e a Praça de Dois Irmãos, porque compreendemos que estas dimensões são importantes para dar dimensão para a questão do espaço.

Essas dimensões foram construídas a partir, principalmente, da pesquisa realizada por Certeau e seus alunos, Pierre Mayol e Luce Giard, que culminaram nos livros *A Invenção do Cotidiano 1 e 2*. Por ser uma pesquisa de referência dentro da abordagem da antropologia urbana, este trabalho constituiu-se dentro de sua perspectiva, sendo entendidos os pontos importantes para o contexto inerente ao nosso espaço. A pesquisa de Braga (2015) que buscou a caracterização de modo de vida também inspirou a construção das ferramentas de campo.

O primeiro capítulo traz a fundamentação teórica da pesquisa, construída a partir das categorias *cotidiano*, onde foram usadas as reflexões de Michel de Certeau (1994 e 2013), Agnes Heller (2000) e Henri Lefebvre (1991); *modo de vida*, com uma revisão de literatura que discute o uso do termo e suas principais características; e *pedaço*, categoria construída por Guilherme Magnani (1996, 1998 e 2002), onde trazemos também pesquisas que contextualizam nossa abordagem a partir de outros recortes.

A ideia é integrar os três conceitos principais buscando a contextualização para o nosso caso. Estamos falando principalmente de localizar o que Magnani entende como pedaço, dentro da perspectiva do “bairro” que é utilizada nos estudos de Certeau, aplicando o método de pesquisa que foi realizado na França a partir das especificidades do nosso território, que se enquadra como um pedaço dentro de um

⁵ Na área da pesquisa, as casas do final da Rua Dois Irmãos no entorno da Praça de Dois Irmãos, consta um total de 13 residências, com construção que remontam aos tempos do DSE, mas 2 casas preferiram não participar da pesquisa. Em cada residência um morador foi entrevistado.

bairro com outras dinâmicas também.

O segundo capítulo traz a metodologia utilizada no trabalho, discutindo o tipo de abordagem, o meio escolhido e as ferramentas usadas. Descreve a aplicação dos métodos, explica a escolha do universo de amostragem e como foi realizada a pesquisa de campo.

O terceiro capítulo reúne o resultado da pesquisa de campo, iniciando com a história do bairro de Dois Irmãos, seguindo com um relato do trabalho de campo e culminando com os resultados das entrevistas e das observações participantes divididos pelas cinco dimensões abordadas, quais sejam: histórico de ocupação da residência; relação com o antigo DES (atual COMPESA) e outros locais de trabalho; abordagem acerca do comércio; relações familiares e de vizinhança; e a Praça de Dois Irmãos. Sendo feita a escolha, dentro dos entrevistados, dos interlocutores que mais contribuíram nas diferentes dimensões, ainda que considerando as outras contribuições. Esse material é construído também com o uso de imagens obtidas de arquivos e de registros fotográficos dos espaços visitados e do entorno, como forma de dar maior visibilidade aos elementos que aparecem nas entrevistas.

Por fim, algumas considerações finais são tecidas para localizar o que foi percebido no campo dentro da perspectiva das mudanças no cotidiano dos moradores/as e trazer propostas de continuidade de estudos sobre o tema.

Capítulo 1 O modo de vida e o cotidiano como lentes para compreender os diferentes "pedaços" das cidades

Este capítulo tem a proposta de trazer os conceitos que embasam essa pesquisa, sendo eles cotidiano, modos de vida e espaço. Esses são os conceitos importantes para entender o nosso fenômeno e a partir de que abordagens iríamos trabalhar.

Através da perspectiva trazida principalmente pelos autores Agnes Heller, Michel de Certeau, Henri Lefebvre e Guilherme Magnani, além de uma revisão de literatura na perspectiva de trazer outros estudos semelhantes que contextualizam este trabalho, o capítulo reflete sobre os temas que pensamos importantes, através também de outras pesquisas que foram realizadas com maior repercussão.

As dimensões que foram elencadas na pesquisa de campo são baseadas nessas pesquisas que além de aporte teórico conceitual são exemplos de práticas de pesquisa de campo com recortes semelhantes.

2.1 O cotidiano

Ao estudar o cotidiano, estamos falando da vida comum, das práticas que dia a dia se sucedem e constroem um perfil onde cada um coloca sua personalidade e suas vontades, sem esquecer a influência do meio. Muitas dessas práticas se dão em forma de confrontação com os padrões estratégicos traçados pela sociedade de consumo para a vida humana a partir de seu posicionamento socioeconômico.

Não podemos negar o fato de estarmos inseridos em uma sociedade de consumo que se empenha em modelar nossa vida, dando estímulos contínuos para que sejamos um tipo ideal criado para preencher brechas sociais e contribuindo para a construção de uma sociedade baseada na aquisição de bens materiais para suprir necessidades muitas vezes inventadas. Colin Campbell (2001) desenha muito bem como essas necessidades são vitais para o funcionamento do consumo moderno.

O mistério é mais fundamental do que qualquer desses e se refere a própria essência do consumo moderno - a seu caráter, como uma atividade que envolve uma busca interminável de necessidades. O aspecto mais característico do consumo moderno é essa insaciabilidade. Como observa Fromm, "O homem contemporâneo

tem uma fome ilimitada de mais e mais bens”, ou, como expressa Neill, o consumidor moderno deve aprender a “tensão econômica”, isto é, a compreensão de que todas essas necessidades e desejos jamais serão satisfeitos. Isso nunca pode acontecer, por causa do processo aparentemente interminável da reposição, que assegura: quando uma necessidade é preenchida, diversas outras habitualmente aparecem, para lhe tomar o lugar. (CAMPBELL, 2001, p. 58)

Lefebvre (1991) traz também a questão das necessidades estimuladas dentro do que ele entende como a Sociedade Burocrática do Consumo Dirigido, onde a satisfação passa a ser o foco para o consumidor. Só que ela nunca chega por completo, e a sua vida passa a ser uma busca constante desse ideal por vezes mais perto, por vezes mais distante.

O fim, o objetivo, a legitimação oficial dessa sociedade é a *satisfação*. Nossas necessidades conhecidas, estipuladas são ou serão satisfeitas. Em que consiste a satisfação? Em uma saturação tão rápida quanto possível (quanto às necessidades que podem ser pagas). A necessidade se compara a um vazio, mas bem definido, a um oco bem delimitado. O consumo e o consumidor enchem esse vazio, ocupam esse oco. É a saturação. Logo que atingida, a satisfação é solicitada pelos mesmos dispositivos que engendraram a saturação. Para que a necessidade se torne rentável, é estimulada de novo, mas de maneira um pouquinho diferente. As necessidades oscilam entre a satisfação e a insatisfação, provocadas pelas mesmas manipulações. Desse modo, o consumo organizado não divide apenas os objetos, mas a satisfação criada pelos objetos. (LEFEBVRE, 1991, p. 89)

Nesse mesmo capítulo, o autor segue argumentando sobre o domínio das práticas cotidianas que acabam por caracterizar a sociedade do consumo dirigido, baseado em todo um escopo montado para articular as necessidades das pessoas, sendo gerado um produto principal por si só que é o próprio cotidiano, de primordial interesse para estimular o consumo dentro de um modelo hegemônico.

O cotidiano torna-se objeto de todos os cuidados: domínio da organização, espaço-tempo da auto-regulação voluntária e planejada. Bem cuidado, ele tende a construir um sistema com um bloqueio próprio (produção-consumo-produção). Ao se delinear as necessidades, procura-se prevê-las; encurrala-se o desejo. Isso substituiria as auto-regulações espontâneas e cegas do período da concorrência. A cotidianidade se tornaria assim, a curto prazo, o sistema único, o sistema perfeito, dissimulado sob os outros que o pensamento sistemático e a ação estruturante visam. Nesse sentido,

a cotidianidade seria o principal produto da sociedade dita organizada, ou de consumo dirigido, assim como a sua moldura, a Modernidade. Se o círculo não consegue fechar-se, não é por falta de vontade nem de inteligência estratégica: é porque “alguma coisa” de irreduzível se opõe. (LEFEBVRE, 1991, p. 82)

Apesar da realidade muito bem desenhada por Lefebvre e Campbell dentro da sociedade do consumo, Certeau (1994), traz em seu livro *A Invenção do Cotidiano 1: Artes de fazer*, as possibilidades de resistência que pessoas comuns tem através justamente da vida cotidiana, trabalhando contra a completa alienação de suas escolhas mais ordinárias.

A razão técnica acredita que sabe como organizar do melhor modo possível pessoas e coisas, a cada um atribuindo um lugar, um papel e produtos a consumir. Mas o homem ordinário escapa silenciosamente a essa conformação. Ele inventa o cotidiano graças às artes de fazer, astúcias sutis, táticas de resistência pelas quais ele altera os objetos e os códigos, se reapropria do espaço e do uso a seu jeito. (CERTEAU, 1994, contracapa)

Essa chamada de Certeau nos faz refletir sobre o papel de resistência trazido pela vida cotidiana. Com essa ideia podemos pensar melhor o caminho como entendemos o cotidiano nesta pesquisa, dentro de que contexto pretendemos refletir. A forma como vivemos dia após dia, fala de nossa luta e explicita o nosso modo de vida, sendo reflexo de como utilizamos os sistemas a que nos submetemos, tratando-se de clara ferramenta resistência.

Lefebvre (1991) chama a atenção para a forma como as pessoas olham para as situações, trazendo na relação do imaginário com as práticas cotidianas uma forma de relevar as pressões sofridas pelas estruturas.

Cada um e cada uma lê à sua maneira, situa de acordo com os seus gostos o que lê no concreto ou no abstrato, no pragmático ou no sonho. Cada um sonha com o que vê e vê aquilo com que sonha. [...] Cada um pede a cada dia (ou cada semana) sua ração de cotidiano. No entanto, o imaginário, com relação à cotidianidade prática (pressão e apropriação), tem um papel: mascarar a predominância das pressões, a fraca capacidade de apropriação, a acuidade dos conflitos e os problemas “reais”. (LEFEBVRE, 1991, p. 99)

Para Michael de Certeau, o cotidiano é aquilo que nos é dado a cada dia, é o que nos pressiona dia após dia, que nos oprime no presente, mesmo invisível. Ele

busca encontrar os meios para distinguir maneiras de fazer, para pensar estilos de ação, ou seja, fazer a teoria das práticas, propondo algumas maneiras de pensar as práticas cotidianas dos indivíduos, supondo no ponto de partida que elas são do tipo tático, em contrapartida ao tipo estratégico que as estruturas comandam. (CERTEAU, 1994)

Nesse sentido, as ideias de tática e estratégia ajudam a entender como “comandos” que vem de cima tentam nos direcionar a atitudes que interessam a quem detém o poder da sociedade de consumo e, nós, através do nosso modo de vida, construímos e respondemos com nossas táticas cotidianas. Com maior ou menos esforço, somos capazes de nos adaptar e colocar em nossas atitudes muito do que podemos fazer para continuar sobrevivendo, mesmo que os estímulos para que sigamos outros padrões comportamentais sejam contínuos, através das grandes estratégias hegemônicas.

Chamo de tática a ação calculada que é determinada pela ausência de um próprio. Então nenhuma delimitação de fora lhe fornece a condição de autonomia. A tática não tem por lugar senão o do outro. E por isso deve jogar com o terreno que lhe é imposto tal como organiza a lei de uma força estranha. Chamo de estratégia o cálculo (ou a manipulação) das relações de forças que se torna possível a partir do momento em que um sujeito de querer e poder (uma empresa, um exército, uma cidade, uma instituição científica) pode ser isolado. A estratégia postula um lugar suscetível de ser circunscrito como algo próprio e ser a base de onde se podem gerir as relações com uma exterioridade de alvos ou ameaças. (CERTEAU, 1994, Página 100)

Ainda que os mais fracos não tenham o poder de elaborar as estratégias, estabelecem cotidianamente táticas de resistência, de reação. Esta pesquisa diz respeito a isto, através do fenômeno da permanência em um pedaço da cidade que segue desenvolvendo-se de suas práticas.

O que seria então a vida cotidiana? Podemos dizer que a vida cotidiana é a vida de toda pessoa em sua individualidade. É a vida que todos nós vivemos, dia a dia e onde colocamos em funcionamento nessa individualidade e personalidade. A definição de Agnes Heller (2000) ajuda a construir o conceito que escolhemos para a pesquisa.

A vida cotidiana é a vida de todo homem. Todos a vivem, sem nenhuma exceção, qualquer que seja seu posto na divisão do

trabalho intelectual e físico. Ninguém consegue se identificar com sua atividade humano-genérica a ponto de poder desligar-se inteiramente da cotidianidade. E, ao contrário, não há nenhum homem, por mais "insubstancial" que seja, que viva tão somente na cotidianidade, embora essa o absorva preponderantemente. A vida cotidiana é a vida do homem inteiro; ou seja, o homem participa na vida cotidiana com todos os aspectos de sua individualidade, de sua personalidade. Nela, colocam-se "em funcionamento" todos os seus sentidos, todas as suas capacidades intelectuais, suas habilidades manipulativas, seus sentimentos, paixões, ideias, ideologias. (HELLER, 2000, p. 17)

Não escolhemos viver a vida cotidiana, e também não podemos viver somente ela, não cabe essa decisão a nós. Mas cabe a decisão de como vivê-la e que princípios irão conduzi-la. Não são decisões que possam demandar muita reflexão e, cada vez mais, nos deparamos com aspectos novos por trás das simples atividades do dia a dia. As estruturas tendem a se desenvolver para abarcar novas possibilidades de dominação da nossa vida, e como enfrentamos esses atores diz muito de nosso modo de vida em nosso cotidiano.

Como consequência de sua construção tão intensa, a vida cotidiana não prevê destacamento para alguma de suas atividades. É como se todas as atividades se distribuíssem de maneira a contemplar uma totalidade que se mostra essencial, em sua forma, para o indivíduo que a vive. As coisas são feitas para atender uma necessidade global de construção das atitudes, onde, naturalmente, não devemos colocar intensidade demais em alguma atividade sob pena de prejuízos das outras, e juntas são necessárias para a fluidez do todo.

O fato de que todas as suas capacidades se coloquem em funcionamento determina também, naturalmente, que nenhuma delas possa realizar-se, nem de longe, em toda sua intensidade. O homem da cotidianidade é atuante e fruidor, ativo e receptivo, mas não tem nem tempo nem possibilidade de se absorver inteiramente em nenhum desses aspectos; por isso, não pode aguçá-los em toda sua intensidade. (HELLER, 2000, p. 17)

Mediante o entendimento da importância da individualidade, inerente ao cotidiano que se desenha para cada pessoa, percebemos a maneira heterogênea com que se mostra o cotidiano. Muitas vezes podemos perceber diferenças nos conteúdos de cada vida cotidiana, onde diferentes atividades se mostram em diferentes pessoas. Outras vezes podemos perceber uma diferença de significação,

onde mesmas atividades podem ser consideradas sob diferentes aspectos, e por consequência, aparecerem de uma forma ou de outra, com menor ou maior importância. Outra forma de diferenciação básica é a hierarquização das atividades, que em diferentes sociedades ou época, pode apresentar perfis de organização a partir da importância dada a cada coisa, que impacta definitivamente no cotidiano de cada um.

A vida cotidiana é, em grande medida, heterogênea; e isso sob vários aspectos, sobretudo no que se refere ao conteúdo e à significação ou importância de nossos tipos de atividade. Mas a significação da vida cotidiana tal como seu conteúdo, não é apenas heterogênea, mas igualmente hierárquica. Todavia, diferentemente da circunstância da heterogeneidade, a forma concreta da hierarquia não é eterna e imutável mas se modifica de modo específico em função das diferentes estruturas econômico-sociais. Assim, por exemplo, nos tempos pré-históricos, o trabalho ocupou um lugar dominante nessa hierarquia; e, para determinadas classes trabalhadoras (para os servos, por exemplo), essa mesma hierarquia se manteve durante ainda muito tempo; toda a vida cotidiana se constituía em torno da organização do trabalho, à qual se subordinavam todas as demais formas de atividade. Em troca para a população livre da Ática do século V antes de nossa era ocupavam o lugar central da vida cotidiana a atividade social a contemplação, o divertimento (cultivo das faculdades físicas e mentais), e as demais formas de atividade agrupavam-se em torno destas numa gradação hierárquica. (HELLER, 2000, p. 18)

A partir desse entendimento, vemos que o cotidiano não é construído isoladamente por cada um, ou mesmo de maneira autônoma. Existe um arcabouço de condições que criam o escopo do cotidiano a ser tomado pelo indivíduo. As suas ações e escolhas estão pautadas em sua inserção na sociedade, seja o local ou a época, basicamente, em que nasceu.

O homem nasce já inserido em sua cotidianidade. O amadurecimento do homem significa, em qualquer sociedade, que o indivíduo adquire todas as habilidades imprescindíveis para a vida cotidiana da sociedade (camada social) em questão. É adulto quem é capaz de viver por si mesmo a sua cotidianidade. (HELLER, 2000, p. 18)

Entendendo a influência da sociedade no cotidiano de cada um, percebemos que o cotidiano reflete o que foi ou é, tal sociedade em que o indivíduo, naturalmente, nasceu. A partir da compreensão do indivíduo como ser reflexo de seu

contexto social, tanto espacial como temporal, podemos perceber a importância na leitura desse cotidiano e no registro das práticas que o compõem. Dessa forma, estamos construindo um material que embasa e ajuda na construção dos grandes fatos históricos.

A vida cotidiana não está "fora" da história, mas no "centro" do acontecer histórico: é a "verdadeira essência" da substância social. As grandes ações não cotidianas que são contadas nos livros de história, partem da vida cotidiana e a ela retornam. Toda grande façanha histórica concreta torna-se particular e histórica precisamente graças a seu posterior efeito na cotidianidade. O que assimila a cotidianidade de sua época assimila também, com isso, o passado da humanidade, embora tal assimilação possa não ser consciente, mas apenas "em si". (HELLER, 2000, p. 20)

Agnes Heller (2000) chama esse misto de individualidade e de atendimento aos padrões sociais, na construção do cotidiano, de ser particular e ser genérico. Não que sejam características que vão atuar como diferenciadoras de outros animais, que também permitem a si essa divisão na construção de suas práticas cotidianas, mas as pessoas trazem através dessa particularidade, a sua individualidade, mostrando suas diferenças em relação aos outros seres humanos, que, talvez, reflitam em suas diferenças em relação a muitos outros seres, pois não seria apenas um isolamento, mas sim uma individualidade na construção social.

O indivíduo é sempre, simultaneamente, ser particular e ser genérico. Considerado em sentido naturalista, isso não o distingue de nenhum outro ser vivo. Mas, no caso do homem, a particularidade expressa não apenas seu ser "isolado", mas também seu ser "individual". (HELLER, 2000, p. 20)

Certeau (2013) mostra que a vida cotidiana pode se organizar segundo dois aspectos:

Os comportamentos, cujo sistema se torna visível no espaço social da rua e que se traduz pelo vestuário, pela aplicação mais ou menos estrita dos códigos de cortesia (saudações, palavras "amistosas", pedido de "notícias"), ritmo do andar, ou o modo como se evita ou ao contrário se valoriza este ou aquele espaço público. E os benefícios simbólicos que se espera obter pela maneira de "se portar" no espaço do bairro: o bom comportamento "compensa", mas o que traz de bom? (CERTEAU, 2013, Página 38)

Essa divisão e seu entendimento não obedecem a parâmetros claros e objetivos, pois é fruto da interpretação de cada indivíduo, sendo baseada em sua construção social, não sendo, na maioria das vezes, pautado no campo da racionalidade. É preciso fazer parte do contexto para entender os comportamentos e seus respectivos benefícios. Podemos buscar o conceito de conveniência para melhor compreender o quanto cada um coloca de si para a vida social e constrói seu cotidiano a partir das convenções sociais, que embasam os comportamentos e seus benefícios.

A conveniência é grosso modo comparável ao sistema de "caixinha" (ou "vaquinha"): representa, no nível dos comportamentos, um compromisso pelo qual cada pessoa, renunciando à anarquia das pulsões individuais, contribui com sua cota para a vida coletiva, com o fito de retirar daí benefícios simbólicos necessariamente protelados. Por esse "preço a pagar" (saber "comportar-se", ser "conveniente"), o usuário se torna parceiro de um contrato social que ele se obriga a respeitar para que seja possível a vida cotidiana. (CERTEAU, 2013, Página 39)

No âmbito das cinco dimensões levadas para o trabalho de campo, a conveniência aparece mais na perspectiva da Relação com a vizinhança e familiares, justamente nos acordos intrínsecos de convivência, que mesmo não escritos ou referendados em algum documento, são percebidos nas diferentes épocas em que confrontamos o olhar.

É bom contextualizar que a elaboração das pautas direcionadoras das entrevistas dessa pesquisa, assim como o roteiro de observação participante com os assuntos pertinentes para abordagem, são inspirados no livro de Certeau, *A Invenção do Cotidiano 2. Morar, cozinhar*, em que seu discípulo Pierre Mayol desenvolve um minucioso trabalho de antropologia urbana com os moradores/as de uma bairro operário de Lyon.

O método escolhido consiste em unir duas vertentes de uma mesma abordagem, tendo como ponto de referência a encenação da vida cotidiana, tecendo relações com o espaço público onde ela se desenrola, valorizando o vínculo entre o espaço privado e o espaço público os percursos empreendidos pelos usuários para passar de um ao outro. A pesquisa traz um retrato da vida cotidiana de uma família, que o pesquisador faz, ao longo de uma janela de tempo bem maior do que a da pesquisa dessa dissertação, com detalhes, seguindo caminhos muito bem

delimitados, com o apoio de uma observação em uma janela grande de tempo, podendo construir, ao final, um texto que representa bem o que foi visto no campo, apresentando suas descobertas de uma forma fluida de ler e entender.

Através da leitura dos temas que foram gerados e da sistematização que se alcançou, foi possível construir um roteiro que contemplasse aspectos da vida cotidiana importantes de serem abordados e, principalmente, a forma como seria abordado, o olhar que seria levado.

Outra forma importante de pensar o cotidiano é através de suas práticas culturais, que inevitavelmente são quem refletem suas ideias e atitudes tanto em relação a si quanto ao outro, na vida social. Certeau (2013) traz os elementos que embasam e constroem essas práticas e que tem suas consequências últimas nos comportamentos diários de cada pessoa. Essa é a perspectiva adotada nesta pesquisa, as práticas cotidianas e o viver como elementos últimos de análise acadêmica, trazer para o universo teórico, práticas que pessoas anônimas vivem em seu cotidiano.

Pode-se então compreender melhor o conceito de "prática cultural": esta é a combinação mais ou menos coerente, mais ou menos fluida, de elementos cotidianos concretos (menu gastronômico) ou ideológicos (religiosos, políticos), ao mesmo tempo passados por uma tradição (de uma família, de um grupo social) e realizados dia a dia através dos comportamentos que traduzem em uma visibilidade social fragmentos desse dispositivo cultural, da mesma maneira que a enunciação traduz na palavra fragmentos de discurso. "Prático" vem a ser aquilo que é decisivo para a identidade de um usuário ou de um grupo, na medida em que essa identidade lhe permite assumir o seu lugar na rede das relações sociais inscritas no ambiente. (CERTEAU, 2013, Página 40)

Heller (2000) entende que muitas vezes, essas escolhas que vão crescendo do ponto de vista de importância de compromisso pessoal, de risco, entre outros fatores, vão de certa forma, se elevando em relação ao nível de decisão das estruturas cotidianas, passando a uma intensidade maior do nível da moral nas ações comportamentais. Assim, passamos a partir de uma perspectiva de atividade da nossa vida, quando colocado muito peso em relação a sua priorização, a destacar outras práticas comportamentais em vistas de corresponder à determinada relação que se coloque como mais interessante para a atividade em questão.

É importante lembrar que a mesma autora também fala da dificuldade em

traçar uma linha divisória rigorosa e rígida entre o comportamento cotidiano e o não cotidiano. Mas um exemplo ajuda a entender melhor essa divisão, quando pensamos em uma decisão política, ela nos eleva a outros tipos de pensamento para escolher, seja uma ideologia, uma atividade histórica, ou outras possibilidades diversas que podem incidir sob essa decisão. Mas quando tomamos a nossa decisão, e aquilo vira costume para nós, passamos a replicar na nossa cotidianidade essa escolha. (HELLER, 2000).

O pensamento cotidiano orienta-se para a realização de atividades cotidianas e, nessa medida, é possível falar de unidade imediata de pensamento e ação na cotidianidade. (HELLER, 2000, p.31)

Outro elemento fundamental de caracterização da vida cotidiana é a espontaneidade, consequência inclusive do pensamento em unidade com a ação, pois assim “preservamos” um jeito mais natural de organização do nosso comportamento. Quando alçamos as reflexões a um nível elevado em relação às demandas necessárias às simples decisões cotidianas, acabamos por trazer uma rigidez excessiva aos processos, dificultando o fluxo das atividades do dia a dia.

A característica dominante da vida cotidiana é a espontaneidade. É evidente que nem toda atividade cotidiana é espontânea no mesmo nível, assim como tampouco uma mesma atividade apresenta-se como idênticamente espontânea em situações diversas, nos diversos estágios de aprendizado. Mas, em todos os casos, a espontaneidade é a tendência de toda e qualquer forma de atividade cotidiana. (HELLER, 2000, p.31)

Isso se reflete em todo o processo de estruturação da vida cotidiana, como já vimos antes, seja na perspectiva hierárquica, particular, genérica, de coletividade, entre outros, a cotidianidade se referencia na espontaneidade das ações, que traz a efetivação, na prática, do que está intrínseco no indivíduo através de suas variadas construções.

A assimilação do comportamento consuetudinário, das exigências sociais e dos modismos, a qual, na maioria dos casos, é uma assimilação não tematizada, já exige para sua efetivação a espontaneidade. Pois, se nos dispuséssemos a refletir sobre o conteúdo de verdade material ou formal de cada uma de nossas formas de atividade, não poderíamos realizar nem sequer uma fração das atividades cotidianas imprescindíveis; e, assim, tornar-se-iam impossíveis a produção e a reprodução da vida da sociedade

humana. (HELLER, 2000, p.29)

Outro tema importante para o arcabouço da vida cotidiana é a vida familiar, como as relações familiares se mostram na prática dependerá de muitos fatores, mas Certeau (2013) destaca um principal, a proximidade. Podemos encontrar as bases fundamentadas numa lógica parecida com a abordagem da relação espaço-temporal trazida quando falamos dos deslocamentos para o trabalho, saindo do bairro.

Se os parentes do indivíduo moram distantes, existe uma tendência natural que os vínculos familiares sejam menos intensos, pela inerente condição de distanciamento geográfico que impede uma frequência maior de convívio. Assim, sua vida cotidiana não será muito influenciada pela relação com seus familiares, em caso oposto ao de quem mora perto de seus familiares onde muitas vezes tem diversas atividades ligadas à realidade dos parentes.

O fator proximidade é o que surge em primeiro lugar: fundamental, por favorecer a frequência das visitas, das entrevistas e, sobretudo, das refeições familiares. A proximidade no espaço urbano é fator decisivo para o funcionamento das relações familiares. (CERTEAU, 2013, p. 84)

Essa ideia foi abordada principalmente através da dimensão Relação com a família, na perspectiva de entender a proximidade geográfica com os parentes e mesmo a frequência de encontros e oportunidades de conviver. Essas ideias trazidas são o arcabouço principal que ajudaram a construir o que seria o cotidiano para essa pesquisa, e conseqüentemente nortear a abordagem do campo, dando horizontes de atuação. Podemos trazer a expressão “condução da vida”, na visão de Heller (2000), para contextualizar que o cotidiano fala de uma vida própria, e embora dentro de uma lógica organizadora, percebemos as táticas que impõem a marca da personalidade nos comportamentos.

A condução da vida supõe, para cada um, uma vida própria, embora mantendo-se a estrutura da cotidianidade; cada qual deverá apropriar-se a seu modo da realidade e impor a ela a marca de sua personalidade. (HELLER, 2000, p. 40)

Assim, através da forma como conduzimos nossa vida e construímos a nossa

vida cotidiana, vamos dando forma ao nosso modo de vida, com toda nossa construção histórica e a trajetória de vida, com suas relações, suas abordagens e também sua relação com o meio, principalmente através do território ao qual nos sentimos parte.

2.2 Modos de vida

O conceito de modos de vida demanda um esforço teórico para seu entendimento, haja vista que uma maior precisão em sua definição não é encontrada na vasta literatura disponível sobre o conceito. Muitas vezes o termo mistura-se com estilo de vida, forma de vida, meio de vida, gênero de vida e até meios de subsistência, condições de vida e concepções de vida, pois diversas traduções para o português, principalmente francesas e inglesas, de termos como “mode de vie”, “style de vie”, “genre de vie”, lifestyle, livelihood, way of life e mode of life, abarcando todos como sinônimos, faz com que o conteúdo semântico de modos de vida se misture, fazendo também com que o texto em língua portuguesa, muitas vezes, não corresponda à ideia concebida em sua língua original. (BRAGA, 2015)⁶

Muitos desses termos são usados como sinônimos, principalmente estilo de vida e modos de vida, que diferentes autores utilizam de maneira algumas vezes confusa. Mas também são, muitas vezes, usados como complementares para melhor entendimento nas situações que por ventura necessitem de maior aprofundamento teórico.

Modo de vida se mostra mais vinculado a parâmetros culturais estabelecidos face ao meio social em que se vive, e o conceito de estilo de vida vincula-se à demarcação de diferenças e hierarquias subliminares entre indivíduos de camadas sociais diferentes. (BRAGA, 2015, p. 41)

O estilo de vida, segundo Bourdieu (1983), é um demarcador simbólico das diferenças entre classes, visível no *habitus*⁷, que exprimem os gostos e preferências

⁶ É possível aprofundar essa discussão na tese de Gustavo Braga intitulada “Por uma caracterização dos territórios segundo o modo de vida rural e/o urbano”.

⁷ Constituinte num tipo determinado de condições materiais de existência, esse sistema de esquemas geradores, inseparavelmente éticos ou estéticos, exprime segundo sua lógica própria a necessidade dessas condições em sistemas de preferências cujas oposições reproduzem, sob uma forma transfigurada e muitas vezes irreconhecível, as diferenças ligadas à posição na estrutura da

dos indivíduos, bem como suas necessidades objetivas. Sendo assim, o conceito de estilo de vida se refere mais à questão da demarcação de diferenças entre indivíduos de camadas sociais diferentes, uma especificidade que se coloca como contraponto em relação ao conceito de modos de vida, onde pessoas de diferentes classes podem compartilhar de um modo de vida em comum.

Um fator importante para o entendimento do conceito de modos de vida é a consideração de sua ligação com o meio físico, o espaço concreto de efetiva ocupação dos indivíduos, podendo o modo de vida ser entendido como formas de adaptação de um grupo humano ao meio geográfico, pois um dos caminhos para compreender as características que os assentamentos humanos imprimem ao espaço, pode ser através da observação do modo de vida que seus habitantes praticam historicamente (BRAGA, 2015).

A pesquisa de Braga (2015), inclusive foi uma importante inspiração para a construção de modo de vida para este trabalho, principalmente com os parâmetros que trouxeram essa abordagem dentro das observações e entrevistas, posteriormente. A tabela que consta em sua tese, apesar de ter um viés funcionalista e trazendo o olhar direcionado para a diferenciação entre o rural e o urbano, ilustra importantes dimensões caracterizadoras de modos de vida, que no nosso caso pairou mais na perspectiva de um modo de vida comunal, mais primário e próximo, frente a um modo de vida societal, mais frio e distante.

Modo de Vida	
1. Padrões de Consumo 1.1 Alimentação 1.2 Lazer	5. Práticas Culturais e de Lazer 5.1 Práticas Religiosas 5.2 Práticas Esportivas 5.3 Bailes 5.4 Bares 5.5 Outras Atividades de Lazer
2. Modos de morar 2.1 Meios de Comunicação 2.2 Meios de Transporte 2.3 Estrutura Física da Casa	6. Práticas Políticas e Associativas 6.1 Movimentos Sociais 6.2 Associação/Cooperativa

distribuição dos instrumentos de apropriação, transmutadas, assim em distinções simbólicas. (BOURDIEU, 1983)

3. Tempo Gasto 3.1 No trabalho 3.2 Para o lazer	7. Acesso a Serviços 7.1 Escola 7.2 Comércio 7.3 Saúde
4. Trabalho 4.1 Tipo de trabalho 4.2 Realização do trabalho	8. Formas de Pensar 8.1 Perspectiva de Felicidade

Quadro 2: Dimensões do Modo de Vida. Fonte: Adaptado de quadro de BRAGA (2015)

A partir da análise do conceito de modos de vida e suas relações com outros termos próximos, podemos encontrar elementos que dizem respeito a diversos campos da ciência, como a sociologia, a antropologia, a geografia e até a psicologia, sendo uma construção que abarca o ser humano e suas relações com os elementos que constituem suas práticas sociais.

Para o entendimento dos modos de vida, é necessária atenção para muitas questões, mergulhando no entendimento de que um tecido complexo de fatores contribui para a construção do modo de viver de um indivíduo, abarcando estruturas e atores, carga histórica e práticas cotidianas e mesmo percepções objetivas e subjetivas da realidade. Esses elementos são entendidos a partir do esquecimento de parâmetros pessoais de entendimento do mundo e o mergulho nos paradigmas dos outros indivíduos, entendendo que a cultura é dinâmica e surpreendente. (BOURDIEU, 1983)

Assim sendo, os modos de vida são encontrados no nível da vida cotidiana. O cotidiano, por sua vez, abarca as esferas familiar e privada, além das mais diversas atividades como lazer e consumo, sendo de inevitável interesse para o entendimento da temática. No estudo do cotidiano, é quase impossível encontrar denominadores comuns que generalizem práticas abarcando-as em conceitos estáticos, muito porque esse campo forma um sistema específico definido por uma lógica interna de organização. Dessa forma, algumas pesquisas sobre os modos de vida partem da análise da relação entre as diferentes práticas cotidianas inerentes às atividades corriqueiras dos indivíduos nos mais diversos espaços de socialização, e outras partem das relações que essas práticas estabelecem com as relações sociais mais gerais (GUERRA, 1993).

Como aponta Godard (apud LOBO, 1992), o dilema da sociologia dos modos

de vida está dividido entre uma abordagem da vida cotidiana próxima à antropologia cultural e os estudos socioeconômicos e sociopolíticos do processo de produção dos objetos urbanos.⁸

Assim, as abordagens das práticas cotidianas próprias da antropologia cultural, são questões imprescindíveis e que apontam para formas de construção dos modos de vida não como estratégias definidas, mas como hábitos e práticas que permeiam campos sociais, enfatizando as tradições e suas representações, tanto quanto a internalização subjetiva de suas condições materiais de existência (LOPES, 1987).

Para Lacascade (apud LOBO, 1992), a temática dos modos de vida corresponde ao questionamento de uma epistemologia da causalidade.

São menos as estruturas sociais (grupos sociais, classes, lutas de classes, etc.) que determinam os modos de vida, mas ao contrário, as condutas é que seriam explicadores das estruturas sociais, através de critérios impalpáveis, originários da esfera cultural. (LACASCADE apud LOBO, 1992, p. 5)

Assim como trazido por Lacascade, entende-se que as estruturas que organizam os sistemas e os modos de ação coletiva não são dados naturais que aparecem por si só, e nem são resultado da construção aleatória de decisões individuais, mas sim as estruturas são sempre provisórias, fruto dos caminhos tomados pelos indivíduos. É importante lembrar que grande parte das pesquisas que pretendem desenhar os modos de vida fazendo uma radiografia das condições de vida e das formas de reprodução social acaba levando a abordagens fragmentadas das práticas sociais, presas no paradigma da causalidade que reflete das condições de vida as relações e práticas sociais, fragmentando as práticas de maneira perigosa e comprometedora.

Telles (apud LOBO, 1992) traz que uma abordagem dos modos de vida está entendida como algo que não se reduz aos indicadores objetivos das condições de vida, mas que é construído através de práticas e representações onde os indivíduos

⁸ A tematização moderna dos modos de vida está diretamente identificada com essa ambivalência, significando não uma extensão dos estudos sobre condições de vida ou sobre estratégias de sobrevivência, mas uma preocupação principal de ruptura da dicotomia entre condições e práticas subjetivas, pensadas sob a ótica da relação causa e efeito, ou mesmo das recorrentes ideias de recortes das relações sociais uma das outras, reduzindo-se às interações resultantes das estruturas. (GODARD apud LOBO, 1992)

lidam com essas condições. Assim, o modo de vida é um fio condutor para a análise das práticas sociais e para a construção simultânea e articulada de relações sociais, das representações e do próprio campo simbólico.

As diversas abordagens colocadas dos modos de vida mostram, na verdade, sua complexidade principalmente através da transdisciplinaridade a qual inevitavelmente recorre quando remete à discussão que opõe a lógica do sistema ou do mercado à recuperação da autonomia dos sujeitos sociais na sua grande mistura e diversidade, nas mais diversas expressões refletidas no campo simbólico, onde se transmutam estruturas em processos, inserindo-se na história.

Se, de um lado, o processo de homogeneização que decorre do próprio funcionamento das grandes estruturas, reforçada pelo decantado processo da globalização, impõe padrões massificadores, por outro lado, no contexto da vida cotidiana, reinventa-se e repõe-se continuamente para a diversificação. (MAGNANI, 1998)

A esse respeito SEABRA (2000) esclarece que a urbanização contemporânea entendida como processo de transformação qualitativa no modo de vida segue continuamente e coloca no horizonte a possibilidade de uma sociedade urbana. Nessa sociedade estariam profundamente alterados os modos de vida em relação a situações precedentes, pois, o sentido da urbanização tem conduzido ao domínio da impessoalidade implicando na alteração de todos os vínculos, na sujeição do tempo, do espaço, do corpo, aos ritmos e sentidos prescritos pela lógica do mercado.

Segundo SIMMEL (apud RAMOS, 2004), a vida metropolitana nos remete à ideia de um espaço do indivíduo, do solitário imerso na multidão, tornando-se as antigas relações face a face mais residuais (não que tais relações de proximidade deixem de existir, mas não são mais predominantes). O que se impõe cada vez mais é a impessoalidade. Assim, hoje é possível fazer as compras do supermercado sem sair de casa, sem ter que ir à rua, este local inóspito, violento, feio e perigoso. Parece que o modo de vida metropolitano acentua de maneira brutal a oposição entre a rua e a casa, entre o público e o privado, entre o social e o individual. Oposições que marcam atualmente relações de sociabilidade bem diversas, espacial e temporalmente bem delimitadas.

Simmel (apud RAMOS, 2004), partindo da clássica oposição entre comunidade e sociedade, caracteriza o modo de vida metropolitano e o sujeito

metropolitano como alguém calculista, individualista, guiado por convenções e relações secundárias e impessoais. Em contrapartida, nas relações comunitárias, que são primárias, prevalece o consenso e há um rígido controle social, são mais marcantes dos pequenos grupos, onde os sujeitos têm um relacionamento emocional mais profundo, menos calculista, as pessoas se conhecem, são mais solidárias, compartilham de forma mais aguda o bem comum, há vínculos de vizinhança, enfim, tipo de relação possível numa pequena cidade, mas residual nas grandes metrópoles.

Essa é a perspectiva que trazemos para a nossa discussão. A percepção de um modo de vida comunitário e de um modo de vida metropolitano como pontos de partida para guiar o olhar sobre as dimensões abordadas na pesquisa. O sentido não é de polarizar os dois lados e decidir entre o enquadramento a partir das informações obtidas, mas sim, perceber as nuances que nos levam a construção de um modo de vida que traz características de ambas as abordagens.

Além disso, tais oposições entre diferentes modos de vida não podem ser consideradas como uma evolução. Nas grandes metrópoles há elementos comunitários, assim como há elementos do modo de vida metropolitano tanto nas pequenas cidades, quanto nas comunidades rurais, isso porque há uma coexistência das diversas formas de sociabilidade. Magnani (1996) também ressalta no que diz respeito às relações “societárias” e “comunitárias”, a sua coexistência, notando que não existem espaços comunitários de um lado e societários de outro; na verdade, todos os espaços estão ligados pelos dois tipos de relações.

Trata-se de dois padrões, dois tipos ideais de interação social: sociedade implica relações secundárias, vínculos impessoais, visão racional, atitudes utilitaristas, enquanto comunidade evoca relações face a face, sentimento de solidariedade, obediência à tradição, rígido controle social etc. Relações ‘societárias’ e ‘comunitárias’ não constituem características exclusivas de uma forma determinada de organização social: coexistem, imbricam-se.” (MAGNANI, 1996, Página 24)

A partir dessa discussão, entendemos que os modos de vida apresentam-se em constante mutação a partir das múltiplas experiências cotidianas e do contato com outras realidades que cada vez mais vão “explodindo”, trazendo novidades para alguns modos de vida que ainda persistem e se regeneram a partir da coexistência,

evitando uma polarização que pode levar ao desaparecimento, principalmente, de modos de vida com práticas mais comunitárias.

2.3 O bairro

Nesse sentido, entramos no campo de ação efetiva do cotidiano, que se baseia no local físico de habitação do indivíduo, o bairro. É lá onde ocorrem as leituras dos benefícios e os comportamentos são pautados. É a prática efetiva da vida no bairro que constrói o cotidiano de cada um, pois é no espaço do bairro que a pessoa se reconhece e se sente reconhecido, justamente pelo fato do uso quase cotidiano do mesmo. O espaço é um lugar praticado, e as pessoas é quem dão sentido efetivo a eles, senão passam a serem apenas lugares, com uma sequência de elementos distribuídos. (CERTEAU, 1994)

Mas o que seria o bairro, fora um lugar ocupado? O bairro pode ser entendido como uma espacialidade que tem sua existência determinada pela relação dos processos históricos mais amplos com os processos sociais que ocorrem na escala local. O bairro também pode ser entendido como uma mediação entre o espaço privado (da casa, da família) e o público, entre a vida familiar e as relações societárias mais amplas. De tal forma que ele é o locus de uma sociabilidade intermediária, baseada em larga medida no compartilhamento de referenciais espaciais comuns, como o espaço do encontro, construído no nível da vida cotidiana. (RAMOS, 2004)

SOUZA (1989) traz que as pessoas inconsciente ou conscientemente sempre ‘demarcam’ seus bairros, a partir de marcos referenciais que elas, e certamente outras antes delas, produzindo uma herança simbólica que passa de geração a geração, identificam como sendo interiores ou exteriores a um dado bairro. Os limites do bairro podem ser imprecisos, podem variar um pouco de pessoa para pessoa.

O bairro surge como o domínio onde a relação espaço/tempo é a mais favorável para um usuário que deseja localizar-se por ele a pé saindo de sua casa. [...] Quanto ao bairro, ele é também o lugar de uma passagem pelo outro, intocável porque distante e, no entanto, passível de reconhecimento por sua relativa estabilidade. Nem íntimo, nem anônimo: vizinho. (CERTEAU, 2013, Página 41)

Através da coletividade com nossos vizinhos, vamos mensurando os comportamentos que melhor se ajustam aos processos gerais do bairro, buscando que ela seja respeitada para que possamos colher nossa parcela de recompensa nessa doação cotidiana que é a vida em coletividade, principalmente quando olhamos para o micro. Podemos refletir inclusive sobre as pessoas que mudam geograficamente de moradia e tem de, repentinamente adaptar-se a novos hábitos e comportamentos que representarão a boa coletividade nesse novo local em que se instalou. Muitas vezes pode ser difícil ajustar o seu cotidiano a essas novas convenções do bairro quando se vem de um lugar muito diferente.

Essas convenções não estão escritas, mas devem ser percebidas nos comportamentos e discursos dos novos vizinhos. É perigoso não atender a essas regras e acabar caindo na exclusão social nesse novo espaço de moradia. No sentido oposto, o atendimento a essas convenções traz a possibilidade de uma melhor vida em coletivo dentro do bairro. Basicamente, é “aderir a um sistema de valores e comportamentos que força cada um a se conservar por trás de uma máscara para sair-se bem no seu papel”. (CERTEAU, 2013).

O bairro aparece assim como o lugar onde se manifesta um "engajamento" social ou, noutros termos: uma arte de conviver com parceiros (vizinhos, comerciantes) que estão ligados a você pelo fato concreto, mas essencial, da proximidade e da repetição. Por "coletividade de bairro" eu entendo o fato bruto, materialmente imprevisível, do encontro de pessoas que, sem serem absolutamente anônimas pelo fato da proximidade, não estão tampouco absolutamente integradas na rede das relações humanas preferenciais (do círculo de amizade, de laços familiares). (CERTEAU, 2013, Página 39)

Quando o indivíduo precisa se deslocar para fora do bairro, constantemente, devido ao trabalho, por exemplo, passa há ficar menos tempo em sua casa, e no espaço público cotidiano, local de suas relações mais corriqueiras. Muitas vezes experimentando um espaço urbano diferente, onde novas convenções aparecem, o indivíduo tenta equilibrar da melhor forma suas atividades cotidianas com a relação espaço-tempo, prevendo os deslocamentos necessários para a ida e vinda quase diária. Quando temos, por exemplo, os perfis de bairro com características operárias, encontramos o fenômeno de muitas pessoas da mesma região trabalharem no mesmo lugar, e conseqüentemente intensificarem suas relações.

Por contraste, a relação que liga a moradia ao lugar de trabalho é, na maioria dos casos, no espaço urbano marcada pela necessidade de uma coerção espaço-temporal que obriga a percorrer o máximo de distância no menor tempo possível. [...] Somente importa a sucessão de ações que sejam as mais unívocas possíveis em vista de melhorar a pertinência da relação espaço/tempo. (CERTEAU, 2013, Página 44)

Com as pessoas indo trabalhar mais longe de casa, a dinâmica de utilização dos espaços e das relações vai se alterando, isso pode ser visto como reflexo da reorganização hierárquica que se dá na vida cotidiana das pessoas, com a priorização de outras atividades em relação a algumas que antes poderiam ser vistas como prioritárias. As consequências dessa troca são muito impactantes na vida cotidiana do indivíduo.

Na dimensão do trabalho de campo “Relação com a antiga DSE e outros locais de trabalho” buscamos entender justamente esse ponto, de como as relações de deslocamento para ida ao trabalho impactam no tempo das pessoas. A região antes tinha muitas pessoas trabalhando e morando perto de casa o que acaba por criar um costume de relacionamento que aquece o local.

Essa pesquisa está localizada em uma região dentro de Recife, um grande centro urbano, que cada vez cresce mais e se “des”envolve de práticas antigas, modificando seu cotidiano. Mas, em contrapartida a esse fenômeno hegemônico da modernidade, temos a presença de uma diversidade de atores que ajudam a construir modos de vida diversos dentro do contexto urbano.

Magnani (1996) falando da cidade de São Paulo e a perspectiva do trabalho da antropologia urbana aborda a multiplicidade de modos e padrões dentro da metrópole.

Basta uma caminhada pelos grandes centros urbanos e logo entra-se em contato com uma imensa diversidade de personagens, comportamentos, hábitos, crenças, valores. [...] Trata-se de uma metrópole, com suas mazelas e também com os arranjos que os moradores fazem para nela viver (ou sobreviver), combinando o antigo e o moderno, o conhecido e a novidade, o tradicional e a vanguarda, a periferia e o centro. Sem negar a realidade daqueles fatores, nem procurar amenizar suas consequências, é possível mostrar que a cidade oferece também lugares de lazer, que seus habitantes cultivam estilos particulares de entretenimento, mantêm vínculos de sociabilidade e relacionamento, criam modos e padrões culturais diferenciados. (MAGNANI, 1996, p. 3)

Essa é uma ideia chave nesta pesquisa. Entender que mesmo dentro de uma cidade tão urbanizada como Recife, podem existir focos de resistência, onde modos de vida em diálogo com os hegemônicos, pulsam e vibram a partir de seus territórios ocupados. São táticas de sobrevivência adotadas por grupos diversos e que se consolidam em seu cotidiano, através das experiências partilhadas, trazendo as raízes de uma construção histórica de cada indivíduo e também de sua relação com o espaço habitado.

Gottdiener (1997) a respeito da produção social do espaço urbano, afirma que a ação do espaço abstrato fragmenta todos os grupos sociais, e não apenas o menos poderoso, de tal forma que a vida da comunidade local perde a rua e áreas públicas de comunhão em favor da privacidade do lar. Os vizinhos se tornam cada vez mais estranhos devido à falta de experiências comuns, apesar da aparência superficial de civilidade entre eles, à medida que a rede pessoal de transportes substitui a comunidade localizada do passado com suas relações sociais outrora densas. As novas áreas de comunhão são enclausuradas dentro de mundos sociais engendrados pela lógica do consumo – os shopping centers, bares de solteiros, parques de diversão e quintais suburbanos.

O bairro e a vida de bairro que este suporta não resistem ao avanço da urbanização, a partir do momento que este processo passa a configurar esta imensa aglomeração urbana, a metrópole. Segundo Lefebvre (1991), a cidade explode, ou seja, a sociedade urbana se generaliza, entra em todos os lugares e tende a se tornar universal. E ao mesmo tempo, ela implode, é destruída, restando apenas fragmentos dispersos.

Um modo de vida urbano universal tende a se expandir para o nível local atingindo diferentes modos de vida que por ventura escapem aos seus princípios, são, novamente, as estratégias que Certeau traz e que deparam-se com as táticas como estratégias de sobrevivências dos moradores/as das grandes cidades em seu cotidiano, trazendo suas especificidades.

Nossa pesquisa se coloca para observar os moradores/as de um local específico, escolhido justamente pelas características que o espaço traz para quem o percebe de uma maneira mais cuidadosa. Quando o espaço - ou um segmento dele - assim demarcado torna-se ponto de referência para distinguir determinado

grupo de frequentadores como pertencentes a uma rede de relações, recebe o nome de "pedaço". (MAGNANI, 1996)

É o espaço entre o privado e o público. Os terreiros compartilhados e os quintais grandes de antigamente, sem muros, dão essa ideia clara do nosso pedaço. Mas hoje em dia mesmo com muros e cercas entendemos aqueles espaços onde podemos trafegar e nos sentimos bem, confortáveis e cientes do que acontece por ali. São relações que se constroem nesse intermédio do público e do privado que trazem mais densidade às relações que as realizadas fora do nosso pedaço. E é justamente no pedaço onde se realiza a maior parte das atividades do nosso cotidiano: a vida do dia a dia, a prática da devoção, a troca de informações e pequenos serviços, os inevitáveis conflitos, a participação em atividades vicinais.

As relações que se desenvolvem no pedaço, partem dos vínculos familiares, de vizinhança e também do histórico do indivíduo, sendo uma das formas de se apropriar do espaço dentro da realidade do bairro. (MAGNANI, 1996) Essas três perspectivas de vínculos trazidas por Magnani, foram incorporadas na pesquisa de campo, elas compõem também o arcabouço das “normas de convivências” trazidas por Certeau.

Os pedaços aparecem mais nas regiões periféricas da cidade, onde o predomínio de áreas residenciais, inclusive, é muito maior que nas áreas centrais das grandes cidades. Motivo pelo qual as pessoas se conhecem mais no dia a dia das práticas cotidianas. Em ambientes de grande movimentação de pessoas, como nas regiões centrais dos grandes centros urbanos, os pedaços tendem a não ter características de as pessoas se conhecerem, mas sim de compartilharem de hábitos em comum, principalmente nos espaços de lazer. (MAGNANI, 1996)

Existe outra forma de apropriação do espaço quando se trata de lugares que funcionam como ponto de referência para um número mais diversificado de frequentadores. Sua base física é mais ampla, permitindo a circulação de gente oriunda de várias procedências. São as *manchas*, áreas contíguas do espaço urbano dotadas de equipamentos que marcam seus limites e viabilizam - cada qual com sua especificidade, competindo ou complementando - uma atividade ou prática predominante. Numa mancha de lazer os equipamentos podem ser bares, restaurantes, cinemas, teatros, o café da esquina, etc., os quais, seja por competição ou complementação, concorrem para o mesmo efeito: constituem pontos de referência para a prática de determinadas atividades. (MAGNANI, 1996, p. 19)

No primeiro caso, onde o determinante são as relações que se estabelecem

entre seus membros, pelo manejo de símbolos e códigos comuns, o espaço enquanto ponto de referência é restrito, interessando mais a seus conhecidos. Com facilidade muda-se de ponto, quando então "leva-se junto o pedaço". Na perspectiva dessa pesquisa, o pedaço seria o espaço que circunda a Praça de Dois Irmãos, o recorte escolhido para abordagem.

É ali onde o cotidiano dos moradores/as se passa, construindo o seu modo de vida, principalmente através do espaço físico que ocupam. Mas, em contrapartida, se pensarmos nos moradores/as que atualmente, e já há muitos anos ocupam a região, podemos imaginar a grande mudança que seria para o pedaço, a chegada de novos moradores/as, substituindo hipoteticamente os atuais, e trazendo seus hábitos construídos a partir de outros pedaços historicamente ocupados.

Ao mesmo tempo, os antigos moradores/as podem, juntamente, alocar seus hábitos de um modo de vida construído historicamente no espaço da Praça de Dois Irmãos e modificar um novo pedaço que por ventura passe a ser ocupado pelo mesmo grupo.

A mancha, ao contrário, sempre aglutinada em torno de um ou mais estabelecimentos - apresenta uma implantação mais estável tanto na paisagem como no imaginário. As atividades que oferece e as práticas que propicia são o resultado de uma multiplicidade de relações entre seus equipamentos, edificações e vias de acesso - o que garante uma maior continuidade, transformando-a, assim, em ponto de referência físico, visível e público para um número mais amplo de usuários. (MAGNANI, 1996, p. 21)

Magnani (1996) segue trazendo a perspectiva das influências externas sobre modos de vida mais comunitários, que acabam por impactar tanto os pedaços mais isolados, como os pedaços dentro das grandes metrópoles.

E assim como mesmo os grupos indígenas mais isolados e auto-suficientes são afetados por variáveis externas, de ordem nacional e até internacional, da mesma forma é possível encontrar no contexto de uma grande metrópole aqueles "espaços vivos" descritos por Leach, associados à idéia de comunidade: algumas formas de sociabilidade e vínculos que foram observados nos "pedaços" e "manchas" não diferem do tipo de interação a que ele se refere. [...] Recortar um objeto ou tema de pesquisa na cidade não implica cortar os vínculos que mantém com as demais dimensões da dinâmica urbana em especial e da modernidade, em geral. (MAGNANI, 1996, p. 25)

A articulação com temas da modernidade e da cidade, no cotidiano dos moradores/as para entender mudanças ou continuidades de hábitos praticados antes, é outra perspectiva importante para o trabalho. Muitas transições vêm associadas com a “mudança dos tempos”, como algumas pessoas gostam de falar, as “novas gerações” que vem com seus hábitos diferentes, principalmente em relação às novas tecnologias, um fenômeno que avança cada dia mais e mais e reflete nas práticas cotidianas mais simples, principalmente pelo tempo despendido nas práticas.

As transformações na cultura urbana das grandes metrópoles contemporâneas não se dão necessariamente numa só direção, seja no sentido da deterioração dos laços de convivência - em virtude de um inevitável caos urbano - seja na substituição desses laços por contatos e relações virtuais na dimensão "hiperreal" construída por signos e imagens. (MAGNANI, 1998, p.12)

Através do avanço das tecnologias, houve uma grande mudança na prática dos relacionamentos interpessoais. As simples saudações do dia a dia passaram a ser substituídas por mensagens que vão afastando o indivíduo do convívio corpo a corpo. Muitas vezes, sabe-se que está tudo ocorrendo bem ao nosso vizinho, que ele está ali ao lado, mas a grande diferença é que você não os vizinhos já não se veem há um tempo. Isso se deve principalmente ao uso massificado das tecnologias da comunicação, em especial as mídias sociais, onde o ambiente virtual configura-se cada vez mais como uma realidade paralela.

Ilhas de convívio, lugar, pedaço - estas e outras noções correlatas apontam todas para a particular realidade da dinâmica urbana contemporânea, principalmente nos grandes centros: o gigantismo de suas instalações e estruturas não significa, necessariamente, a destruição de formas de sociabilidade que supõem outro tipo de arranjo espacial. Ao invés de se prognosticar a progressiva destruição de formas tradicionais de vida e convívio, em razão da escala das megacidades, é preciso ver nessa mesma escala o fator que amplia e multiplica as possibilidades de uso e desfrute das instituições e equipamentos - de lazer, saúde, trabalho, cultura - inviáveis em escalas menores. (MAGNANI, 1998, p.12)

Os espaços de convívio, e de relações mais próximas entre as pessoas pelo fato de se conhecerem das atividades cotidianas, parece ser um elemento importante para a própria manutenção das grandes cidades, aumentando as chances de uso e apropriação dos espaços pelas pessoas, dando vida aos espaços,

que passam para a categoria de lugares.

Em vez de mera evocação saudosista de um tempo que só subsiste na memória, pode ser a expressão da vontade de manter práticas, laços e redes que garantem uma importante dimensão da sociabilidade ao lado, claro está, de outras alternativas de contatos e relações que resultam da própria escala da metrópole. (MAGNANI, 1998, p.14)

Neste trabalho o intuito não é de pregar um resgate histórico de práticas do passado e atacar o desenvolvimento que trouxe à tona novos hábitos. O objetivo é refletir sobre como podemos olhar para o que deixamos para trás e manter nossas práticas atuais dentro de nossa realidade, de nosso contexto, para que nossa história faça sentido dentro de nossa vivência. Magnani (1998) lembra que não se trata de uma mera evocação saudosista de um tempo que só subsiste na memória, mas sim a possibilidade de expressão na manutenção de práticas, laços e redes que garantem uma importante dimensão da sociabilidade ao lado de alternativas de contatos e relações.

Capítulo 2 Ferramentas Metodológicas

Um método é uma forma de nos aproximarmos da realidade que nos propomos estudar e entender. Nesta pesquisa, na busca dessa forma, nos aproximamos bastante de uma abordagem com inspiração etnográfica através, principalmente, das ferramentas metodológicas mais utilizadas nesse método, a observação participante⁹ em combinação com a entrevista semi-estruturada, utilizadas na construção das histórias que revelam o cotidiano de famílias moradoras da antiga Vila Operária.

Também utilizamos a pesquisa documental abordando a história do bairro de Dois Irmãos, procurando buscar o lado oficial da história, o que está registrado nos livros para embasar o entendimento tanto do espaço pesquisado como das histórias trazidas. Realizamos também pesquisa documental na Fundação Joaquim Nabuco, no Campus de Apipucos.¹⁰

Magnani (2002) traz que a etnografia tem como objetivo a busca do significado da ação social e que não se confunde nem se reduz a uma técnica, podendo usar ou se servir de várias, conforme as circunstâncias de cada pesquisa; ela é antes um modo de acercamento e apreensão do que um conjunto de procedimentos. Com essa definição, podemos ilustrar a ideia que permeou a pesquisa, onde se buscou entender melhor o simples e ordinário ato de viver, através da cotidianidade expressa nas relações de cada indivíduo, que no contexto das grandes cidades são os múltiplos, variados e heterogêneos grupos de atores sociais que nelas vivem, sobrevivem, trabalham, "se viram", circulam, usufruem de seus equipamentos ou deles são excluídos.

Para descrever a multiplicidade dos arranjos através dos quais esses atores organizam sua vida cotidiana - o trabalho, a vida familiar, a devoção, o lazer - é

⁹ Principalmente pelo fato do pesquisador ser frequentador da região e morador próximo, com estabelecimento de vínculos com muitos dos indivíduos, a construção se mostrou interessante através da abordagem com inspiração etnográfica, que contempla de variadas formas esse tipo de situação de envolvimento do pesquisador com a região e as pessoas pesquisadas, até por consistir-se num mergulho na vida cotidiana dos outros indivíduos que queremos apreender e compreender (URIARTE, 2012).

¹⁰ A FUNDAJ, como uma importante instituição no registro e difusão da história do Nordeste, foi fundada em Apipucos, por Gilberto Freyre, ou seja, nas raízes de Dois Irmãos, que surgiu a partir de desmembramento desse bairro. Inclusive, alguns relatos creditam a antiga casa de Gilberto Freyre como sendo uma das casas do Engenho Dois Irmãos, mas outros registros já colocam o pátio do antigo engenho como sendo a área da atual Praça de Dois Irmãos.

preciso observá-los no contexto em que são realizados; não há outra forma de avaliar se ainda é possível ver neles, apesar das profundas transformações por que vêm passando, uma genuína experiência urbana. (MAGNANI, 1998)

Para que seja possível o mergulho de que fala Uriarte (2012), é necessária atenção para a própria construção dos registros quando das observações participantes, pois os atos cognitivos que simplesmente tomamos como involuntários, por exemplo, ver, ouvir, escrever, podem ser disciplinados dentro de uma consciência para a percepção dos mais diversos elementos constitutivos da complexidade das práticas cotidianas dos indivíduos os quais colocamos nossa observação. O pesquisador pode, através de um olhar desperto, identificar muitos elementos que trarão informações valiosas para sua pesquisa e que passariam facilmente despercebidos se antes não se colocasse a atenção para o desenvolvimento e aprimoramento dos atos essenciais para a pesquisa etnográfica, principalmente através da leitura e do exercício de observação puro e simples.

O observador participante coleta dados através de sua participação na vida cotidiana do grupo ou organização que estuda. Ele observa as pessoas que está estudando para ver as situações com que se deparam normalmente e como se comportam diante delas. É interessante a conversa com alguns dos participantes observados, buscando perceber suas interpretações sobre os acontecimentos percebidos. (BECKER, 1994)

Para Gil (2001) a observação participante, ou observação ativa, consiste na participação real do conhecimento na vida da comunidade, do grupo ou de uma situação determinada. Neste caso, o observador assume, pelo menos até certo ponto, o papel de um membro do grupo. A observação participante pode assumir duas formas distintas: (a) natural, quando o observador pertence à mesma comunidade ou grupo que investiga; e (b) artificial, quando o observador se integra ao grupo com o objetivo de realizar uma investigação.

A observação participante configura-se como o método mais fiel de apreensão da realidade estudada, pelo simples fato de o pesquisador estar presente no tempo e espaço dos fatos estudados, o que não acontece na maioria dos outros métodos de pesquisa social, inclusive a entrevista, utilizada neste trabalho também, em que o pesquisador aceita as versões trazidas pelos entrevistados e toma como referência para seus estudos. (GIL, 2001)

Quanto aos elementos importantes nos registros realizados durante as observações participantes, Oliveira (1996) traz uma importante contribuição quando fala da importância do processo de memória do pesquisador, pois os dados contidos no diário e nas cadernetas de campo ganham em inteligibilidade sempre que rememorados. Nesse sentido, a memória constitui provavelmente o elemento mais rico na redação de um texto, contendo ela mesma uma massa de dados.

A observação participante neste estudo consistiu de muitos momentos de análise prévia às entrevistas com os moradores/as, principalmente nos espaços da Praça de Dois Irmãos e dos comércios, para entender melhor a dinâmica da região e a partir das leituras feitas, principalmente com as abordagens de Braga (2015) e Certeau (2013), buscando entender e delinear quais seriam as dimensões pertinentes para abordagem dos sujeitos na ocasião das entrevistas. Foi montado inclusive um escopo do quadro resumo para melhor apresentar estas dimensões, como o público que habitava as casas, as relações entre os moradores/as, quem tinha sido DSE que ainda estava vivo, enfim, buscar mapear o local para começar a entrar no fenômeno.

Além desses exercícios prévios, a observação participante seguiu-se em paralelo à realização das entrevistas, quando frequentando o espaço com mais assiduidade e mantendo contato com os outros moradores/as que seriam os futuros entrevistados, ou mesmo com os que já haviam sido entrevistados, os diálogos e referências trazidos, ajudavam a construir o olhar sobre as falas e sobre o que estava sendo visto. Evidentemente, que o olhar por si só, buscando entender as dimensões propostas, já nos traz um material textual denso e que soma bastante na hora de trabalhar os dados que obtivemos com as entrevistas, compondo acervo que parte tanto da observação do pesquisador, como da fala dos entrevistados que trazem aspectos de sua vida mais delicados de apreender, complementando informações.

Nas ciências sociais, a entrevista qualitativa é essencialmente uma técnica, ou método, para estabelecer ou descobrir que existem perspectivas, ou pontos de vista sobre os fatos, além daqueles da pessoa que inicia a entrevista. Ela ajuda a compreender o modo de vida dos respondentes e pode ser analisada sob esquemas interpretativos para compreender as narrativas dos atores em termos mais conceituais e abstratos, muitas vezes em relação a outras observações. Fornece os

dados básicos para o desenvolvimento e a compreensão das relações entre os atores sociais e sua situação, principalmente em relação aos comportamentos das pessoas em contextos sociais específicos. (BAUER E GASKELL, 2000)

Pode-se definir entrevista como a técnica em que o investigador se apresenta frente ao investigado e lhe formula perguntas, com o objetivo de obtenção dos dados que interessam à investigação. A entrevista é, portanto, uma forma de interação social. Mais especificamente, é uma forma de diálogo assimétrico, em que uma das partes busca coletar dados e a outra se apresenta como fonte de informação. (MYNAIO, 2001)

Foi escolhida a entrevista semiestruturada por permitir, a partir de temas principais e perguntas orientadoras, uma maior interação com os entrevistados, aproveitando os temas emergentes e procurando novos questionamentos que poderiam trazer informações importantes. Também o cuidado com o direcionamento no sentido de evitar a dispersão das narrativas, buscando voltar para o ponto de interesse trazido na pauta.

Entende-se a entrevista em “profundidade ou semiestruturada” quando o pesquisador, diante de uma temática norteadora, e tendo a narrativa como referência principal, realiza outras indagações, na busca da compreensão do que o participante está narrando. Ou seja, são indagações em torno de um questionamento norteador, que tem por objetivo a busca de sentido para o pesquisador em relação à pergunta e/ou ao objetivo central da investigação. (MOREÉ, 2015)

Esse modelo de entrevista se mostrou interessante, pois permitiu além das perguntas temas que foram elaboradas previamente e constam no Roteiro em apêndice ao final do texto, aprofundar temas que iam sendo trazidos pelos entrevistados e que convergiam nos interesses da pesquisa, para construir melhor as histórias trazidas, que muitas vezes só eram citadas.

Utilizamos um roteiro de pesquisa baseado principalmente nas dimensões dos modos de vida trazidas por Braga (2015) e o trabalho de campo realizado por Pierre Mayol num bairro operário de Lyon, que culminou no livro *A invenção do cotidiano 2: artes de morar, cozinhar*. Ambas apresentadas no referencial teórico.

Dimensão no roteiro	Braga	Certeau
1. Histórico de ocupação da residência	Modos de Morar Formas de Pensar	Coletividade Limites do “bairro”
2. Relação com o antigo DSE (atual COMPESA) e outros locais de trabalho	Tempo Gasto Trabalho	Relação Espaço/Tempo
3. Abordagem acerca do comércio	Padrões de Consumo Acesso a Serviços	Prática Cultural
4. Relações familiares e de vizinhança	Práticas Culturais e de Lazer	Coletividade Conveniência Proximidade
5. Praça de Dois Irmãos	Práticas Políticas e Associativas Práticas Culturais e de Lazer	Coletividade Conveniência Proximidade

Quadro 3 – Dimensões do Roteiro de Pesquisa em relação à Braga (2015) e Certeau (2013).
Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

A expectativa dos entrevistados, ao serem abordados, se reflete em uma narrativa estratégica, que se reflete na ideia “o que eu acho que o entrevistador quer ouvir”. Principalmente no contexto dessa pesquisa, em que o pesquisador mora na região e já conhecia alguns dos entrevistados, dia a dia, entrevista após entrevista, as histórias faladas e as comparações feitas, aparecem justamente como complemento das narrativas. (BAUER e GASKELL, 2000)

Em síntese, o objetivo da pesquisa qualitativa é apresentar uma amostra do espectro dos pontos de vista. Diferentemente da amostra do levantamento, onde a amostra probabilística pode ser aplicada na maioria dos casos, não existe um método para selecionar os entrevistados das investigações qualitativas. Aqui, devido ao fato de o número de entrevistados ser necessariamente pequeno, o pesquisador deve usar sua imaginação social científica para montar a seleção dos respondentes. (MYNAIO, 2001)

O universo de amostra das entrevistas foi de 11 pessoas, baseado no número de casas que compõem a área de pesquisa. Inicialmente, pensou-se em 8 casas, pois eram as que compunham, efetivamente, a antiga Vila Operária de Dois Irmãos, vinculada ao DSE, mas com o desenvolver da pesquisa foi visto que o mais coerente seria realizar a pesquisa nas 13 casas que abrangem a comunidade na área da pesquisa, as casas do final da Rua Dois Irmãos no entorno da Praça de Dois Irmãos, com construção que remontam aos tempos do DSE. Em cada residência um morador foi entrevistado, como dois moradores não quiseram fazer parte da pesquisa, o número final de entrevistas foi de 11. A escolha desse recorte será

melhor detalhado no próximo item, com a descrição do trabalho de campo.

Um ponto-chave que se deve ter em mente é que, permanecendo todas as coisas iguais, mais entrevistas não melhoram necessariamente a qualidade, ou levam a uma compreensão mais detalhada. Primeiro, há um número limitado de interpretações, ou versões, da realidade. Embora as experiências possam parecer únicas ao indivíduo, as representações de tais experiências não surgem das mentes individuais; em alguma medida, elas são o resultado de processos sociais. Neste ponto, representações de um tema de interesse comum, ou de pessoas em um meio social específico são, em parte, compartilhadas. (BAUER e GASKELL, 2000)

Foi possível perceber isso na nossa pesquisa através da repetição que muitas vezes acontecia com algumas histórias em determinados temas, o que se converte, na hora de trabalhar os dados em priorizar as falas que destacaram mais elementos para construir o enredo geral sobre o tema, buscando uma narrativa textual em que as falas não fiquem muito repetitivas. Por outro lado, a repetição das falas traz um aspecto de conferência às histórias, trazendo confiabilidade às versões e mostrando muitas vezes fatos que foram mais impactantes na comunidade pela forma como foram abordados, seja a quantidade de pessoas que trouxe o tema ou a diversidade de versões que constroem uma mesma história.

Abaixo temos um quadro resumo que reúne algumas informações básicas dos entrevistados, para ajudar a contextualizar a realidade de cada casa, o que será destrinchado mais a frente com as falas.

Nome	Faixa Etária	Vínculo com a casa	Quem mora?	Teve construção?	Observação
Dona Célia	60	Pai trabalhou na DSE (casa construída em terreno cedido).	Ela e 2 filhos.	Não, apenas a casa original.	Já houve bar antigamente no terreno, que era maior antes do laboratório.
Dona Zefinha e Sra. Celma	90 e 60	Marido trabalhou na DSE (Vila, única original).	Dona Zefinha, e Celma vem cuidar todo dia.	Não, casa original, apenas poleiros construídos.	O terreno era maior antes do laboratório. Cria galinhas e guinés e vende ovos. Seu esposo morreu com 102 anos, recentemente.
Dona	80	Pai trabalhou	Apenas	Não, casa	Chegou antes da

Marlene		na DSE e ela também (única casa da lateral da Praça)	Dona Marlene, mas ela aluga quartos.	original.	Praça de Dois Irmãos, trabalhou no Chalé do Açude da Prata. Aluga quarto para estudantes moças.
Sra. Ivaneta	50	Sogro trabalhou na DSE (casa construída em terreno cedido)	Ela e a filha. O filho mora em outra casa no mesmo terreno.	Sim, o filho fez uma casa, e o comércio ocupou uma parte do terreno também.	O terreno vai até a Mata, tem uma vasta área com outra casa, campo e várias plantas.
Sr. Varsil	60	Pai trabalhou na DSE e ele também (Vila)	Mora Dona Regina e uma filha na casa original, Varsil mora em outra.	2 casas no terreno e mais duas na parte de trás do laboratório (4 filhos).	Dona Regina está sem condições de falar hoje em dia. O terreno era maior antes do laboratório. Moravam antes em São Bras.
Sr. Adilson	60	Avô, pai e ele trabalharam na DSE (casa DSE que não é Vila)	Adilson e sua esposa, Dona Marta.	A casa ocupada é igual como estava, mas foi feito um bar na frente.	Morou em casa da Vila, mas passou muito tempo fora e hoje mora em outra casa DSE.
Sra. Deda	40	Pai trabalhou na DSE (Vila)	Deda, 2 filhos e duas netas.	Foi feito um restaurante na parte da frente da casa.	Já morou em outra casa DSE onde hoje é o escritório da COMPESA. A casa foi dividida com a irmã. O terreno era maior antes do laboratório.
Dona Luzinete	70	Pai trabalhou na DSE (Vila)	Dona Lusa, Dona Luzinete, seu filho e seu esposo.	A original foi ampliada e foi construída casa atrás, para família.	Sua mãe é a moradora mais velha da área, com 100 anos. Moravam antes em São Braz. O terreno era maior antes do laboratório.
Sra. Zuleide	60	Avô e pai trabalharam na DSE (Vila).	A casa foi dividida e mora outra irmã também.	Foram construídas outras casas e feito um restaurante do lado.	Seu avô já morava nessa casa. Moravam antes em uma casa na parte de trás, DSE também. Tem um restaurante. O terreno era maior antes do

					laboratório.
Sra. Aninha	50	Não é DSE (pai comerciante da área)	Aninha e filha.	Não, apenas a casa original.	Terreno com muitas plantas, de esquina, com outra configuração.
Seu Natanael e Sra. Benilda	90 e 50	Pai (DSE) e ela COMPESA (Vila)	Moram Benilda e outra irmã na casa. Existe outra casa onde mora outra irmã e Seu Natanael.	A casa foi ampliada e reformada e foi feita casa na parte de trás do terreno.	Morador veio da Pedra Mole, povoação antiga de Dois Irmãos. Único que chegou na inauguração da Vila e está até hoje. O terreno era maior antes do laboratório.

Quadro 4 – Informações básicas dos entrevistados. Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

2.1 Descrição do trabalho de campo

O processo em si, do trabalho de campo, em especial das entrevistas, se mostra carregado de formalidades necessárias ao escopo de uma pesquisa acadêmica, como por exemplo, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, a necessidade de identificação e de gravação das entrevistas, mas deve-se reconhecer que na prática esse processo se mostrou muito importante pois trouxe confiança e segurança para os indivíduos falarem abertamente sobre os fatos.

Durante a realização do campo, ou seja, mais especificamente durante as visitas para realização das entrevistas, associadas às observações da área que envolve o espaço da pesquisa, muitas informações apareceram que foram dando os contornos mais precisos do que seria, finalmente, o recorte de estudo.

Inicialmente, pensou-se em fazer as entrevistas com um morador de cada casa da antiga Vila Operária da DSE, que no caso são 4 casas conjugadas, que formam 8 casas diferentes e todas com histórico de ocupação ligados, por natureza, ao DSE. Então surgiu o questionamento por parte do Sr. Fernando Beiramar: *“Se você vai fazer com as casas da Praça de Dois Irmãos, então tem que fazer até a Casa de Dona Marta e Bacana (Adilson), porque ali é Praça de Dois Irmãos ainda”*.

Mediante esse posicionamento de uma pessoa muito conhecedora da área e que, pra mim, como destacado, sempre se mostrou como peça chave na concepção do que seria pesquisado e como seria, decidi que abrangeria até a referida casa por ele, incluindo a de Dona Célia no meio, passando a 10 casas para pesquisa.

A primeira pesquisa, com Dona Célia, em uma segunda-feira, foi muito convidativa para entrar, efetivamente, em contato com os moradores/as da região, como pesquisador, uma situação que me trazia muitas reflexões, pois não sabia como seria a minha recepção, uma vez que era em alguma medida um conhecido que muitas vezes passa pelo espaço e cumprimenta as pessoas, e que agora se colocava como um pesquisador interessado em entender um pouco da vida dos moradores/as da área.

O receio dos questionamentos de porque querer saber aquelas coisas, ou mesmo o medo de que as pessoas não quisessem que a pesquisa acontecesse, eram alguns pensamentos, que mesmo que não tivessem força para me assustar na época de início de campo, evidentemente, não eram desprezáveis. Eu entendia que o espaço pertence aos moradores/as, e que eu, como pesquisador, queria apenas registrar as histórias sobre os temas abordados, com o máximo de respeito a cada um, e buscando que eles mesmos construíssem suas narrativas.

Mas como cabe a cada um decidir se quer colaborar ou não, se tem interesse em participar da pesquisa, também poderia, com toda compreensão da situação, partir uma ideia de que não seria interessante para as pessoas, no geral, participar. O apoio do Sr. Beiramar nesse sentido foi imprescindível para abrir as portas das casas, me apresentando como seu amigo, uma pessoa de confiança que estava ali pra fazer uma pesquisa da universidade.

Dessa forma, a primeira pessoa da pesquisa foi Dona Célia que com seu jeito alegre e extrovertido, me deixou a vontade para “quebrar o gelo” de uma primeira experiência. A casa dela, não pertencia à antiga Vila Operária e foi construída por seu pai, Seu Timóteo, em terreno cedido pela DSE, pois ele era funcionário da mesma. Funcionava também nesse espaço, a Barraca de Seu Timóteo, local muito frequentado pelas pessoas da UFRPE antigamente, e que acabou a década de 1980 com a construção dos laboratórios da COMPESA e a consequente diminuição do terreno da casa. Ainda restam no terreno algumas frutíferas como caju, acerola e côco e apenas uma garagem foi construída a mais no terreno, sendo a casa original, em taipa de pilão. Dona Célia trabalha com estacionamento, aproveitando o movimento do zoológico aos sábados, domingos e feriados, aproveitando o seu terreno e a parte da frente da casa¹¹.

¹¹ Registros fotográficos virão no capítulo que traz os resultados do trabalho de campo, que ilustram

No outro dia, fui apresentado por Sr. Beiramar à Dona Zefinha, uma senhora de muita vitalidade e uma memória muito boa, que com sua vasta bagagem acumulada, trouxe informações preciosas, ao lado de sua filha, a Sra. Celma, que muito ajudou nas lembranças trazidas. Na casa, até pouco tempo atrás morava também Seu Eduardo, trabalhador antigo da DSE, de 102 anos e que havia falecido há alguns meses. A casa deles é a única que ainda mantém a arquitetura original da antiga Vila Operária da DSE, com o banheiro do lado de fora da residência. Dona Zefinha cria guinés e galinhas e faz a comercialização dos ovos, no terreno permanecem algumas árvores frutíferas, mesmo depois do encurtamento do terreno, pelas obras da COMPESA, assim como um lindo jardim de entrada.

No outro dia, fui a uma casa que eu havia conversado com Dona Zefinha sobre e ela confirmado ser uma moradora muito antiga. Lembrei-me também de um dia em que vi Sr. Beiramar ajudando uma senhora a descer de um carro para entrar em sua residência. A casa era de Dona Marlene, e já não estava entre as 10 elencadas para pesquisa. Mas porque não ouvir as histórias de uma moradora tão antiga. Então resolvi que abriria para as casas que compõem, de uma esquina a outra a Praça de Dois Irmãos e que eram oriundas do DSE, situação da casa de Dona Marlene. Uma moradora antiga, que chegou criança na região, antes da construção da Praça de Dois Irmãos, e que com sua bela memória, falou sobre Amélia e Odete, os dois bondes que saíam do antigo terminal, onde hoje é a Praça, em direção ao centro da cidade. Dona Nininha, assim como seu pai, foi funcionária de carreira do antigo DSE e ainda trabalhou na atual COMPESA, se aposentando já há algum tempo. Ela chegou a trabalhar, inclusive, no chalé do Açude da Prata, onde comentou que trabalhava no piso de baixo, e o 1º andar era a sala dos engenheiros.

Continuando a pesquisa, fui à casa de Dona Neta, que fica bem perto do portão do zoológico, e que apresenta uma configuração diferente, pois mesmo sendo DSE e estar ao lado das casas da antiga Vila, o terreno dessa casa não foi utilizado para construção dos laboratórios da COMPESA na década de 1980, ou seja, ele se integra com a Mata de Dois Irmãos, ou como dito por Dona Neta: “*o terreno aqui vai até o aceiro (começo) da mata*”. Realmente, por não ter sofrido com o encurtamento do terreno, essa casa tem muitas árvores e plantas menores espalhadas, além de outra casa, construída pelo seu filho e um campo de futebol.

A pesquisa se seguiu com o Sr. Varsil, filho de Dona Regina e também antigo morador da região. O interessante dessa casa foi ver o processo de continuidade dado pelos filhos, netos, sobrinhos, etc. Existem outras casas construídas no terreno da antiga casa da Vila, que permanece igual, e assim a família permaneceu mais junta, dando vida ao espaço e cuidando de sua matriarca. Nessa casa podemos ver irmãos, sobrinhos, netos, etc, diversos componentes de diferentes gerações. Algumas das casas, inclusive, ficam na parte de trás do terreno, já depois dos laboratórios feitos pela COMPESA na década de 1980, mas existe uma passagem que permite o acesso sem "arrudeio".

Após um intervalo maior entre as entrevistas, pois vinha de um ritmo de uma por dia, na primeira semana, fui falar com Sr. Adilson, ou como todos o chamam, Nica ou Bacana. Ele é um grande amigo de Sr. Beiramar da época que trabalharam juntos na COMPESA, além de ser o que eu tinha mais proximidade, sendo na verdade, o único que até então eu já havia adentrado a casa, ou mesmo o "terreiro". Foi muito bom ouvir as histórias de um senhor que nasceu na região, onde seu avô já trabalhava no DSE, seu pai trabalhou, e ele também, e após morar alguns anos fora da região (mas próximo geograficamente), voltou para uma casa ao lado de onde viveu sua infância. Nessa casa funciona um restaurante, em que Dona Marta, Sr. Adilson e a filha do casal, Natália, recebem para almoço pessoas dos órgãos públicos próximos, principalmente do quartel que funciona ao lado.

A pesquisa continuou visitando a Sra. Deda, moradora mais nova das casas da Vila, mas que já havia morado em uma casa onde hoje funciona o escritório da COMPESA, e que trazia muitas lembranças de histórias contadas por sua mãe. Eram uma família com muitos filhos, e por morarem na beira do açude, e com as cheias que se seguiam, culminando na de 1975, foram transferidos para um galpão de material do DSE, aguardando que liberasse alguma casa da Vila para ocupação, pois o risco estava grande na casa a beira do açude mas não havia nenhuma disponível no momento, então ficaram um tempo morando no galpão.

Nesse meio tempo entre as entrevistas, também houve o caso de 2 casas que foram visitadas e preferiram não falar. Achei muito interessante o motivo dos dois, um dos indivíduos disse que: "não tinha o que falar, só lembrar dos irmãos, do pai, da mãe, todo mundo já morreu". Entendi a situação e respeitei, evidentemente, o direito de cada um de guardar suas memórias. A outra situação colocada foi a de

que o indivíduo não havia morado lá durante toda sua vida e “não sabia a história do lugar pra falar”.

Essa abordagem de “não saber a história do lugar pra falar”, aconteceu em outras entrevistas, e foi interessante pela possibilidade que abriu de explicar que o grande interesse da pesquisa era de entender a história de cada um e como se constituía o seu cotidiano, desde antes até hoje, buscando memórias, ou seja, cada um tem sua história, não se buscava uma história oficial, homologada e comprovada, mas sim a história da vida que foi vivida até hoje naquelas casas, as memórias que constroem a história do cotidiano de ontem e hoje.

Continuando as entrevistas, visitei Dona Luzinete, filha de Dona Lusa, que completou recentemente 100 anos. Ela trouxe muitas lembranças valiosas e explicou que sua mãe já não podia falar, pelo estado debilitado de saúde. Comentou sobre as questões de educação, os colégios que eram acessados pelos moradores/as e a relação com os antigos moradores/as da UFRPE, na parte em que foi construído posteriormente o prédio da instituição que fica em frente a Praça de Dois Irmãos. A casa original foi ampliada de forma que um anexo grande, com 1º andar foi construído.

Em um sábado mais tranquilo, foi feita a entrevista com a Sra. Zuleide, que desde a geração de seu avô ocupa uma das casas da antiga Vila Operária. Ela detém um movimentado restaurante, o Rainha da Sucata, local de apoio para refeições de muitos funcionários dos órgãos próximos. A casa onde ela mora, era onde Bacana residia e foi citada em muitos momentos de sua entrevista. Ela é uma pessoa muito conhecida na região, e seu estabelecimento já recebeu diversos eventos. A casa sofreu grandes modificações, inclusive sendo dividida com outra irmã, além de outras construções que se sucederam por trás, como do seu filho.

A Sra. Aninha, foi a penúltima entrevistada e já apareceu fora do último recorte estabelecido para a pesquisa, de serem casas da antiga DSE na Praça de Dois Irmãos, pois a casa dela era “particular” como se diz. Mais uma vez me vi na reflexão de porque não escutar as histórias de uma moradora antiga da região, e que ainda por cima seu pai era sempre citado nas entrevistas por ser o responsável pela barraca que vendia os mantimentos antigamente, Seu Genésio. Assim, mais uma vez, pelo caminho natural que a pesquisa de campo vai mostrando, o recorte foi modificado, incluindo a Sra. Aninha, e assim delimitando “as 13 casas no final da

Rua Dois Irmãos que margeiam a Praça de uma esquina a outra, desde o atual Bar da Curva, antiga barraca de Seu Genésio, até a casa de Aninha, a última da esquina depois do Quartel.” Muitas plantas estão presentes em seu terreno, já que ela tem uma sementeira e trabalha com jardins, ela estudou na UFRPE e ajudou a fundar uma escola no Sítio dos Pintos, a Mundo Esperança.

Para finalizar as entrevistas, foi visitada a casa de Seu Natanael, o morador mais comentado pelos outros entrevistados, como detentor das histórias do local, “*a pessoa que vai lhe contar “tudinho” é Seu Natanael*”, foi uma das coisas mais ouvidas nas entrevistas. Seu Natanael mora na região desde nascido, em 1927, no antigo povoado da Pedra Mole, e aos 6 anos se mudou para inaugurar uma das casas da antiga Vila Operária, pois seu pai trabalhava na DSE. Uma memória muito firme e um homem que gosta de falar suas histórias trouxeram tudo que podia faltar para terminar as entrevistas nas casas escolhidas.

Outro fato muito importante foi o apoio da Sra. Benilda, sua filha e também líder comunitária do local, à frente de muitas lutas envolvendo a Praça de Dois Irmãos e que ajudou a direcionar a entrevista e lembrar também de muitas coisas importantes de hoje e de ontem. A casa original foi ampliada e outra foi feita na parte de trás do laboratório, mas existe uma passagem. Um fato triste em relação a essa entrevista foi o fato de que o gravador caiu durante a entrevista, quando já estávamos avançados na conversa, e, infelizmente, boa parte da gravação foi perdida, pois o aparelho desligou sem salvar.

Foi possível registrar os fatos trazidos, através da memória recente que tinha ouvido e de uma revisão com os entrevistados, mas, depois, percebi que é muito importante a forma como os fatos são trazidos, como é dito pela pessoa, simplesmente você ter os assuntos e temas trazidos não é nem de perto, suficiente, para ilustrar uma boa narrativa. As palavras ditas são importantes, pois trazem o arcabouço necessário para construção efetiva do texto. Fica o aprendizado, mas também é importante ter a sensibilidade de perceber as situações e seu contexto, pois pedir para começarmos de novo não era conveniente, e por não ter experiência anterior não entendi o quanto seria danoso ao texto final. Talvez em outra oportunidade eu reaja diferente e possa, talvez, repetir uma parte da entrevista, o que ainda me causa reflexões se é o melhor caminho, mas é melhor do que não ter as palavras dos entrevistados, o âmago da narrativa. De antemão, um maior cuidado

com a ferramenta de registro, no caso o gravador, já é um cuidado importante para as próximas pesquisas.

Em duas entrevistas houve momentos diferentes além da conversa. No encontro com a Sra. Aninha, ao final da entrevista, ela propôs um passeio pelas ruas próximas à região, onde foi mostrado o espaço de trás das casas onde houve as entrevistas. É a parte onde foi construído o laboratório da COMPESA em 1982 e que tirou boa parte dos terrenos das casas da Vila, e onde moram alguns parentes dessas famílias. Além disso, ela contou sobre as famílias da região, o processo de ocupação que se decorreu com o passar da história e as práticas cotidianas do passado, os costumes cultivados à época.

Foi muito importante esse passeio com uma moradora que usufruiu de muitas relações com os vizinhos de um entorno maior, justamente devido ao fato de Seu Genésio, seu pai, ser um comerciante local em tempos antigos e entender o entorno que abraça a área da pesquisa ajudou a contextualizar melhor algumas questões que foram trazidas pelos entrevistados, além de perceber um pouco da diferença entre morar na área da Vila Operária e bem próximo aos órgãos públicos e morar mais pra dentro da Mata de Dois Irmãos.

Já na casa de Seu Natanael, sua filha a Sra. Benilda mostrou a planta da casa, com diversos ângulos da mesma. Foi um documento histórico que ajudou a ilustrar graficamente, por dentro, as casas que tanto se falamos, já que não foi objetivo da pesquisa o registro fotográfico, mas através da ferramenta da planta baixa é possível ter uma noção muito clara do espaço físico que as famílias usufruíam para se organizar.

Tentar entender a vida cotidiana das pessoas não é uma tarefa nada fácil, na verdade, adentrar na vida do outro exige muito cuidado e respeito, pois cada história carrega suas peculiaridades, seu jeito, suas necessidades e especificidades. Foi importante o cuidado de não ter expectativas com as entrevistas para deixar que fluíssem bem, e com o protagonismo necessário de cada um, trazendo seus fatos e suas práticas, sem a preocupação ou medo de falar de coisas simples, corriqueiras e que muitas vezes podem parecer sem valor científico, mas que ajudam a construir um inventário da nossa vida ordinária, a qual somos protagonistas dia após dia.

Também ter contato com a pesquisa, enquanto primeira experiência sistematizada me mostrou formas e ferramentas que eu não conhecia, e como eu

poderia conversar de uma maneira respeitosa e que, ao mesmo tempo, conseguisse coletar as informações necessárias. Falar o mínimo, ouvir o máximo, respeitar o tempo do outro, gravar seguramente as falas, e depois, escrever com carinho e atenção são coisas que eu levarei para minha vida e já vejo o reflexo do amadurecimento dessas habilidades no dia a dia, através do simples relacionamento interpessoal com pessoas mais velhas, geralmente, e que sempre tem aquele algo a mais para nos passar. Aprender como ouvir os mais velhos, talvez, tenha sido o meu maior aprendizado nessa pesquisa.

Capítulo 3 O pedaço e seus limites

3.1 Contexto histórico de Dois Irmãos

Em 1818, os irmãos Antônio Lins Caldas, conhecido como Seu Coló e Tomás Lins Caldas, conhecido como Seu Toné se tornaram co-senhores, por herança paterna, de parte das terras pertencentes ao Engenho de Apipucos, que passaram a se chamar Engenho Dois Irmãos. Por serem dois irmãos que muito se estimavam, o engenho adotou esse nome e inclusive possuía duas casas grandes, um fato inédito na capitania de Pernambuco, justamente pela co-senhoria estabelecida pelos dois proprietários. (COSTA, 2001)

O engenho Dois Irmãos era d'água e moía com as águas derivadas do grande açude da propriedade, que atravessa um certo trecho das suas terras e vai despejar à margem esquerda no Capibaribe, que corre próximo. Já em 1830, o engenho novo produzia a todo vapor sob supervisão de Antônio Lins de Caldas e Thomaz Lins de Caldas que eram irmãos e coproprietários desta área, que foi crescendo e passou à condição de povoação. O engenho era uma construção simples, e não durou muito. Produzia açúcar, mas aos poucos foi se tornando cada vez mais lucrativo na produção de capim. Antônio Caldas foi um dos maiores produtores de capim da Freguesia de Nossa Senhora da Saúde do Poço da Panela. (GUERRA, 1970)

A sede do engenho possuía duas moradias, uma para cada irmão e, segunda tradição, ficavam nas proximidades da Praça Farias Neves, que seria o pátio ou terreiro original do engenho, ao redor do qual, posteriormente, a povoação, hoje bairro de Dois Irmãos se urbanizou. Não há registros de proprietários após os irmãos que deram nome ao engenho. Das casas dos proprietários, capela e moita, nada mais restam, no entanto, outras informações dariam conta que a casa de Gilberto Freyre seria uma das casas grande do Engenho Dois Irmãos (PLANO DE MANEJO PEDI, 2014)

Em 1837, foi criada a Companhia do Beberibe para a captação de águas nos açudes do Prata e de Dois Irmãos para o abastecimento do Recife. O contrato de criação foi assinado em 1838 e, entre 1842 e 1848 foi implantado o projeto de captação de águas do Açude do Prata, a captação de água se dava através de uma

adutora de 10km de extensão que levava a água para chafarizes localizados no centro do Recife. Na década de 1840 foi construído o chalé do Prata, construção de feição inglesa que fazia parte da administração e controle do sistema de abastecimento do Prata. (PLANO DE MANEJO PEDI, 2014)

O Açude do Prata, importante localidade para a história da região nasce em um pequeno vale a 12 km ao noroeste do Recife e acaba por formar uma grande bacia com três açudes, que se vai gradualmente estreitando até formar um canal que depois de certo percurso deságua no açude de Apipucos. O Açude do Prata tem seu nome inspirado pela lenda da Baronesa Branca Dias, que acusada de judaísmo atirou todas suas joias e pratarias no açude antes de receber a ordem de prisão. Essa história é muito contada pelos moradores/as da região.

A respeito do Açude da Prata, nas entrevistas os moradores/as falaram com muito respeito sobre o açude e a sua água pura que servia para as pessoas beberem. O acesso era controlado pelos vigias da mata, cargo antigo do DSE que precedeu os guardas ambientais responsáveis atualmente pela segurança da Mata. Alguns moradores/as citaram que, por alguns dos vigias da mata serem moradores da Vila, era comum as crianças fazerem passeios para o açude para diversão e contemplação, mas nunca para banho pois era terminantemente proibido.

Em 1848 foi inaugurando o primeiro serviço de abastecimento d'água do Recife, a partir das águas do Açude da Prata. Os herdeiros dos irmãos ainda mantiveram o engenho por algum tempo, mas em 1875 venderam a propriedade para a Companhia Beberibe de Abastecimento. Essa companhia tinha o objetivo de utilizar as águas do açude nas vivendas do antigo engenho para aumentar o abastecimento de água da cidade do Recife, e assim construiu uma usina para impulsionar a água. (COSTA, 2001)

Em 1872, é realizado o Estado da Propriedade de Apipucos, e Dois Irmãos por estar integrado a essa área historicamente, e ambas constituírem terras de vários co-senhores (somente Antônio Lins Caldas teve nove filhos), tem suas áreas englobadas.

A propriedade comum, denominada *Apipucos*, consiste em imensos territórios, entre os quais compreende o Engenho Dois Irmãos, matas e terrenos que se acham na posse de diversos herdeiros, conforme estão descritos nos livros competentes, tendo por fim proporcionar aos herdeiros e co-senhores o melhor aproveitamento das suas partes na mesma propriedade. (COSTA, 2001)

Dois Irmãos é descrito, por volta de 1910, da seguinte forma:

É um dos mais belos e pitorescos arrabaldes da cidade. Nos domingos, principalmente, grande é o número de pessoas que o procuram para gozar da delícia dos seus soberbos panoramas, onde uma vegetação exuberante e luxuriosa, talvez a de mais exuberância dos trechos de natureza viva que emolduram os arrabaldes suburbanos do Recife, atrai e maravilha o espectador. De fato, as perspectivas, para quem demanda aquele arrabalde, tem uma variedade e uma sucessão de imprevistos admiráveis. A descida de Apipucos para Dois Irmãos é feita por entre árvores frondosas em todo o percurso que leva ao ponto das usinas do abastecimento d'água à capital. Ali o passeante encontra florestas magníficas, morros, planícies, açudes, a natureza, enfim, em seus aspectos mais empolgantes e agradáveis. (COSTA, 2001)

Em 1917, foram lançados no largo os trilhos do bonde elétrico, que chegou àquelas paragens em substituição às antigas maxambombas. Assim, a crescente povoação tinha fácil comunicação com o Recife, e o povoado da Pedra Mole, antiga e importante ocupação dentro das terras do Engenho Dois Irmãos, tendia a juntar-se a ocupação próxima ao antigo Largo de Dois Irmãos. (CARNEIRO, 2008)

É importante destacar nas nossas entrevistas a presença do morador Natanael Bezerra, que com 92 anos, nasceu no Povoado da Pedra Mole e com 6 anos de idade, em 1933 se mudou com sua família para a casa em que mora até os dias atuais. Seu Leopoldo, seu pai, era funcionário do DSE e o filho seguiu a mesma carreira, com 37 anos dedicados ao saneamento da cidade. Essa é a uma representação da tendência em encontrar-se a Pedra Mole e o Largo de Dois Irmãos, áreas de povoação antiga e que permaneciam como localidades com não muita convivência.

Uma história muito interessante permeia o povoado da Pedra Mole, que tem em seu terreno, grande bancos de uma pedra muito mole, argila-arenosa, às vezes argamassada com seixos, ou fragmentos de uma pedra mais consistente, que rendeu o nome à localidade. “Alguns estudos antigos mostram que em tempos pré-históricos, Dois Irmãos ficava colado ao mar, e, efetivamente, paralelo aos recifes do porto da cidade, em distância de uns 12 km, existia uma outra linha de recife, hoje imergida, a muitos metros abaixo do solo, como se verificou em escavações feitas nos açudes do Prata e de Dois Irmãos, encontrando camadas de grés análogos aos dos recifes atuais do porto, com uma altitude que variava entre 8 e 16 metros. As

análises laboratoriais comprovaram tratar-se dos mesmos materiais dos recifes atuais, que se acredita, representarão o mesmo papel desses bancos imersos nos açudes.” (COSTA, 2001)

O bairro é descrito por Jucá (2004) da seguinte forma:

O bairro de Dois Irmãos, que fora residência de diversas famílias de posses, em 1947 era considerado abandonado pelas autoridades. O fato não se prendia ao simples abandono das belas residências ali instaladas, mas atribuía-se como determinante a precariedade dos transportes urbanos. As dificuldades dos moradores de Dois Irmãos e linhas anexas agravava-se, sobretudo, no inverno. [...] Apesar disso, o bairro de Dois Irmãos ainda era considerado uma área rural da cidade, recomendada a passeios dominicais, pois havia belas várzeas, trechos com rios e açudes. O passeio Recife - Dois Irmãos, via Caxangá, era considerado um dos mais pitorescos, antes da valorização dos banhos de praia. (JUCÁ, 2004 p. 56)

Em 1916, o governador Manoel Borba criou o Horto Florestal de Dois Irmãos, cujas belezas naturais já eram reconhecidas pela sociedade desde o século XIX, quando, juntamente com Apipucos e Poço da Panela, o arrabalde de Dois Irmãos tornou-se um lugar para veraneio das famílias recifenses. Apesar desse reconhecimento, o entorno da mata não chegou a sofrer pressões com a construção de casas como ocorreu nos outros dois barros citados (PLANO DE MANEJO PEDI, 2014).

Em 1917, foram inaugurados os trilhos do bonde elétrico, que chegou em substituição às antigas maxambombas e a Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), em 1938. À época, também se instalaram o Departamento de Saneamento do Estado de Pernambuco (DSE) e a vila operária de Dois Irmãos. (CARNEIRO, 2008)

“O velho Largo de Dois Irmãos ficou emoldurado pelas casas da vila, pelo horto e pelo prédio da Universidade, além da casa de bombas da antiga Companhia Beberibe de Abastecimento, até ser transformado em uma praça no modelo jardim público em 1958, em um projeto assinado pelo renomado paisagista Roberto Burle Marx, de modo atender os visitantes do horto e aos moradores/as da vila de funcionários da Companhia de Beberibe, ocupando uma área de 8.600m². A Praça Faria Neves é denominada também de Praça de Dois Irmãos.” (CARNEIRO, 2008)

Atualmente, o bairro, detentor de uma grande área verde, está localizado em uma faixa que concentra as mais expressivas áreas de preservação ambiental da

cidade, conhecida como o “cinturão verde”. O “cinturão verde” nas áreas urbanas possui uma relação muito importante com o bem-estar da população e, em última análise, com a sua própria sobrevivência, mas nem sempre o seu valor como reserva natural é reconhecido pela população, nem mesmo pelas instituições.

No mapa está marcada com um círculo a área correspondente ao pedaço que estamos estudando, com a Praça de Dois Irmãos (ou Praça Farias Neves, como na escrito na imagem) no meio do círculo. A área marcada com um retângulo

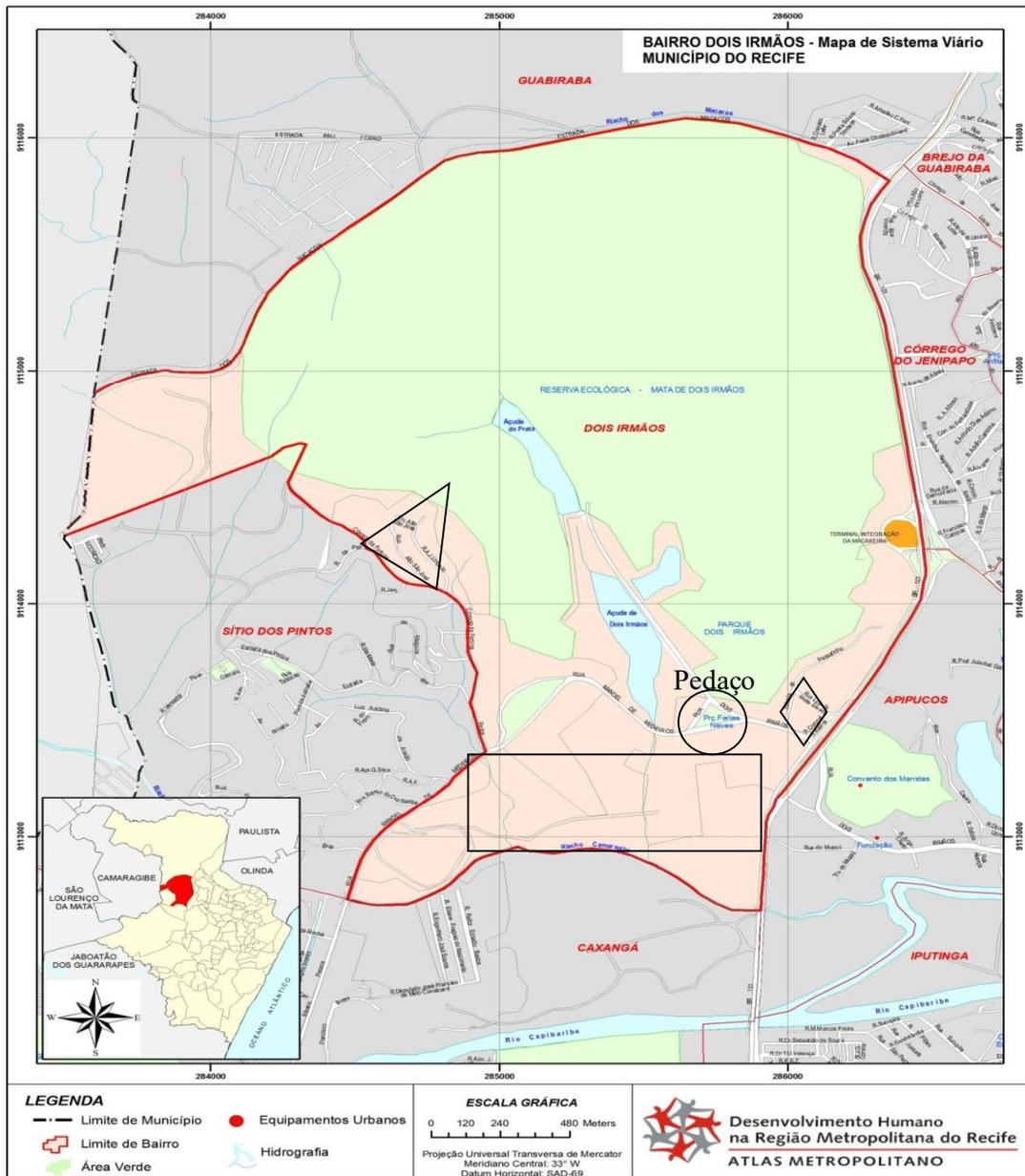


Figura 1 – Mapa do Bairro de Dois Irmãos. Fonte: Atlas Metropolitano RMR

corresponde ao campus da UFRPE, que conta com poucas residências hoje em dia e não existe mais processo de construção em curso e a área ocupada pelo LAFEPE, laboratório farmacêutico que ocupa um terreno grande. Na área do triângulo está a maior pressão por moradia dentro do bairro de Dois Irmãos, sendo a área conhecida como Córrego da Fortuna, com muitas construções em curso. A área do losango é ocupada por casarões espaçados, alguns antigos outros novos.

Como percebemos o resto do mapa é basicamente pintado de verde, o que corresponde à Área de Proteção Ambiental da Mata de Dois Irmãos, que não permite construções em seu perímetro, limitando bastante a ocupação dessas áreas do bairro. O pedaço que estamos estudando caracteriza-se como um dos centros de povoamento antigo do bairro, pois era o Largo do Antigo Engenho de Dois Irmãos, e vem conservando uma história de manutenção das famílias moradoras a um tempo considerável, desde a construção da inauguração da Vila em 1933, com o estabelecimento da maioria das famílias nas casas na década de 1970, sendo a maioria oriunda de outras casas nas proximidades.

Com uma área total de 585km², o bairro possui, de acordo com o último CENSO realizado em 2010, 2566 habitantes. Esses moradores/as estão distribuídos em 737 domicílios, que apresentam rendimento médio mensal de R\$ 1936,10. O bairro compõe a Região Político Administrativa 3, a maior da cidade, integrada por 29 bairros. Está distante cerca de 10 km do centro da cidade e faz fronteira com os bairros de Sítio dos Pintos, Caxangá, Iputinga, Apipucos, Córrego do Jenipapo, Guabiraba e Brejo da Guabiraba e com a cidade de Camaragibe. A área do bairro de Dois Irmãos, localizada fora dos limites das Unidades de Conservação que tem seu perímetro de atuação na região, sendo elas a Reserva Ecológica de Dois Irmãos e o Parque Estadual de Dois Irmãos, é caracterizada como uma área de ocupação rarefeita, possuindo também áreas mais densamente ocupadas onde predomina o uso habitacional. (PCR e FADURPE 2003)

É interessante também perceber a expansão das ocupações nas proximidades em decorrência da expansão dos órgãos presentes na região, como a atual COMPESA e a UFRPE. O próprio bairro de Dois Irmãos se desmembra em outros bairros a partir do crescimento demográfico de partes do bairro, como o atual bairro de Sítio dos Pintos, e a comunidade de Sítio São Braz, no bairro da Caxangá, sendo a primeira muito associada ao crescimento da UFRPE e a segunda já recebia

trabalhadores da DSE há muitos anos, e hoje em dia compartilha também de um perfil de estudantes na região.

Os bairros vizinhos apresentam taxas de ocupação demográfica positiva, com expansão das ocupações e várias construções em curso, como é o caso do Córrego do Jenipapo, da Guabiraba, de Camaragibe, e do Sítio dos Pintos e da Caxangá, como já comentado. O contexto do entorno do pedaço é bem diferente do que encontramos no espaço que escolhemos.

Essa é a localização geográfica e histórica de nosso pedaço, que constrói um perfil diferenciado na região a partir de um olhar para os seus moradores/as, suas construções antigas e sua paisagem preservada, todos com um fator em comum de há muitos anos conviverem juntos nesse espaço e ajudando a construir um modo de vida baseado nas experiências compartilhadas.



Foto 1 – Vista área do Parque Estadual de Dois Irmãos, onde é possível ver as áreas circunvizinhas de grande densidade demográfica. Fonte: Emerson R. Zamprogno

3.2 As famílias

A maioria das casas pesquisadas compõe a antiga Vila Operária de Dois Irmãos inaugurada em 1933. Por serem tombadas, essas casas mantêm a mesma fachada desde a sua construção, trazendo uma imagem que se perpetua a mais de 80 anos. Apenas um dos moradores/as das casas da antiga Vila chegou como primeiro morador, Seu Natanael, que já morava nas proximidades antes, na localidade conhecida como Pedra Mole. Mas, em média, os outros moradores/as estão há mais de 50 anos nas casas, além de serem anteriormente moradores/as da região ou descendentes das primeiras famílias.

Uma região que se inicia através de um Engenho, posteriormente atuando como fornecedora de águas para a cidade do Recife e hoje em dia sendo referenciada como detentora de uma enorme área verde, com uma Unidade de Conservação atuando na maioria de seu perímetro traz consigo, na região próxima a Praça de Dois Irmãos, moradores/as que presenciaram tempos passados em diferentes épocas e que trazem as práticas cotidianas de ontem e hoje como elementos para reflexão teórica a respeito de um modo de vida que se constrói em relação a um pedaço, a partir das experiências partilhadas, que cada vez mais se mistura com um modo de vida metropolitano, mais frio e impessoal.

Esta sessão engloba abordagens referentes aos aspectos físicos das moradias, a origem e continuidade das famílias, as plantações e criação de animais, os limites territoriais, e a alegria de morar em suas casas.

3.2.1 As casas

Das 11 casas visitadas para entrevista, (lembrando que duas casas do perímetro escolhido preferiram não colaborar com a pesquisa) 6 fazem parte da antiga Vila Operária da DSE, 2 são casas da DSE em outro modelo diferente da Vila, 2 são casas construídas pelos donos em terrenos cedidos pela DSE e uma casa é particular.

Em relação as casas da Vila, a fala do Sr. Varsil explica em que contexto elas foram construídas e como era a configuração original do espaço, além de como se deu o acesso de sua família a casa em que moram.

“Essas casas aqui foram construídas em 1932 para os operadores do DSE. Cada operador quando se aposentava entregava a chave da casa ao chefe aqui em Dois Irmãos. Depois veio a COMPESA, e a partir daí o pessoal foi se aposentando, mas não foi saindo mais das casas, continuou nas casas. Ficou realmente quem tava nas casas, se aposentaram e continuaram morando.[...] No caso meu pai foi operador. A gente veio morar aqui em 1975. Meu pai conseguiu a chave da casa para vim morar na Vila. E depois desse período de 75 pra cá ele se aposentou e continuou morando na casa. Essas casas elas são conjugadas, duas ou três, se você observar, essa casa aqui é junto da de Seu Nael, aí tem um espaço entre as duas casas, aí tem mais duas, elas foram feitas desta forma. A vila todinha era assim. Na frente, sala, aí tem um quarto, uma saleta, outro quartinho pequeno e a cozinha. Era um banheiro do lado de cá, que é dessa casa aqui, e um banheiro do outro lado, pra essa casa conjugada. Pronto, aí tem o muro atrás dividindo as duas casas e atrás era o banheiro, um banheiro dividindo o outro também. Antigamente não existia muro na frente, era um gramadinho, uma escadinha para você descer, e era totalmente aberto. Só que devido ao movimento do Zoológico, muitas vezes você tava na sala, no caso ali naquela janela, e aparecia gente que a gente não tinha conhecimento de quem era, que não sabia quem era, aí a gente teve que murar por questão de segurança.” Sr. Varsil

Citado pelo Sr. Varsil, Seu Nael é o morador mais antigo da região, e na verdade, o único que habita o local desde antes da Vila Operária ser inaugurada, na região chamada de Pedra Mole, pouco menos de um quilômetro de sua casa atual. Com 6 anos de idade ele veio inaugurar uma das recém construídas casas da Vila, acompanhando seu pai que trabalhava no DSE. São 86 anos morando na mesma casa. Sua filha, a Sra. Benilda explica como se deu a ocupação da casa em que seu pai mora até hoje.

“Meu pai morava na Pedra Mole, chegou aqui quando inaugurou a primeira casa, que meu avô veio pra cá, Seu Leopoldo, meu pai tinha 6 anos, em 1933. Moravam, a princípio, nove pessoas, e aqui sempre costumava ter muita gente de fora. A casa era uma casa pequena, com dois cômodos, uma cozinha pequena.” Sra. Benilda

Outra casa em que não houve mudança de família é a da Sra. Zuleide, em que o seu avô ocupou uma das casas quando inauguradas e sua família segue nela até hoje. Seu irmão, o Sr. Adilson, que também morava nessa casa, hoje habita uma casa ao lado, após um período fora da região. Ele trabalhou na COMPESA e por isso acessou outro imóvel do DSE. Essa casa tem um restaurante construído pela

Sra. Zuleide no espaço lateral do antigo recuo da rua.

“No começo, o primeiro morador aqui era meu avô, trabalhava no DSE. A gente morava lá em cima, lá na mata. Como a família era maior, a gente desceu e ele foi pra lá. Ele foi o primeiro morador, meu avô. O segundo foi meu pai, ele trabalhava no DSE também.” Sra. Zuleide

Apesar de habitarem casas atualmente da antiga Vila, duas moradoras tem histórias interessantes de outras casas na região, que hoje em dia não existem mais, pois viraram o escritório da COMPESA. Eram localizadas por trás da casa de Dona Marlene e bem próximas do Açude do Meio, um dos três que compõem a Bacia do Prata e que margeia a Av. Manoel de Medeiros. Na fala da Sra. Deda, uma das que moraram no sítio e depois se mudaram para Vila, ela também comenta sobre sua casa de hoje, quando chegou.

Meu pai que trabalhava na COMPESA. Meu pai trabalhou 36 anos. A gente não morava aqui (na vila), a gente morava dentro da COMPESA. Dentro da COMPESA tinha duas casas. Onde é o escritório agora. Isso muito antes de fazer o escritório. Eu era menina, eu nasci em 75. [...] O açude subiu mais. Aí transferiram a gente pra casa de bomba e de lá a gente veio pra cá. Três casas. Que não era nem casa. A casa de bomba não era casa, né. Era uma casa de máquinas mesmo. Porque o açude começou a subir e ele queria transferir a gente. Depois que demoliram lá. aí o homem daqui dessa casa da Vila faleceu, o povo foi embora, não quis mais, aí a COMPESA foi e colocou meu pai aqui. [...] Os tijolos daqui são um quadrado, tijolo maciço mesmo, que é difícil a gente colocar um prego. Aí só tinha dois quartos, sala, cozinha. Pra você ter ideia, o banheiro era fora. Eles fizeram fora. A gente tinha que sair pela cozinha, tomar banho, ir no banheiro lá fora, e entrar. Sra. Deda

A casa em que a Sra. Deda nasceu, antes foi habitada por Dona Luzinete, que tem mais lembranças dessa moradia já que viveu mais tempo nela ao contrário da Sra. Deda que devido a cheia de 1975 foi necessário mudar para um espaço temporário antes de seus pais irem para a casa da Vila.

“A gente morava numa casa que ficava ali atrás, era um sítio, tinham duas casas. Eu vim morar novinha lá atrás, no sítio. Eu me criei nessa casa, lá no sítio. Ai meu pai trocou e a família de Deda foi pra lá e o diretor deu essa aqui pra gente morar. E a casa era de junco, que era uma casa conjugada, que era tipo antiga, com um alpendre bem grande, de ponta a ponta, aí dividiram fizeram duas casas. E tinha um sítio enorme, que dava pra esse açude que você passa. Aí

tinha de tudo, bananeira, mamoeiro, planta. A gente veio pra essa casa aqui em 72. Aqui não era assim, você já viu que a única que ainda tá original é a de Dona Zefinha, original é duas portas, duas janelas, uma porta do lado, aquela coisa assim, dentro ela tá do mesmo jeito da época da construção, não mudou nada. As outras não, todo mundo modificou depois. A minha, que aí a gente puxou isso aqui, fez essa área. Aí como a gente teve problema com o lajeamento, aí a gente subiu em cima, subiu, por conta da laje que tava vazando muito, teve um problema quando foi feita. Mas aí é uma casa boa, a gente tá aqui.” Sra. Luzinete

Como citado por Dona Luzinete a única casa da Vila que permanece original desde a construção é a de Dona Zefinha. Ela confirma que nunca mexeu na casa, em poucas palavras, ao falar de sua residência. E no período antes de sua chegada, entre 1933 e 1960, também nenhum morador mexeu ou reformou a casa, é possível perceber que ela permanece com um ar de antigamente, com o jardimzinho de papoulas na entrada e o banquinho à frente da porta.

“Nós viemos morar aqui em 60. Aqui não mudou nada. Tá do mesmo jeito que construíram. Não teve reforma nessa casa.” Dona Zefinha



Foto 2 – Casa de Dona Zefinha, a única que não sofreu reformas internas. Fonte: Pesquisador/Acervo de campo.

A casa em que a Sra. Célia mora, diferente das casas da Vila, foi construída

por seu pai, em terreno cedido pelo DSE, no qual trabalhava na época. O terreno grande permitiu à família ter um bar durante muito tempo, era o Bar de Seu Timóteo, o qual fechou em 1982 quando da construção de um laboratório pela COMPESA. A casa tem mais de 70 anos e permanece com a construção original.

“A minha casa o meu pai construiu, é diferente de vila, onde você pode ver ali na frente, tudo igual. Meu pai trabalhava no estado, no DSE, ele trabalhou como vigilante dentro dessa mata. Essa daqui ela é DSE, tem a placa, mas é diferente porque meu pai ganhou o terreno e ele construiu. Ele fez aqui antes do meu irmão mais velho nascer, e ele já vai fazer 69 anos, o primeiro filho, ai antes dele ter esse filho foi quando ele construiu e minha mãe teve o filho já aqui. Essa casa é de taipa, só uma parte que é alvenaria, agora ela tem alicerce, tem fundação, tem viga, tudo. Senão a umidade já tinha derrubado, e meu pai demorou 3 anos pra levantar e vir morar. A casa ainda hoje é tudo original, a taipa, as portas, janelas, o teto, tudo original. São 3 quartos, 2 salas, um banheiro e a cozinha.” Sra. Célia



Foto 3 – Casa da Sra. Célia, diferente das casas da Vila, conta com um terreno na frente, que a moradora faz uso para estacionamento do zoológico. Fonte: Pesquisador/Acervo de campo.

Assim como a casa da Sra. Célia, a casa em que mora a Sra. Ivaneta foi construída em terreno cedido pelo DSE. Mas diferente da vizinha, a Sra. Ivaneta não nasceu na residência, se mudando para o local quando casou com seu falecido marido. A casa hoje é bem diferente, com um aspecto mais moderno em relação às

outras da pesquisa, inclusive tendo sido reformada recentemente.

“Essa casa foi do meu sogro, ele era DSE e ficou pra nós aqui. Mora eu, minha filha e meu filho. Meu marido nasceu e se criou aqui, mas já morreu. Foi meu sogro que construiu aqui. O DSE cedeu esse terreno e ele construiu essa casa. Ela era menor, era mais simplesinha, a gente deu uma reformada agora há pouco também, mas foi ele que construiu o sítio, porque aqui tudo era mata.” **Sra. Ivaneta**



Foto 4 – Casa da Sra. Ivaneta, diferente das casas da Vila, essa casa dispõe de um amplo terreno na parte de trás, que chega até a Mata, como as casas da Vila antes da construção do laboratório. Fonte: Pesquisador/Acervo de campo.

Há 75 anos Dona Marlene chegava à região para morar em uma casa do DSE, mas que não era Vila. Ela, que chegou com 7 anos, ao lado de Seu Nael, são os moradores/as mais antigos da região entrevistados.

“Meu pai trabalhava no DSE, aí ele veio morar nesta casa e eu vim também. Essa não é da vila. Não sei se foi feita antes. Quando eu cheguei aqui já tinha vila e já tinha essa casa. Há 75 anos já tinha essa usina d’água aí.” **Dona Marlene**



Foto 5 – Casa de Dona Marlene, a única na parte lateral da Praça e a última casa da Rua Dois Irmãos, ou a primeira. Fonte: Pesquisador/Acervo de campo.

Única casa sem vínculo formal com o DSE, a casa da Sra, Aninha foi adquirida pelo seu pai e posteriormente ampliada. Ele, que era um comerciante local muito conhecido por ter uma venda onde hoje funciona o Bar da Curva, provia os mantimentos para a maioria das casas da região, tendo ligação com as famílias pela socialização criada antigamente no espaço do comércio

“Aqui é particular, não é DSE. [...] Apareceu a oportunidade de comprar isso aqui, aí meu pai comprou. Só tinha um pedaço de casa. Aí meu pai foi e fez a casa. Aí ele foi construindo, melhorando a casa.” Sra. Aninha

3.2.2 Origem e continuidade das famílias

As famílias que se estabeleceram nas casas da pesquisa tomaram caminhos diversos quanto à ocupação do espaço ao longo do tempo, tanto em termos de edificações quanto de estabelecimento de outras gerações na casa. Vamos começar pela casa do morador mais antigo, Seu Nael, em que sua filha explica como se desenvolveu ao longo dos anos a dinâmica da casa. O seu pai, hoje em dia, já com 92 anos, ocupa outra casa que foi construída na parte de trás do terreno, com sua

filha que fica mais tempo em casa.

“Aqui moram duas filhas, mora eu e minha irmã. Lá atrás tem minha outra irmã com filhos e o marido, que construíram outra casa. Aqui nessa original teve a ampliação porque foi chegando os agregados, ai não tinha como. Não tinha como não fazer. Porque a casa ficou pequena.” Sra. Benilda

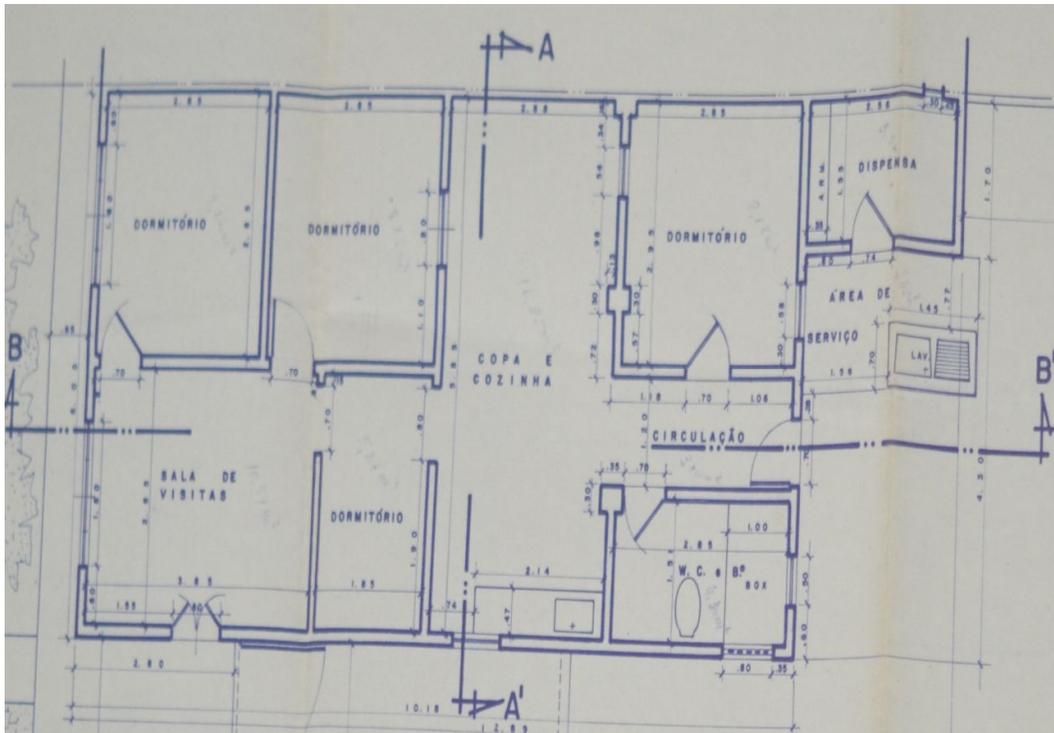


Foto 6 - Foto da planta baixa da casa do morador Natanael Bezerra, Seu Nael, podemos observar o banheiro (na imagem aparece W.C.), e perceber a posição original do cômodo, do lado de fora da casa, entendendo que a casa original era composta por esse primeiro “quadrado” com 3 dormitórios e uma sala de visitas, do lado entre o B até as paredes próximas da linha A-A'. Lembrando que a casa original era composta por 2 quartos, sala, cozinha e banheiro do lado de fora. Fonte: Pesquisador/Acervo do morador.

A outra casa com mais tempo de ocupada pela mesma família, e que é vizinha de muro de Seu Nael (não sendo a casa conjugada, o muro do outro lado), é a casa de Dona Zefinha. Seu Nael inclusive era muito amigo de seu falecido esposo, Seu Eduardo. Ela explica a chegada e como se deu o processo até hoje em que mora sozinha, apesar de ter o apoio e presença constante de sua filha Celma. Como já dito essa é a única casa que permanece original não tendo sido feita nenhuma reforma.

*Quando viemos para cá nossos filhos já eram crianças. Eram sete filhos. Ai depois dois casaram, foram embora. Depois um faleceu, e ficaram quatro. Ai um casou, foi embora. Ai outra casou e foi embora. Celma casou, foi embora. O outro também casou-se foi embora. Ficaram eu e Eduardo. Ai ele morreu. **Dona Zefinha***

A casa de Dona Marlene recebeu inicialmente seu pai, sua mãe e mais 2 filhos, tendo posteriormente nascido outro, hoje em dia ela mora sozinha e não foi feita nenhuma construção nova no espaço, apenas reformas na casa, que já era diferente do modelo da vila, apesar de também ser muito antiga.

*“Teve um irmão meu que nasceu aqui nessa casa. Mas veio eu e um mais novo do que eu criancinhas. Os dois casaram. Foram morar nas casas deles.” **Dona Marlene***

No terreno da Sra. Ivaneta houve a construção de uma nova casa, ocupada atualmente por seu filho. Seu filho e sua filha permanecem morando no espaço. Por ser um espaço de terreno grande, o único que não sofreu com a perda de quintal para a construção do laboratório da COMPESA, em 1982, o local já abrigou muitas atividades antes desenvolvidas pelo seu falecido esposo, como criação de peixes e floricultura.

*“Já existia a casa, o sítio, quando eu vim morar aqui. Aqui eu tive meus filhos, meu filho tá com 38 anos, minha filha tem 34. Passei um tempo sem ter filho, claro, faz 44 anos que eu estou aqui. Meu filho mora nessa casa dele ali, foi até meu marido que construiu, ele tá reformando agora. E aqui nessa que meu sogro construiu mora eu e minha filha”. **Sra. Ivaneta***

A família do Sr. Varsil é a que mais permaneceu no espaço, construindo novas casas e expandindo a ocupação do terreno. São 4 construções, sendo que a dele é a que fica na parte da frente junto com a antiga casa da Vila, ocupada por sua mãe e uma irmã. As outras duas casas de irmãos são na parte de trás do terreno, que passou a ter a divisão quando da construção do laboratório já mencionado.

Eu trabalhei 37 anos também na COMPESA. Eu entrei na época da COMPESA, eu entrei em 1979, já era COMPESA. Também sou aposentado, quatro anos, e continuo morando aqui na Vila. Essa casa é uma casa construída por mim mesmo, sob o risco que a

COMPESA na época mandasse até derrubar¹², mas não mandou, graças a Deus tô morando nela hoje. Pronto, eu cheguei aqui em 1975, já trabalhei, já me aposentei, e continuo morando, e daqui só pra cidade dos pé junto. Tem a minha casa aqui atrás, tem um irmão meu atrás, e outro irmão também fez uma casa. Sr. Varsil



Foto 7 – Casa de Dona Regina e do Sr. Varsil. Fonte: Pesquisador/Acervo de campo.

A história do Sr. Adilson, que como falado já morou em uma das casas da Vila durante sua juventude, segue hoje em dia em uma casa da DSE que ele começou a ocupar 10 anos atrás. Por ser aposentado da COMPESA ele reivindicou a moradia após um período morando fora da região, período esse em que seus três filhos nasceram. No espaço do seu terreno ainda não houve construção de outras casas, o que foi feito de mudança foi a criação de um bar restaurante na parte da frente da casa.

“Meus três filhos foi tudo lá na Serra Pelada, onde eu morava, aqui perto mesmo. Mas ninguém fez nada de construção aqui não, eu mandei eles fazerem, mas eles não querem. Se é pra trabalhar e

¹² O Sr. Varsil se refere a questão do uso do terreno pelos moradores, pois como as casas da Vila são do Estado, não é permitido mexer em sua estrutura, ou praticar alterações sem que seja consultada a COMPESA. Durante alguns anos houve problemas relacionados aos títulos de posse para os moradores, hoje em dia já se atravessa uma onda de maior calma para os moradores que já enfrentaram períodos críticos para a questão. Em 2000, ganharam uma garantia do Estado de que não seriam despejados.

ganhar dinheiro venha, podem fazer. Mas eles não querem.” Sr. Adilson

Na casa da Sr. Deda moram hoje em dia ela e a irmã, após 8 filhos terem nascido ainda na casa do sítio e terem morado nessa casa da Vila ocupada por eles após passagem por 2 moradias antes na região. Ainda não foi feita construção pelos seus filhos, que permanecem morando na casa, assim como duas netinhas. Foi construído um restaurante na parte da frente da casa, utilizando o antigo recuo de 5 metros da casa para a rua.

“Aí minha mãe faleceu, meu pai faleceu, aí ficou eu e minha irmã. São duas famílias que moram aqui. Tenho 2 filhos que também moram aqui comigo, mas ainda não fizeram nenhuma construção não.” Sra. Deda



Foto 8 – Casa da Sra. Deda, com o restaurante na frente, hoje em dia ele não é mais operado pela moradora, sendo alugado a terceiro. Fonte: Pesquisador/Acervo de campo.

Dona Luzinete mora com sua mãe, Dona Luza, com mais de 100 anos, elas chegaram em 1972 a essa casa da Vila. Hoje em dia ela é a única centenária da região, após a morte de Seu Eduardo, ano passado com 102 anos. Existe casa construída na parte de trás do terreno, que ficou dividido também pelo laboratório.

“Aqui mora eu, minha mãe, meu filho e meu marido. A gente já reformou a casa, é a mesma casa, só que ampliada. Aí a casa é uma casa só pra nós quatro. Agora, lá atrás tem outra casa, que é do meu sobrinho, que é no quintal da gente.” **Dona Luzinete**



Foto 9 - Foto da casa de Dona Luzinete em 1985, a parte que ela habita é a parte direita da residência, lembrando que as casas são conjugadas. Com essa foto, é possível perceber a diferença trazida com a construção dos muros tanto na frente das casas, quanto entre as casas, nas laterais. Fonte: Edja Trigueiro/Acervo FUNDAJ-MEC

Na casa da Sra. Zuleide, mora ela e uma irmã, sendo que inicialmente eram 10 irmãos. A casa foi dividida para abrigar as duas famílias, além de ter a construção do restaurante na lateral. Lembrando que um dos irmãos, o Sr. Adilson, habita uma casa ao lado.

“A gente dividiu a casa, aí mora eu na parte de trás e minha irmã na parte da frente, e a gente continua aqui até hoje. Era uma família de 10, só que outros casaram tudinho, e eu continuei, eu e ela, só ela, nós duas, aí a gente separou a casa e a gente continua aqui até hoje.” **Sra. Zuleide**



Foto 10 – Casa da Sra. Zuleide, com o restaurante que ela construiu ao lado de sua residência e que ela gerencia. Fonte: Pesquisador/Acervo de campo.

Por fim, a casa da Sra. Aninha começou com 6 moradores/as quando sua família chegou para morar, incluindo seus pais e quatro irmãos. Hoje em dia é habitada por ela e sua filha, além de ter o espaço do terreno utilizado pelas plantas da empresa de paisagismo da moradora. A casa é a mesma desde o começo, tendo passado por algumas reformas estruturais.

“Eram quatro filhos. Era a minha irmã, o meu irmão mais velho, o irmão caçula e eu. Quatro. Quer dizer, eram seis que moravam, com meu pai e minha mãe. Aí depois o pessoal foi casando, e aí foram construindo suas vidas, tendo os netos tudinho e construindo a vida fora. Hoje mora eu e minha filha, ela gosta muito daqui de Dois Irmãos.” Sra. Aninha

3.3.3 Plantações e Criação de animais

Uma parte importante da vida cotidiana passada da região era a criação de animais e a presença de árvores frutíferas nos quintais das casas. É possível perceber em todos os depoimentos essas práticas. Essa é uma perspectiva importante nesta pesquisa, pois revela uma mudança de hábitos caracterizadora de

um modo de vida.

No início desta pesquisa cheguei a pensar sobre a perspectiva de um modo de vida rural em meio urbano devido a perceber essas práticas através das histórias e do que via. Com a realização da pesquisa de campo percebi que essa é uma mudança que o tempo trouxe, principalmente, em termos práticos, com a construção de um laboratório pela COMPESA que mudou muito a estrutura dos quintais das casas da Vila. Em termos mais gerais, percebemos a mudança de prioridades das pessoas, que hoje tem necessidade de espaços para outras funções como garagem ou casa, ou mesmo espaços cimentados para circulação.

As falas descrevem de uma forma muito interessante os espaços, mostrando que as pessoas tinham isso como normal em suas vidas. Não foram relatos pontuais ou mesmo lembranças que tiveram de ser estimuladas. A Sra. Célia, além de ter o espaço do terreno ocupado pelo laboratório, utiliza o espaço da frente da casa como estacionamento visando o público do zoológico. Hoje em dia em sua casa ainda existe alguns pés de fruta como acerola e caju e recentemente criava galinhas.

“O quintal era enorme, aí vieram e construíram o laboratório, indenizaram tudo. Meu pai perdeu o gado, perdeu tudo. Ele fazia uma criação enorme, era muito maior o quintal. Tinha manga, caju, coqueiro, pitomba, sapoti, tudo foi meu pai plantou. Meu pai criava tudo aqui, boi, bode, porco, etc. Ele tinha as criações, ele morreu, perdeu o direito de ter tudo, perdeu tudo, morreu de desgosto. Em 1982 foi quando eles derrubaram tudo pra construir, eu tava voltando da maternidade, do meu filho do meio. Tinha muitas fruteiras, gado, porco, galinha, guiné, o que você imaginar.” Sra. Célia

A única moradora que ainda continua com criação de animais como produção até os dias de hoje é Dona Zefinha, inclusive ela comercializa ovos de guiné e de galinha de capoeira na comunidade. Antes da construção do laboratório ela criava porcos também, com um chiqueiro na parte mais pra cima do terreno. O hábito da criação vem de sua mãe, no interior da Paraíba, onde nasceu.

“Aqui tinha árvores, tinha quintal até na mata. Aí depois a COMPESA construiu o laboratório aí diminuiu o quintal. Mas tinha árvores, a gente criava porcos, essas coisas. Hoje a gente só cria galinha. Onde eu morava antes, eu não criava nada. Aqui como o quintal era mais grande, aí toda vida eu gostei de criar... Quando eu nasci, em Itabaiana, na Paraíba, eu já vi minha mãe criando todos os bichinhos, a gente morava no interior... Ela tinha porco, criação de galinha, de peru, gado, bode, tudo ela criava. Nós tudo tinha no terreiro. Aí

*depois que eu me casei, eu vim pra esta casa, ainda criei muito porco aqui, eu mandei fazer o chiqueiro deles lá em cima, eu acabei depois que foi fazer esse laboratório aí, porque tomaram conta, pegaram o quintal também. Aí eu tive que parar de criar porco. Acabaram com chiqueiro, tomaram parte do quintal, ficou muito apertado, não deu mais pra criar porco.” **Dona Zefinha***

Dona Marlene é mais uma que relata as criações que se interromperam quando da construção do escritório da COMPESA. Por ela morar em outra parte, na lateral da Praça, a única casa que não está na parte da rua que é frontal à entrada do zoológico, o seu quintal foi reduzido de forma diferente, através da construção de um escritório da COMPESA. Ela relata também que seus pais eram da capital, e o hábito de criar começou nessa casa em que chegaram para morar há 75 anos atrás. Muito provavelmente estimulados pelo que já ocorria nas outras casas da região, passaram a fazer parte do meio em que estavam se inserindo.

*“Antes não tinha essa parte aí da COMPESA. Era um quintal grande, muitas fruteiras. Agora, não sei em que ano, a COMPESA precisou fazer isso aí e fez, é dela, né. Aí é um escritório da COMPESA. Aqui criou de tudo. Galinha, pato, cabra, vaca... Já se criou tudo durante esses anos tudinho. Tinha um quintal muito maior, não tinha isso aí, o quintal ia também para lado de lá, agora é menos. Começou a criar foi por aqui mesmo. Meu pai e minha mãe não eram do interior. Minha mãe gostava, aí ela criava. Patos, a gente tinha um açude aí atrás, quer dizer, os patos não sabia a quantidade.” **Dona Marlene***

A casa da Sra. Ivaneta já serviu para criação de muitos tipos de animais, e como trazido por ela, a perspectiva que fazia o seu marido criar era mais para comércio, pois eles não gostavam de matar os animais. Como o espaço do terreno não foi atingido pelo laboratório da COMPESA (a única casa desse lado que não foi afetada) as criações continuaram por mais tempo. A Sra. Ivaneta por não gostar de ver bicho vivendo preso deu fim ao que ainda tinha quando seu marido morreu.

“Quando meu marido ainda era vivo ele gostava muito de criar. A gente já teve barzinho aqui, já teve floricultura, já teve piscicultura, ele gostava muito de pescar e a gente vendia peixe de aquário. [...] Animais, a gente já criou cavalo, já criou boi, mas assim, duas cabeças, três, não tinha muito não. Já criou porco, galinha, tinha bastante galinha guiné, tinha aquele sinaleiro, não sei se você conhece sinaleiro, que é bem brabo, parece um ganso, eles são muito brabos, não precisa nem de cachorro, a gente tinha quatro aqui, eram muito brabos, não podia chegar ninguém que eles botavam pra correr. E, assim, a gente já criou muito bicho aqui.

Carneiro, cabra... não era muito, mas 3/4 cabeças sempre teve aqui. A gente não gostava de matar, não comia não, não matava em casa pra comer não, era só pra vender. Nem a galinha de capoeira a gente matava, porque eu não tinha coragem, mas comia os ovos. Passarinho, ele tinha muitos passarinhos, a gente tinha um viveiro bem aqui na frente. Tinha todo passarinho que você pensar, era a coisa mais bonita. Agora eu sou uma pessoa que não gosta de ver bicho preso, não gosto, não me sinto bem. Quando ele morreu, eu soltei tudo. E os bichos que tinha eu saí vendendo, não gosto de bicho preso. Eu só tenho agora uma gata, um gato, e uma cachorrinha. Mas tudo soltinho. Mas o resto continua tudo igual. Aqui não mexeram não no terreno. Graças a Deus o meu quintal permanece do tamanho quase original.” Sra. Ivaneta

A Sra. Deda traz em sua fala a experiência de quando morava na casa do sítio, à beira do açude, onde seu pai costumava pescar. A questão da redução do quintal da casa da Vila pelo laboratório também é enfatizada, pois antes o terreno tinha vários tipos de frutíferas.

“Na primeira casa meu pai criava gado, só pra ter o leite só. Era uma vaca e um bezerro. Lá dentro tinha todo tipo de frutas e também o primeiro pirarucu que pegaram foi lá, meu pai e o vizinho que pegaram. Já nessa casa aqui tinha um quintal maior, nosso quintal era até a mata. Ai passaram o muro agora e a gente só ficou com esse pedaço. Tinha fruta-pão, pé de jaca, pitanga, acerola, tinha todo tipo. Só não tinha pitomba.” Sra. Deda

Falando do mesmo sítio onde morou antes da Sra. Deda, Dona Luzinete relata as criações que seu pai fazia, além das plantações e das frutas que costumavam ter no terreno. Ainda na casa da Vila o seu pai chegou a criar, e usufruíram por 10 anos do quintal antes do laboratório. Ela comentou muito dos vizinhos da região que costumavam plantar bastante, era muito comum, principalmente pelos que moravam dentro da Universidade, a maioria funcionários da Instituição. Ela também lembrou de seu vizinho na época do sítio que plantava para alimentar os 10 filhos.

“Lá no sítio meu pai criava galinha, criava pato, plantava. Ele gostava de plantar alguma coisa, por exemplo, chuchu que ele adorava plantar, fazia aquelas latadas de chuchu, jerimum, entendesse? Porque era grande o quintal, tinha muita bananeira, gostava muito de plantar bananeira, tinha banana prata, banana anã, banana comprida, tudo isso a gente tinha no quintal. Mamão, tinha muita fruta, pé de fruta-pão, manga, tinha tudo isso. Hoje a gente tem pé de manga, pé de acerola, pé de caju, mamão. Mesmo quando a gente se mudou pra cá, meu pai gostava muito dessas coisas de plantar e

de criar, ele ainda criou galinha aqui, inclusive. Toda vida teve isso por conta da própria universidade, né. Então já havia aquele incentivo dos próprios funcionários que moravam aí. Ali dentro tinha muita casa antigamente. Então os próprios funcionários que moravam aproveitavam a terra e plantavam alguma coisa, só que a gente plantava no quintal da gente mesmo. Nosso vizinho, no sítio ainda, era uma pessoa que veio do interior da Paraíba, ele adorava plantar e criar gado. Criava gado, criava cabra, galinha, pato, tudo isso se criava ali atrás. Atrás do LAFEPE era uma vargem, isso aqui tudinho era uma vargem, onde são essas construções todinhas da universidade. E ele plantava de tudo. Não só ele, como o pessoal da universidade, os funcionários, pra estudo. E mesmo sem ser pra estudo, tinha funcionário que plantava e vendia, tinha uma pequena hortinha, aí o pessoal vendia. Esse nosso vizinho plantava e trazia pra casa dele, não vendia nada, era só pra o consumo da família dele, eram 10 filhos. Depois ele se mudou, quando se aposentou, e foi embora morar na Guabiraba. Aí a casa ficou ali, foi quando o pessoal de Deda foi pra lá.” **Sra. Luzinete**

A Sra. Zuleide traz um relato em que fala de plantação de café, criação de porcos e a atividade da pesca no Açude do Prata. Ela traz a abordagem que a sustentação alimentar dos mais carentes que moravam na região se dava através dessas atividades. Como sua família mora na região desde a época do seu avô, que ocupou uma das casas inauguradas em 1933, ela viveu toda sua vida na casa, acompanhando esses processos desde tempos mais antigos, mesmo não sendo uma moradora das com mais idade. São as histórias que se ouvem e mesmo o que se viveu quando criança e que se perpetua na memória.

“Aqui já mudou tudo. O quintal era até perto da mata, até lá em cima onde hoje tem campo, era uma subida, o quintal da gente era esse todinho. Aí veio esse laboratório e comeu a metade do terreno e o pessoal ficou com a parte de lá, invadiram, e aqui a gente ficou com a parte da frente. Tinha tudo, tudo, tudo. Jaqueira, fruta-pão, café, era plantação de café, era bananeira, que dava pra sustentar quem era os mais carentes, não precisava nada. Aí só era ir ali no peixe do açude do prata pra pegar a carne. Galinha a gente criava, só não criava gado, essas coisas assim, ninguém criava não. Mas galinha criava muito. Porco também.” **Sra. Zuleide**

A casa da Sra. Aninha não teve perda de quintal com nenhuma construção, inclusive por ser particular, como já mencionado, sendo a única casa a qual o terreno não pertence à DSE. Mesmo assim já houve necessidade de remoção de árvores por conta de problemas com órgãos ao lado como o antigo HEMOPE que hoje é o almoxarifado da PMPE. O pé de fruta pão foi uma grande perda para a

família.

“O quintal sempre foi desse tamanho aqui. Meus pais gostavam de criar cutia, paca, tatu, gostava de criação. Criaram galinha, ganso, pato. Criava umas 60 cabeças de cutia. Só de hobbie mesmo. Ele gostava muito de cutia. Dava ao zoológico também.” Sra. Aninha

A Sra. Benilda lembra das criações que tinha em sua casa e também de como elas serviam como renda para a família fazer suas feiras. As safras que acompanhavam o passar do ano e recheavam as árvores do terreno, muitas vezes eram separadas para atravessadores que chegavam a pagar antecipado. Essa prática era importante como complementador de renda para a família, e a perspectiva das frutas era de muita fartura, não faltava.

“Antigamente criava galinha, porco, gado, se criou muito por aqui. E também, vez ou outra, quando tinha a venda das galinhas, ou alguma safra, aí fazia as compras em Casa Amarela, quando era alguma coisa maior. Chegava a vender as galinhas pra fazer as feiras. As safras também das frutas, de fruta-pão, jaca, de cajá, às vezes tudo já era separado e vendido antes, pra poder fazer feira em Casa Amarela.” Sra. Benilda

3.3.4 Limites

Uma perspectiva interessante que é abordada dentro de nosso referencial teórico e que foi trazido para a pesquisa de campo é a noção geográfica do pedaço em que habitam. Por vezes se misturando com a ideia do bairro de Dois Irmãos, ou da comunidade da Praça, quatro moradores/as trouxeram em suas falas os limites que entendem serem demarcadores do território que ocupam cotidianamente, o pedaço.

“Os moradores locais seria daqui até o portão do zoológico, até aqui atrás perto de Eduardo Campos. Onde é a comunidade.” Sra. Célia

A referência da Sra. Célia a Eduardo Campos é porque o falecido político pernambucano morava em uma residência próxima a região da pesquisa, entrando na rua que a casa da Sra. Aninha faz esquina, e depois dobrando à direita. O Sr. Varsil traz uma descrição mais completa do que entende ser a comunidade para ele,

lembrando que hoje o bairro cresceu bastante.

“O limite realmente daqui de Dois Irmãos, pra vila é o viaduto de Dois Irmãos, é a entrada pro Córrego da Fortuna, perto da Rural. Dois Irmãos mesmo é só esse pedacinho, apesar de que os Pintos era bairro de Dois Irmãos, agora é Bairro do Sítio dos Pintos. Córrego da Fortuna também é Dois Irmãos. Só que a turma falava assim: Dois Irmãos entendia que era essa praça aqui, essa Vila, aí tinha o depósito da COMPESA aqui, que ainda hoje é atendimento ao público da COMPESA, e tinha umas casas ali dentro da Rural, que é da universidade de lá. Aonde é a biblioteca da Universidade também já tinha casas, no Departamento de Biologia lá em cima, na parte mais alta, também tinha uma vila de casas. Então Dois Irmãos se resumia ao pessoal da Rural, pessoal aqui da praça, e o pessoal ali do prédio de Agronomia dentro da UFRPE.” Sr. Varsil

A Sra. Deda foi enfática nos limites do que seria a comunidade da Praça ou da Vila, como chamou o Sr. Varsil. Dentro dessa descrição feita, apenas uma casa ficou de fora da pesquisa, pois é de ocupação recente, e por não ter vínculo com a DSE nem outra referência histórica que os conectasse ao pedaço, foi decidido não pesquisar nessa residência.

“Do bar da curva pra cá. Do viaduto pra cá. A comunidade da gente é isso.” Sra. Deda

3.3.5 A alegria de morar em suas casas

O sentimento dos moradores/as em relação ao espaço que habitam, especialmente as suas casas, é muito positivo. Os relatos mostram que eles tem alegria de morarem por tanto tempo em um lugar que classificam de formas muito positivas e detentor de diversas qualidades. As mudanças que o tempo trouxe são, muitas vezes, inevitáveis e mexem com os hábitos da região, mas no geral as pessoas entendem que muita coisa permanece com a energia do passado preservada, de tranquilidade e sossego, características antigas do pedaço.

A Sra. Célia lembra em sua fala dos problemas em relação à posse que já ocorreram na comunidade por serem casas ou terrenos pertencentes ao Estado. Ela lembra também que seu pai teve um problema em serviço pelo DSE e, assim como outros moradores/as, entrou na justiça pela reparação dos danos sofridos, enfatizando que trocaria qualquer indenização pela casa em que mora, ela nasceu

nessa casa e sempre morou nela.

*“Aqui ainda tem a mesma energia, chegaram pessoas diferentes mas o bairro é o mesmo. Aqui é o melhor lugar de se morar, a gente mora perto de Mata Atlântica. Aqui não tem assalto, só tem tranquilidade, e se o Estado me botasse pra fora, pela indenização que o Estado tem pra dar pela perda de audição do meu pai em trabalho, eu trocaria a minha indenização por essa casa, que o meu pai construiu, e na época não tinha assim que nem tem hoje não “ah isso aqui é meu”, ele foi doado para o meu pai. Eu amo aqui, isso aqui tem paz. Dorme de porta aberta, nem ladrão tem. Tem um quartel perto, tem vigilante do LAFEPE, tem segurança da COMPESA. Qualquer coisa que acontecer tem comunicação desse pessoal, eles tão ligados. De água, de mata, de ventilação, também é muito bom. **Sra. Célia***

Dona Zefinha enfatiza que está acostumada a morar na região, ocupando há 59 anos a mesma casa, frisa que é um lugar calmo e que só sai no dia da passagem.

*“Apartamento eu não quero nem de graça pra morar. Eu tô acostumada a morar aqui. Faz tempo que eu moro aqui. E aqui é calmo, é bom pra morar. Eu tô tão acostumada aqui em Dois Irmãos, que eu só saio daqui no dia que Deus me tirar.” **Dona Zefinha***

Dona Marlene foi outra moradora a enfatizar as boas lembranças de onde mora e que se sente livre em sua casa, temendo que se morasse em apartamentos, por exemplo, pudesse se sentir preso. Ela chegou com 7 anos na casa em que mora, e ao longo de sua vida sempre morou na casa, são 75 anos.

*“Eu só tenho boas lembranças. Eu não tenho nada a reclamar. Não tenho vontade de morar em apartamento. Eu acho que eu ia ficar muito presa, aqui eu não me sinto presa.” **Dona Marlene***

Com experiências fora da casa em que mora hoje em dia, a Sra. Ivaneta, traz que seus filhos gostam bastante hoje em dia do lugar em que moram, apesar de já ter época em que sua filha não gostava, pela distância de muitos espaços de divertimento. Ela destaca que os serviços funcionam muito bem na região, o que é uma importante demanda para quem habita a periferia.

“Eles gostam muito daqui. No começo, minha filha tinha vontade de sair, não gostava. Mas agora ela viu que isso aqui é uma maravilha. Aqui é um pedacinho do céu, que não se compara com lugar nenhum

por aí, né. Se me der o melhor apartamento em Boa Viagem eu não troco. Aqui é muito bom, a gente não tem problema com água, com luz, com ladrão, com esgoto, graças a Deus. Eu sou uma privilegiada.” Sra. Ivaneta

A Sra. Deda, que já morou um tempo em apartamento quando se casou, refuta novamente a experiência e frisa as qualidades do espaço que habita, lembrando que mora há muitos anos e está acostumada à sua casa.

“Eu gosto da tranquilidade daqui. Se eu sair daqui, eu não sei morar em lugar agitado. Eu já morei em apartamento. Mas eu não gostei. Eu vim me embora, voltei pra casa da minha mãe.” Sra. Deda

Lembrando as diferenças dos tempos atuais com o passado, a Sra. Zuleide enfatiza a ameaça que a crescida da violência, principalmente na Praça de Dois Irmãos, trouxe de medo aos moradores/as, tema que será melhor desenvolvido na parte final, no tópico da Praça. Mesmo assim, ela enfatiza que ama o seu pedaço e que espera terminar seus dias por onde mora desde que nasceu.

“Eu amo aqui. Hoje em dia tá meio ameaçado, né. Mas isso aqui era o paraíso. Hoje tá diferente, porque vai mudando, né? A mudança dos tempos. [...] Mas aqui era o paraíso. Ainda continua em comparação a outros bairros por aí aqui continua tranquilo. Eu prefiro e espero em Deus terminar meus dias aqui.” Sra. Zuleide

3.3 A relação de vizinhança

3.3.1 A vizinhança de antigamente

A perspectiva da relação em comunidade e as interações sociais decorrentes do processo de vizinhança são o grande elemento fomentador das relações sociais. Uma dimensão de modo de vida de base comunitária, como falado na fundamentação teórica, trata de relações mais próximas entre as pessoas, menos fria e analíticas como nas sociedades mais urbanizadas.

Esse tópico pretende abarcar essa dimensão, dividido em como era antigamente, depois um tópico específico para as festas tradicionais e suas comemorações e por fim, como se manifestam as relações entre os vizinhos nos dias de hoje. Evidentemente que os tópicos se misturam e tratam de um tema em

comum que são as interações entre os vizinhos, a divisão foi mais pra facilitar a divisão das falas.

Discutimos sobre as relações de vizinhança na fundamentação teórica, como é um processo imprescindível para estabelecimento de boas relações entre os moradores/as que habitam um pedaço. Por vezes, dependendo da época, do contexto social, das prioridades, teremos comportamentos de uma forma e em outras épocas as mudanças podem trazer abordagens bem diferentes, mostrando que o certo e o errado são mutáveis e os códigos de boas relação acabam que são construídos tempo a tempo a partir de contextos sociais mais amplos, mas pretendendo preservar raízes que são importantes para cada pedaço.

Escolhi começar com Dona Luzinete, que na sua fala lembra de vivências de 70 anos atrás, ou seja, um tempo que a maioria dos entrevistados não alcançou. Ela traz um aspecto interessante da vida cotidiana entre as mulheres, de um apoio mútuo imprescindível para criação dos filhos.

“Quando a gente era criança tinha muitas árvores, frutas, por aqui. Hoje em dia, as crianças não ligam muito pra isso não. Mas a gente comia de tudo, né? Não tinha esse negócio... Ia no quintal do vizinho, tirava, não tinha esse negócio ah, entrou no meu quintal. Não tinha essa coisa naquela época. Era assim muito vizinho, muito amigo, de ajudar o outro. Hoje em dia as pessoas são mais afastadas. Ah, eu acho que é da própria vida, tudo muda. Mas naquele tempo era assim, aquela coisa, vizinho quando tava precisando, todo mundo ajudava. Essa minha vizinha mesmo, que todo ano tinha um filho, eles eram do interior, moravam aqui, ele trabalhava no saneamento. Então quando ela tinha neném todo mundo ajudava. Nesse caso, era minha mãe e a mãe de Marlene. Aí iam pra lá, faziam comida, dava banho no neném, ajeitava ela, cozinhava pras outras crianças, limpava a casa, lavava a roupa, fazia tudo isso. Ajudava até ela passar aquele período que ela pudesse voltar às atividades dela. Entendeu? É muito diferente, né, do tempo hoje. Aí você vê que a coisa é bem... Isso é uma coisa de quantos anos? 70 anos atrás. Quer dizer, eu tinha 10 anos na época. Hoje as pessoas não querem muito ninguém nas suas casas porque acha que vai observar... entendeu? Cada um na sua. Aí você vê que hoje as coisas, o tempo mudou, o povo se fechou. Tinha uma coisa muito engraçada. Ali na COMPESA, onde tem essa parte de cá, tinha uma um ferro, uma pilastra de ferro, só que era ferro mesmo, maciço, dessa altura, que era pendurada pra bater e chamar o povo pra trabalhar. Dia de pagamento, o contador vinha lá da cidade, aí tocava a sineta e o pessoal largava do serviço e vinha receber o dinheiro. Então, a gente usava essa sineta quando era época do Ano Novo pra bater. Os postes como era antigamente de ferro, né, foram todos trocados, então a gente se juntava ali onde tem o departamento, ali tinha uma casa, que morava uns 10 filhos, aí a gente era tudo muito amigo. São

João a gente brincava lá, que a mãe dos meninos e o pai gostava muito. Então se juntava todo mundo, a gente ia ajudar a fazer as comidas, que ela cozinhava muito bem. Aí era fogos, era fogueira, um fogueirão enorme no quintal, pra assar milho, aí todo mundo comia, brincava, dançava. E o pessoal dessa casa mesmo sempre fazia bolo, uma delícia, então preparava e mandava pra gente, e ia pra festa também. Aí tinha muita brincadeira, era muito bom.” **Dona Luzinete**

Trazendo mais a perspectiva das datas comemorativas, Dona Marlene lembra do São João, do Natal e especificamente de um fato que se lembra do Ano Novo. Por ser de uma geração mais antiga, chegando 75 anos atrás, suas lembranças se coincidem com a de Dona Luzinete, que também falou da brincadeira de fazer barulho no ferro durante o romper do ano.

“Antigamente todo mundo tinha uma fogueira no São João. Natal, todo mundo fazia sua reunião em casa, convidava o outro. Quer dizer, a comunicação era mais fácil porque as pessoas estavam mais disponíveis. Eu acho que não há uma indiferença, eu acho que as pessoas hoje são mais ocupadas. Porque saía daqui, passava meia-noite, aí vinha um pessoal aqui, aí gente ia na casa de outro. Uma coisa muito interessante. Uma vez um rapaz que morou aqui me disse que tinha saudade do tempo quando rompia o ano aqui e os meninos eram tudo batendo nos postes, aí fazia uma zoada imensa, não tinha fogos, aí ia bater nos postes de ferro. Era uma zoada, era tradicional. Meia-noite a molecada ia toda bater nos postes.” **Dona Marlene**

Lembrando-se de um maior contato entre as pessoas, o Sr. Varsil destaca que antes o pessoal era mais unido, inclusive citando a perspectiva das festas comemorativas com as pessoas indo nas casas das outras. Ele enfatiza que hoje em dia a ajuda ainda existe entre os vizinhos, mas de certa forma, ficou restrita a situações mais pontuais, talvez de emergência, inclusive.

“Rapaz, infelizmente, antes eu achava que o pessoal era mais unido, com relação a parte social. Já chegou época aqui de a gente organizar quadrilha, mas depois a nova geração, não sei se é questão de ocupação. Você não tem mais aquele contato mesmo que a gente tinha, de ir na casa do outro. Foi todo mundo botando muro e se isolando, botando muro e se isolando. Infelizmente, acontece isso. Isso aí é perceptível. Antigamente, chegava festas, ano novo, a gente ia nas casas todinhas, ano novo todo mundo ia nas casas dos outros, hoje praticamente é cada um na sua. Infelizmente. Agora uma ajuda, uma emergência, o pessoal aqui é solidário. A hora que precisar. Como eu sempre digo, meu carro tá aí 24h, na hora que precisar, pode me acordar. Quanto a isso aí o

peessoal é solidário.” Sr. Varsil

Já de algumas gerações depois de Dona Luzinete e também mais nova que o Sr. Varsil, a Sra. Deda se lembra das brincadeiras quando criança e das comemorações de São João e Carnaval e enfatiza que hoje mudou, as pessoas são mais reservadas.

“Antigamente aqui, quando eu era pequena, comemorava São João, Carnaval, fazia quadrilha aqui e tudo. Antes na Vila tinha quadrilha, aqui na rua. Todo mundo se reunia, cada um trazia um prato, botava e brincava a noite todinha. Na época das festas tinha uma integração boa, São João, Carnaval. Natal às vezes tinha, mas a gente ficava cada um na sua, mas tinha, o povo vinha fazer visita, ficava um tempinho, depois ia embora Hoje em dia é cada um na sua. Bom dia. Boa Tarde. Boa Noite. Opa. Pronto. Ninguém vive na casa de ninguém. Quando a gente era pequeno, a gente brincava, porque não tinha nada dessas construções aqui, não tinha nem terraço. Ninguém tinha terraço.” Sra. Deda

A Sra. Zuleide segue na lembrança das brincadeiras de antigamente, inclusive citando praticamente o mesmo espaço que a Sra. Deda, a parte da frente das casas, o calçadão, que hoje é o terraço da maioria das casas da Vila, após a construção dos muros e as reformas das casas, com ampliações. Ela também lembra que organizava as festas de São João na Vila e que hoje em dia não se faz mais.

“Se brincava muito, aqui na rua, no início aqui era uma calçada que vinha de lá até aqui onde tinha um jambeiro, a gente ficava tudo conversando, as crianças tudo brincando. Mas isso acabou, morreu. Festa mesmo só quem fazia era aqui mesmo. Festa de São João, de tudo. Era a gente que organizava. Eu, meu filho quando já cresceu, o pai dele também, também faleceu... Mas hoje em dia ninguém faz mais festa não. Aqui é um lugar morto pra festa. Natal antigamente ia na casa de um, na casa de outro, depois se reunia ficava tudo junto. Mas agora não. Cada um faz sua festinha. Ninguém vai pra casa de ninguém.” Sra. Zuleide

Em relação às lembranças do cotidiano do passado, a Sra. Aninha trouxe o exemplo da chegada de uma tecnologia que acabava por aproximar os vizinhos. Na época da chegada da televisão, a sua casa era uma das poucas da região com acesso ao eletrodoméstico e dessa forma muitos vizinhos se juntavam em sua casa para usufruírem juntos da novidade. Hoje em dia, como veremos no tópico de Vizinhança nos dias de hoje, a tecnologia talvez seja a principal responsável pela

mudança de relação entre as pessoas, cada vez mais distantes. Ela também lembra do São João dentro da antiga vila da UFRPE, como Dona Luzinete.

“Na minha infância, eu me recordo, o pessoal falava, minha mãe falava, no tempo que surgiu a televisão, né, aí meu pai foi o primeiro a comprar televisão. Aí ele chamava os vizinhos tudinho pra assistir televisão. As comadres vinha, os compadres. Quando a gente era criança tinha muito mais casa pra gente ir. Tinha a vila, pra dentro da universidade. Aí ali a gente ia muito, tinha muita amizade da gente ali dentro. Fazia São João ali dentro, o pessoal era muito animado, o pessoal dos outros lugares ia também pra lá. Fazia um fogueirão e o pessoal se reunia tudinho.” Sra. Aninha

3.3.2 A vizinhança de hoje em dia

Depois de lermos alguns relatos focados na construção das relações de vizinhança antigamente, vamos abordar o que os entrevistados falaram a respeito de hoje, as mudanças que eles enxergam e o que de diferente existe nas dinâmicas com os outros moradores/as. A maioria, como já foi trazido no tópico anterior, destaca um distanciamento entre as pessoas hoje. Os tempos mudaram e com eles novos hábitos vão se formando. Dona Luzinete, mais uma vez contextualiza essa transição, trazendo a perspectiva de quem continuou no pedaço após casar-se e viu muita mudança.

“Eu fui talvez uma das que não saiu daqui porque eu casei e continuei morando aqui. A maioria foi embora, eu fiquei aqui. Aí a gente vê as diferenças. O tempo muda, as pessoas são diferentes, não tem mais aquele temperamento da minha época, os mais jovens, né, já agem de outra maneira. Isso é uma coisa natural da própria mudança do tempo, do mundo, da evolução. A gente sabe, né, a televisão, os meios de comunicação, a internet, essas coisas todas, prenderam mais as pessoas. As pessoas antes eram mais comunicativas. Ficavam mais próximas das outras. Hoje em dia com essa história de internet, celular, não sei quê, essas coisas assim bem modernas, que a gente precisa ter, lógico, o mundo evoluiu, mas fizeram com que as pessoas se afastassem do mundo. Todo mundo fica muito no seu eu. Mas a gente não tem problema com vizinhança. Se alguém precisar de uma ajuda, então todo mundo sai pra ajudar.” Dona Luzinete

Assim como Dona Luzinete, Dona Marlene não saiu da casa em que mora por motivo de casamento. Ela acompanhou também as mudanças e credita o distanciamento das pessoas à ocupação do tempo que hoje é preenchido por

diversas atividades. Sua fala sobre a cadeira na porta é muito simbólica, pois é um hábito que remete muito ao passado e que, por diversos motivos, ficou para trás.

“Eu acho que hoje as pessoas são mais ocupadas. Talvez hoje os rapazinhos não tenham a mesma liberdade, já tem um emprego, tem uma aula. É, eu acho que hoje as pessoas são mais ocupadas. Eu acredito. [...] Hoje a vida é outra. Não sei se pra você. Ninguém bota uma cadeira e senta na porta. Eu acho que, atualmente, não, em canto nenhum. Como já foi hábito antigamente, a pessoa jantou, ia bater papo no portão.” **Dona Marlene**

A perspectiva trazida pela Sra. Ivaneta a respeito mudança nas relações compreende o aspecto da melhora de renda pelas pessoas do pedaço. Antes as pessoas se ajudavam mais, e isso, naturalmente, permitia a criação de vínculos mais próximos entre os moradores/as. Ela frisa que evita ao máximo aperrear as pessoas para pedir, mas se precisar sabe que pode contar com o apoio. Ela cita também a questão da internet como importante fator de mudança principalmente pelo comportamento dos jovens.

“Hoje em dia, o tempo tá melhor. A gente não tá tão necessitado, como era antigamente. Todo mundo tem seu trocadinho, faz sua feirinha. Mas se precisar com certeza ainda estamos aqui para servir. Eu não quero ser melhor do que ninguém, a gente é todo mundo igual, mas eu faço tudo pra não aperrear ninguém. Mas se precisar de mim, eu tô aqui pra servir qualquer um. E se eu precisar eu vou em qualquer um, e eu tenho certeza que eu sou bem servida. Porque são vizinhos bons, são todos bons, eu gosto de todos eles. Antigamente tinha mais tempo, a gente conversava mais. Hoje em dia não. Só passa oi, bom dia, boa tarde, é assim. Ninguém para pra conversar. Mas é devido o tempo de hoje. Eu acho que é isso. Não sei. Os jovens não querem saber disso, eles querem saber do tempo deles. E agora com a internet, os jovens não querem saber mais de nada. Todo mundo conectado.” **Sra. Ivaneta**

Moradora de uma geração mais nova que ainda tem sua dinâmica atrelada ao deslocamento para o trabalho, a Sra. Deda frisa o pouco tempo que lhe resta para ver seus vizinhos. Além disso, os moradores/as hoje em dia sendo mais idosos do que crianças acabam que diminui o fluxo de pessoas interagindo, como era a perspectiva que ela mesmo trouxe no outro tópico com relação às brincadeiras na rua. Em sua fala agora ela traz também a brincadeira que tinha antes para os adultos, a lambada, ou seja, a dança que envolve os vizinhos por ser um atrativo de saída. Até pouco tempo houve na região o Forró do Bar da Curva, que depois

passou para o Rainha da Sucata, da Sra. Zuleide e hoje em dia acontece em outro bairro.

“O povo brincava aqui. Brincava uma tal de lambada. Hoje não. O povo tá tudo nas suas casas. Só cumprimenta e pronto. Não era como antigamente não. É a evolução do tempo, é isso. Porque, olha, a gente sai de manhã chega de noite, no trabalho. Eu vou ver quem? Tem muito morador mais idoso também. E tem pouca criança. E as que tem, tão no computador e na internet, direto, 24h. Você não escreve mais uma carta.” Sra. Deda

Por fim, a Sra. Benilda reforça a questão dos laços de vizinhança que existem na comunidade, principalmente em relação a comunicação, mas enfatiza que isso está acontecendo cada vez mais no campo do virtual.

“Então essa questão de vizinhança, ela sempre foi muito boa, sempre foi muito boa. Você passa aqui você não vê o povo na rua. Grita aí fora pra você ver. Você vai dizer esse povo mora tudinho aqui? Então é sempre muito irmanado, nessa questão do aconchego da vizinhança. Foram os tempos mesmo que mudaram. Mas não o sentimento das pessoas. O pessoal daqui é muito urbano mesmo, aquela coisa de suburbano mesmo. Se comunica, conversa. Tem uma festinha, vai ter um bolinho. Zuleide eu fiz bolo. Aí vai levar um pedaço pro outro. Tem o que aí pra comer? Aquela coisa da vizinhança mesmo. Agora hoje eu sou colada com minha vizinha, mas passo um mês sem vê-la. Pra eu ver, ou eu vou lá, ou ela vem aqui. Enquanto uma não for na casa da outra, não se vê. Mas a gente se fala no ZAP, a gente não se vê.” Sra. Benilda

3.4 Os vínculos familiares

Como as famílias se relacionam com seus parentes, se eles estão próximos ou não e quais os laços que se conservam dentro da dinâmica cotidiana atual, em que já vimos que nas relações de vizinhança cada vez mais a perspectiva do uso do tempo está mudando os hábitos.

Novamente, as tradições de festas aparecem como elemento de agregação familiar, apesar de também mostrar uma perda de força ao longo dos últimos anos como aparecem em algumas falas. As casas que acumularam novas gerações apresentam uma maior dinâmica em relação aos encontros familiares, por constituírem pontos de referência, com a concentração de parentes e a ligação afetiva mesmo de quem não mora mais atualmente. Outro fator que contribui é a

permanência dos mais velhos nesses espaços.

A família da Sra. Célia, que mora com dois de seus quatros filhos, não tem muito mais o costume de se juntar, conservando para datas especiais como o Fim de Ano.

“De primeiro eu fazia muito isso, de juntar a família. Mas hoje em dia, é mais final de ano que eles vem, e também se deu, deu, se não deu, eu saio por aqui pra brincar também sem problemas. Mas pra juntar amigo e vizinho hoje em dia tem mais isso não, de se reunir, é cada um por si. Ninguém hoje não é mais ninguém não, a gente não tem a amizade de antigamente não.” Sra. Célia

Dona Zefinha que teve sete filhos, hoje em dia recebe a visita de seus filhos em dias alternados, sem ter a perspectiva de algum dia de encontro familiar que traga a presença de um grupo maior. Novamente as festas aparecem como momento de congregação familiar, mesmo que hoje não sejam mais frequentadas por todos.

*“Celma vem sempre com os filhos, Dia de Natal, Dia das Mães, Ano Novo. Ela fica aqui mais eu. Ela dorme comigo. Tem três filhos. Quando chega fim de ano, pra ela não ir pra casa fazer almoço pros meninos, aí vem tudo, vem ela, os meninos, o marido, e almoça tudo aqui mais eu. Os outros filhos não vem não, vem mais de visita, vem, fala comigo, demora um pouco e vai embora, mas pra passar um domingo, pra almoçar, pra passar o dia, não vem não. É mais visitas. Antes reunia, sabe, pra comemorar o meu aniversário e o de Eduardo. Reunia a família e comemorava, mas hoje em dia não.”
Dona Zefinha*

Um caso de relação familiar entre os moradores/as das casas acontece com a Sra. Ivaneta e Dona Regina, mãe do Sr. Varsil. Ela lembra da relação que se desenvolveu entre seus filhos e os filhos dela e continua trazendo a dinâmica que sua família tem hoje em relação às festas e datas comemorativas.

“Da minha família todo mundo mora longe. Eu não tenho nenhuma família perto daqui. Só eu e meus dois filhos. Dona Regina é ainda família minha. A minha irmã é casada com o irmão dela. Aí a gente se considera. Ela é concunhada, né, como se chama. Mas os filhos dela chama Tia Neta, os meus filhos chama Tia Regina. E os filhos dela tratam os meus como primos. É assim aquela união. Mas família mesmo de sangue só tenho tudo longe daqui. Não tem ninguém perto. Final de ano a gente se junta, carnaval... A gente continua tentando juntar... não junta todo mundo, mas sempre faz um

grupinho. A gente ainda tenta, sabe? Não vem todo mundo, mas sempre vem alguém, sempre a gente vai pros aniversário da família, e sempre vem alguém pros da gente aqui. São João também. O ano passado foi aqui. Dois anos, que eu tive câncer de mama, aí a família juntou mais ainda. Aí foram dois anos aqui. O atrasado e o ano passado. Aí este ano a gente ainda vai combinar onde vai ser. Mas sempre a gente tá junto. Graças a Deus.” Sra. Ivaneta

A família do Sr. Varsil foi a que mais se estabeleceu no espaço, como já visto, e isso colabora para que aconteçam mais reuniões familiares na casa da sua mãe, Dona Regina, que já está em uma situação de saúde delicada, com a idade avançada e é muito mais fácil as pessoas se reunirem onde ela mora. Evidentemente, com 4 filhos morando já no local por si só já temos uma dinâmica de convivência maior que as outras casas.

“Meus irmãos, a maioria mora distante, mas sempre de vez em quando se reúne aqui quando tem uma festinha alguma coisa. Quando se junta... são 12. É mais quando tem aniversário, alguma coisa assim, aí se junta aqui, é a casa do aconchego, como a gente chama. Chega todo mundo aí, é sempre bem recebido, mas não tem aquela tradição mesmo de se reunir todo mundo algum dia específico. A gente fazia São João, hoje mais não. Este ano Natal foi aqui, a gente reuniu aqui.” Sr. Varsil

Outra casa que apresenta um fluxo de encontros familiares maior é a da Sra. Deda, que mesmo que sua mãe não esteja mais viva, os filhos continuam se referindo a casa em que moraram quando mais novos como a casa de mãe. Ela destaca as principais festas que ocorrem ao longo do ano e as datas comemorativas das pessoas que moram hoje na residência.

“Eu tenho um irmão que mora em Arthur, outra em Caetés, duas no Janga, um em Campo Grande. Toda data comemorativa a gente se reúne. Às vezes aqui, às vezes na casa da minha irmã. Aí fica pulando de casa em casa. Aí se reúne. Minhas irmãs vem. Às vezes passa o dia. Pra você ter uma ideia, eu tenho um irmão que nunca diz assim vou na casa de fulana, diz vou na casa de mamãe. O senhor vai pra onde? Tô aqui na casa de mamãe. A referência ainda é a casa de mamãe. Aí a gente se reúne. Pronto, Natal mesmo, Ano Novo a gente ficou aqui. Todo mundo. São João também. Teve um aniversário mesmo da minha neta, tava todo mundo aqui. Não veio gente de fora, só veio o povo de casa.” Sra. Deda

A casa de Seu Nael continua sendo um ambiente de interação familiar. Com 2 filhas morando na casa da Vila e mais uma com casa na parte de trás do terreno,

onde costuma passar os dias o patriarca, o espaço continua com a dinâmica de interação das pessoas no dia a dia, associado com as refeições principalmente da noite, quando se chega do trabalho. O aniversário do mais antigo morador da Vila também é uma data de grande congregação familiar, inclusive com os anônimos da região.

“Todo ano a gente faz reunião familiar. Então, uma data que é bem marcante, desde que eu me entendo de gente, é o aniversário de meu pai. É todo dia 13 de novembro. Pra você ter ideia, entra gente que a gente não sabe nem quem é. De tanta gente que é. A gente não faz um padrão de reunião de família, entendeu? Agora, assim no domingo, eu tô em casa no domingo aí eu digo assim vai ter um churrasco, eu fiz uma moranga, aí chega tudinho. É incrível. Nunca deixa de chegar. Porque você chegou de 20h, né. Se você chegar aqui por volta de 15 pras 19h, isso aqui é um desfile. O povo entra, vai na panela, ver o que é que tem, come e vai embora. Já os netos fazem também, os filhos dessa minha irmã que mora aqui atrás, já são assim.” Sra. Benilda

3.5 Relação com o antigo DSE e outros locais de trabalho

Pela característica eminentemente operária da Vila que se formou em 1933, todos os moradores/as das oito casas eram vinculados ao Departamento, pelo menos um que trabalhasse, e em geral o era, para que fosse possível a família habitar a casa. Os outros poucos sítios na região também tinha moradores/as que trabalhavam na DSE ou na UFRPE outro antigo órgão. Dessa forma, a divisão dos espaços acabava por possibilitar maior interação entre os vizinhos, associado tanto ao ambiente de trabalho quanto ao ambiente privado, pela eminente relação desenvolvida nos espaços compartilhados no dia a dia.

Atualmente, temos um perfil de trabalho bem diverso entre os moradores/as diferente de antigamente que a grande maioria era vinculada ao DSE e alguma parte a UFRPE. São quatro exemplos de empreendedorismo através de bares ou restaurantes, sendo que três oriundos de aposentados da COMPESA ou UFRPE; três moradores/as aposentados da COMPESA; duas moradoras que se relacionam ao movimento oriundo do zoológico de outra forma, seja guardando barracas, ou com estacionamento; duas moradoras viúvas de ex-funcionário; uma moradora aposentada da FUNDAJ; uma moradora que trabalha na COMPESA, mas em local distante da moradia; e outra moradora que empreende uma sementeira em sua

casa, onde trabalha com jardinagem.

“Eu mesmo trabalhei perto, eu trabalhava na Fundação Joaquim Nabuco. Algumas pessoas trabalhavam aqui por perto, muita gente trabalhava na universidade. A maioria trabalhava no DSE e a outra parte trabalhava na universidade. Aquele povo que trabalhava lá dentro nos sítios trabalhava na universidade. Era tudo funcionário da universidade. Um ou outro que vinha morar, trabalhava fora. Aí hoje que você vê que a maioria da pessoas trabalham fora. Tem um deslocamento maior. O pessoal mais jovem, não digo nem os mais jovens, o povo de 40,50 anos pra cá, já trabalha na rua, mais longe de casa. Tem que pegar dois ônibus, metrô, essa coisa toda.” **Dona Luzinete**

Durante muito tempo o acesso aos órgãos público era feito de uma maneira menos seletiva, possibilitando manter membros das famílias trabalhando também dentro do Departamento, posteriormente COMPESA e dando continuidade à característica de ocupação da região por trabalhadores de perto. Com as mudanças no acesso aos órgãos, ficou mais difícil de os moradores/as acessarem o trabalho que historicamente os vinculava a casa e mesmo a região, através, geralmente, de seus pais ou maridos.

“Porque, antigamente, no tempo do meu sogro, não tinha esse negócio de concurso público. Aí todo mundo conseguia trabalhar em setor bom, e trabalhar em paz. Mas hoje é tudo concurso. Aí meus filhos não fizeram não. Foram pra outra área e trabalharam em outros setores. Mas tudo longe daqui de casa os lugares.” **Sra. Ivaneta**

A Sra. Célia também lembra da mudança em relação ao acesso ao DSE (COMPESA), e frisa a sua atividade, que acaba por se desenvolver na região, em sua própria casa, evitando deslocamentos, mas já com uma perspectiva diferente do comum em outros tempos com a saída para o órgão e a volta para casa.

“Antes um funcionário da COMPESA se aposentava ai colocava um filho né, ai de um tempo isso acabou, hoje não existe isso mais não, é cada um por si. [...] Hoje eu trabalho no meu estacionamento sábado, domingo e feriado, pro zoológico.” **Sra. Célia**

Dona Marlene foi uma moradora que conseguiu acessar a COMPESA, dando continuidade após o seu pai se aposentar, considerando que já faz mais de 20 anos de sua aposentadoria é uma realidade de um tempo mais antigo.

*“Eu trabalhei na COMPESA, me aposentei na COMPESA, mas já faz 20 anos. Meu pai trabalhava lá, se aposentou também lá. Quando ele morreu, ele tava aqui. Nenhum dos meus dois irmãos trabalhou na COMPESA. Um trabalhou aqui na Rural, e o outro trabalhou na Paraíba.” **Dona Marlene***

O Sr. Varsil, morador já mais novo, que se aposentou em 2017, traz a perspectiva de acesso a COMPESA em tempos mais recentes, assim como o Sr. Adilson, que tem o bar mas é aposentado da COMPESA também.

*“Eu entrei já na COMPESA, em 1979 e saí em 2016, trabalhei 37 anos. Meus filhos não foram trabalhar lá. Coincidência ou não, a maioria do pessoal que trabalhava no DSE, Lafepe, CRC, que era onde é a Casa das Máquinas hoje, esse pessoal era tudo aqui de Dois Irmãos, ou trabalhava na COMPESA ou trabalhava na Universidade Rural, era interessante. Até hoje ainda se mantém isso aí”. **Sr. Varsil***

A Sra. Deda é um exemplo de moradora que se desloca para longe para acessar o trabalho, tendo que se planejar cotidianamente prevendo o tempo necessário para a ida e volta do trabalho.

*“Eu me desloco. Eu vou pra Olinda. Quando meu pai começou a trabalhar aqui, meu pai sempre queria que um dos filhos dele continuasse, mas a COMPESA não quis. Aí a gente procurou se virar. Estudar fora, comprar as mercadorias tudo longe, tudo... Aí todo mundo trabalhou fora. Longe daqui. A única pessoa que trabalhava em cima do trabalho era meu pai.” **Sra. Deda***

Outra moradora, Sra. Benilda, curiosamente, trabalha na COMPESA, mas se desloca para Olinda, local que a Sra. Deda também vai, ou seja, estando no mesmo órgão que funciona ao lado de sua casa, tem que se deslocar igual como em qualquer outra empresa, uma perspectiva diferente que ilustra as possibilidades de arranjo que hoje em dia acontecem na região.

3.6 Abordagem acerca do comércio

3.6.1 Compras hoje em dia

Em relação às compras, a localidade não apresenta uma dinâmica de comércio que atenda às demandas dos moradores/as, como aparece nas falas dos entrevistados e é possível perceber claramente a falta de comércios na região. Os moradores/as fazem suas compras, em sua maioria, em Casa Amarela ou em Camaragibe, centros comerciais próximos.

Por pertencer a uma área cortada pela BR-101, e margeada pela Mata de Dois Irmãos, a saída a pé para os locais mesmo que considerados próximos, torna-se difícil, e pela idade avançada da maioria dos moradores/as da região, não é um local que apresente opções para compras acessíveis. Existe apenas uma barraca hoje em dia na região, a de Maurício e Fernando, onde é possível comprar pão, ovos, e outros poucos itens.

A Sra. Célia e Aninha, ambas na faixa etária de 50-60 anos e moradoras da região desde nascimento, a respeito do comércio dizem:

“Aqui não tem muito comércio, as compras tem que fazer fora, em Sítio Grande, Casa Amarela ou Camaragibe. Para as compras mais urgentes tem o Córrego da Fortuna, mas lá é tudo caro, eu vou pouco. [...] Dois Irmãos era pra ter um supermercado. Aqui tem o lugar onde você vai ali e compra uma cervejinha. Mas um café, uma farinha não tem. Ai tem a farmácia do LAFEPE que é pobre pra caramba, de primeira era cheia de medicamentos, hoje você procura e não tem.” Sra. Célia

“Aqui nunca teve mercado. Nunca teve um mercado pra gente. Aí sempre teve o Sítio dos Pintos, São Braz, aí surgiu o mercadinho. Mas o pessoal daqui, eu creio, continua o mesmo costume antigo. Tudo vai buscar em Casa Amarela. Ou Camaragibe ou Casa Amarela. Eu continuo buscando em Casa Amarela. Costume do meu pai e da minha mãe. Casa Amarela ou Camaragibe. Costume antigo. Um negócio mais perto aí a gente corre pra lá, né, quando tá aberto. Nesse mercado aí que tem no Sítio dos Pintos.” Sra. Aninha

Moradoras já com mais idade e com as consequentes dificuldades de locomoção associada, trazem também a questão das compras em Casa Amarela ou Camaragibe, mas hoje em dia fazem suas compras através do telefone, também, desfrutando da tecnologia que vem associada à perda de relações dentro da dinâmica do bairro. É o caso de Dona Marlene e Dona Luzinete, que estão na faixa dos 70-80 anos.

“Carne, por exemplo, meu pai comprava em Casa Amarela. Uns iam

*pra lá e outros pra Camaragibe. A pé. Porque quase ninguém tinha carro. Hoje não, a gente faz por telefone. Tem um armazém lá em Apipucos, a gente faz o pedido, ele vem trazer aqui, e a gente ainda paga no cartão. Aqui é um local que não tem uma padaria. Pra ir numa padaria você vai pra frente ou senão vai aqui pra trás. Se for da Universidade pra lá tem padaria.” **Dona Marlene***

Dona Luzinete, outra moradora já mais idosa também se refere ao mercadinho como um importante apoio:

*“Atualmente, se eu quiser alguma coisa de comida que eu não tenho em casa, a gente tem um mercadinho em Apipucos, que a gente liga e ele manda trazer. É a pessoa agora que a gente tem quando a gente precisa de alguma coisa urgente, até pra botar crédito a gente liga pra ele, ele coloca pra gente. Fora isso, não tem nada. Aqui só tem bares de vender comida, almoço, janta, bebida.” **Dona Luzinete***

A Sra. Ivaneta, é outra moradora que em sua fala trouxe a dificuldade de fazer compras na região e corrobora Casa Amarela e Camaragibe como locais de acesso, mas complementa o tema com um aspecto interessante, a falta de demanda comercial pela reduzida população da região.

*“Infelizmente, aqui não tem nada, não tem uma venda. Eu gostaria muito que tivesse uma venda. Porque hoje em dia é um mercadinho, não se fala mais em venda. Eu gostaria muito que tivesse, mas eu já falei com donos de mercadinho que eu compro e eles dizem que não bota, porque a população é pequena, não tem retorno. Aí a gente tem que ir pra Casa Amarela, Camaragibe. Eu ia muito em Sítio Grande. Mas, de repente, eu parei de ir. Mas em Casa Amarela tem tudo também, e é pertinho, é próximo.” **Sra. Ivaneta***

Nessa fala percebemos um elemento trazido que é a falta de demanda da região para justificar a abertura de comércios. Os comerciantes estão mais interessados em área com densidade demográfica maior, incluindo bairros com grandes prédios ou mesmo periferias adensadas, com várias casas em condições insalubres. Em uma região onde a maioria do território é de uma Unidade de Conservação, com uma grande Reserva de Mata Atlântica, outros órgãos ocupam grande parte e a maioria das casas são ocupadas por famílias reduzidas, entendemos que a situação não se desenha para a ocupação comercial no pedaço.

3.6.2 As vendas de antigamente

Com o apoio das tecnologias é possível preencher essas demandas comerciais sem muito esforço, mas a perspectiva da convivência associadas aos espaços de compras é perdida. É possível perceber em muitos relatos a presença das *vendas* que supriam muitas demandas de compras na área. Como trazido por Dona Luzinete e Dona Marlene, que viveram tempos mais antigos na região:

“Antes a gente tinha vendas por aqui. Seu João, que veio de Timbaúba, que se localizou ali, ficou morando, criou os filhos dele tudinho, ele tinha 6 filhos ou era 8, criou todo eles ali, então ele montou uma vendinha. Aí tinha de tudo, aquelas latas de manteiga, de carne, de sardinha. Naquele tempo tinha essas coisas, hoje em dia é meio difícil. Então, tinha tudo isso. Feijão, farinha, milho, margarina, tinha tudo. Tinha tudo lá no seu João. Ele criou os filhos vendendo pra todo mundo daqui. Tinha também a venda do seu Genésio, que é o pai de Ana, que era ali no Bar da Curva. O Bar da Curva era uma venda. No tempo de seu Genésio, quando ele faleceu, ele passou pro funcionário dele, Antônio, que vendia de tudo também. Até verdura e fruta, ele vendia. O que você procurasse você encontrava. Só não tinha carne verde. Mas carne de sal fresca, carne porco sal fresca, bacalhau, essas coisas, tudo a gente encontrava. Aí quando ele foi embora daqui, morar em Rio Doce, o filho dele alugou a venda e se tornou o Bar da Curva.”

Dona Luzinete

“Aqui em Dois Irmãos não tem nada. Tinha ali... não sei se é um bar agora, depois aí desse negócio, era uma venda que tinha. Ali era uma venda, era do outro lado, de madeira, era uma banquinha muito movimentada, mas depois caiu e ela passou pro lado de cá. Não sei se tá consertada. Que chamam Bar da Curva. Bar da curva tem muita história, dá pra fazer um filme. Quando eu cheguei aqui já tinha barraca de Genésio, que era do lado de lá. Mas ruim porque ela ficava muita suspensa, com madeira, né. Aí botaram pro lado de cá, aí fizeram o bar da curva. Bar da curva não, bar da curva já é de uns anos pra cá. De 20 anos. Não sei, eu tô chutando. Aí passou a ser Bar da Curva, porque toda sexta-feira os estudantes faziam festa aí. Depois deixaram de fazer, não sei o que foi que houve. A venda tinha tudo. Feijão, farinha, café, açúcar. Eu me lembro que eu comprava lá, minha mãe comprava. Quebrava o galho, a gente comprava muito a ele, muito. Dava pra fazer as compras, tinha tudo. Verdura... às vezes na venda tinha, você comprava ali também na Rural. Eu sei que, de princípio, era assim: a verdura ia para os professores, as pessoas da universidade, aí saía alguma, né, saía, alguém comprava. Era muita verdura, coentro, cebolinha, alface.”

Dona Marlene

Na próxima foto é possível ver o Bar da Curva atualmente, depois de uma recente reforma que trouxe a perspectiva de restaurante também para o local, servindo almoço diariamente. Durante muito tempo o espaço abrigou a venda de Seu Genésio e posteriormente, Antônio de Genésio, como descrito nas falas de Dona Marlene e Dona Luzinete.



Foto 11 – Bar da Curva, antiga venda de Seu Genésio. Fonte: Pesquisador/Acervo de campo.

Sr. Adilson, em sua fala sobre as *vendas* traz elementos que corroboram as boas relações mantidas nos espaços de comércio, inclusive com a perspectiva do *fiado* tornando possível para quem estivesse em maior dificuldade, de não passar necessidades, inclusive porque ocorriam problemas muitas vezes associados aos pagamentos do Estado, ou seja, é um ciclo que se constrói, pois se a *venda* atende um público oriundo, em sua imensa maioria, de operários do Estado, se essas pessoas não recebem sua renda mensal, tem-se que dar um jeito pra continuar o ciclo, incluindo o *fiado*, mas lembrando que uma hora a própria venda já não tem mais como repor as mercadorias, como aparece na fala:

“A gente chama Genésio, mas tinha Antônio de Genésio. Aquela barraca no bar da curva ali, a gente comprava tudo fiado, os funcionários do Estado. Antônio era quem tomava conta da barraca, onde despachava todo material, de comida. Vendia fiado, passava seis meses sem receber. Dava pra comprar tudo. Carne, porco, era verdura, ele tinha uma Rural na época, ele vinha da Ceasa carregado, cheio de fruta, verdura, e vendia a todo mundo aqui da Vila. Não saía daqui não, pra comprar. Mas quando pai recebia depois de seis meses, aí o Estado pagava os salários tudo que tinha, os atrasados todinho, aí as compras chegavam aqui de balaio, quando não tinha aqui. Era um fiado aqui, aí pagava a barraca e comprava as coisas em Casa Amarela, que é mais barato. A bandeja de ovo? Custa quanto? Vamos dizer 3 reais. Mas na barraca comprava por 5.” Sr. Adilson

Na fala trazida por Benilda, filha de Seu Natanael, foi citada uma venda mais antiga, a de seu Dionísio, comentada por seu pai. A falta também corrobora a perspectiva do fiado como prática comum, o que por vezes chegava a inviabilizar o ciclo comercial, pela falta de mercadoria.

“Antes tinha a venda de seu Dionísio, a primeira venda que teve, essa daí eu não peguei não, é pai que conta. Depois teve seu Genésio, aí depois Antônio de Genésio, com João Gordo, Timóteo, também, mas do lado de lá. Ficava às vezes atrasando muito o salário do DSE, aí o pessoal das vendas já não tinha mais como repor as mercadorias, aí parava de comprar lá, quando saía o salário era pagando o fiado. E também, vez ou outra, quando tinha a venda das galinhas, ou alguma safra, aí fazia as compras em Casa Amarela, quando era alguma coisa maior. Chegava a vender as galinhas pra fazer as feiras. As safras também das frutas, de frutapão, jaca, de cajá, às vezes tudo já era separado e vendido antes, pra poder fazer feira em Casa Amarela.” Sra. Benilda

3.6.3 Comércio informal do zoológico

Por ser um pedaço dentro de uma mancha caracterizada por um fluxo de pessoas interessadas no lazer oferecido pelo Zoológico de Dois Irmãos, a vida cotidiana dos moradores/as é impactada pelas consequências geradas em dias de maior movimento, sendo eles sábado, domingo e feriados, além dos meses de janeiro e julho, por serem férias escolares.

O Parque Estadual de Dois Irmãos, nome oficial do zoológico, existe desde 1916, quando criado enquanto Parque Zoobotânico de Dois Irmãos, pelo então biólogo Vasconcelos Sobrinho, e durante mais de cem anos constrói a história dessa região. Atualmente, diferente de tempos passados, os comerciantes, interessados no

fluxo de pessoas (principalmente crianças com seus pais), já não podem mais ocupar o interior do Parque, tendo que instalar-se nas imediações da entrada do local, seguindo pelas calçadas da Praça de Dois Irmãos.



Foto 12 – Entrada do Zoológico de Dois Irmãos. Diversas barracas de comerciantes ficam montadas durante toda a semana, mesmo sem movimento ou pessoas trabalhando. Fonte: Pesquisador/Acervo de campo.

São diversos itens que são comercializados nesse espaço, visando principalmente o público infantil. É possível ter uma ideia imaginando uma típica entrada de parque cheio de atrativos para hipnotizar as crianças presentes e fazer com que peçam a seus pais. Muitas bolas infláveis e diferentes formatos de bexigas, diversas opções de comidas coloridas, barracas de brinquedos dos mais variados, cama elástica, pula-pula, piscina de bolas, e outras novidades para captar a atenção da criança.

“Quanto a esse comércio informal, já existia desde que o zoológico existe. Só que era lá dentro. Como o mundo cresceu, o zoológico não tinha essa amplitude toda, apesar que era muito bom na época, tinha assim seu Marco, Dona Neném, eram pessoas que trabalhavam lá dentro do zoológico. Tinha uma barraquinha deles lá e vendiam. Aquele bar dentro do zoológico sempre funcionou no domingo, no fim de semana, funcionava vendendo comida, essas coisas. E tinha o povo que tinha suas barraquinhas, vendia

*amendoim, vendia maçã, roleta de cana, aí aqui na entrada do zoológico tinha vários vendedores com tabuleiros vendendo suas coisas. Aí depois houve umas mudança, aí eles tiraram todo mundo de lá de dentro. Aí o pessoal ficou aí fora assim, da metade do horto pra cá. Só que isso aqui de hoje já é uma invasão, porque esse pessoal chegou depois dessas festas de criança. Quando começou a fazer os festivais da criança aí ficou aparecendo esse pessoal. Uns foram embora e alguns permaneceram, são esses que tão aqui na frente. Os mais antigos são esses que tão da porta da casa aqui do lado pra lá, sentido zoológico, sem pegar aqui na frente. São os antigos, que viviam dentro do horto, que vieram cá pra fora. Esses outros são tudo gente nova, de pouco tempo. Os lá de dentro tem mais de 20 anos.” **Dona Luzinete***

Esses comerciantes não são moradores/as da região, vem de bairros próximos ou mesmo distantes para aproveitar a oportunidade gerada pelo fluxo de pessoas em busca do lazer oferecido. As estruturas utilizadas para exposição dos itens inicialmente deveriam ser guardadas, não sendo permitido deixá-las expostas na rua durante toda a semana, o que com o tempo, foi deixado de lado pelos vendedores.

Na fala da Sra. Célia foi possível perceber alguns problemas associados ao armazenamento das barracas feito por ela e por alguns outros moradores/as:

*“O pessoal da frente do zoológico eles vem mais de fora mesmo, da Macaxeira, Córrego, Camaragibe. Eles guardavam as carroças aqui, olhe eu não vou dizer a você que eu não tenho, eu tenho aqui umas três ou quatro ainda. Eu guardava mais, mas pra mim era muito ruim porque quando chega o inverno ninguém vem trabalhar ai fica a barraca ai coberta de lona. Dá dengue, dá outras doenças, ratos, e eu dizia pra eles virem pegar e eles não vinha.” **Sra. Célia***

Por ser a casa mais próxima do portão do zoológico, ficando mais perto do grande movimento, a Sra. Ivaneta já ajudou muito os vendedores a guardar seus materiais e foi outra a relatar problemas ao longo de muitos anos.

*Eu guardei muitos anos aqui barraquinha do zoológico. Meu marido era vivo, 25 anos a gente guardou as barraquinhas. Eles davam 5 reais, uma taxinha. Mas assim, se chovesse já dizia olhe, a gente não tem dinheiro hoje não. Tudo bem, ninguém ia brigar por 5 conto. Só que tava dando muito rato e muita barata aqui em casa, ai a gente parou de guardar. **Sra. Ivaneta***

Na fala do Sr. Varsil é lembrado do acordo feito quando da reforma da Praça de Dois Irmãos, em 2006, quando a Prefeitura do Recife estabeleceu normativas

para regulamentação do uso do espaço em frente ao zoológico, não sendo permitido que as barracas ficassem expostas durante todos os dias da semana, apenas nos dias de efetivo trabalho, armando-as e desarmando-as em seguida. Isso gerou o movimento de solidariedade para guardar os materiais dos vendedores que alguns moradores/as desenvolveram ao longo de muitos anos, seja por uma taxa maior ou menor.

“Tem também o comércio da frente do zoológico, a gente combinou inicialmente com o pessoal da prefeitura da época, porque eles não eram pra deixar barraca na praça, mas infelizmente o pessoal não respeita.” Sr. Varsil

Hoje em dia, as barracas ocupam, inclusive, a frente das casas dos moradores/as mais próximos ao portão de entrada do zoológico.



Foto 13 – Em frente a casa dos moradores/as também permanecem barracas montadas durante toda a semana, mesmo sem atividade. Fonte: Pesquisador/Acervo de campo.

Infelizmente, o acordo não é mais respeitado e fica muita barraca e sujeira no meio da rua, servindo de local para surgimento inclusive de doenças, através dos bichos atraídos pela grande quantidade de barracas de comida no espaço. A Sra. Deda em sua fala mostra a preocupação com a organização do espaço, pois os

moradores/as não são contra o comércio no local e a renda justa conseguida pelo trabalho dos vendedores, apenas querem que o espaço seja melhor organizado para o bem de todos, principalmente lembrando de quem mora na região e convive cotidianamente com os problemas gerados.

“Dessas barracas, eu só queria que organizasse. Porque cada um que coloque uma coisa, que guarda uma coisa, aí fica reclamando, então organiza, poxa. Vai na prefeitura e organiza. Passa aquelas barraquinhas pra eles, uma tendinha e entregue a eles, organizado. Pra não ficar essa bagunça. Somente isso.” Sra. Deda

3.6.4 Bares e restaurantes da região

Por ser uma região com fluxo de pessoas tanto dos diversos órgãos instalados (UFRPE, LAFEPE, COMPESA, Parque Estadual de Dois Irmãos, Almojarifado da PMPE) quanto do movimento já citado associado ao lazer criado pelo zoológico, a região conta com alguns restaurantes, além de bares. Dois restaurantes são de moradoras das casas da antiga Vila Operária, sendo os empreendimentos construídos utilizando o recuo de 5 metros que antigamente existia entre as casas e a rua. Um atualmente é administrado pela moradora proprietária, o outro está alugado, sendo que inicialmente foi movimentado pela moradora proprietária.



Foto 14 – Os dois restaurantes de moradoras da Vila, Rainha da Sucata e O Rei do Churrasco, um operado pela dona, o outro alugado para terceiro. Fonte: Pesquisador/Acervo de campo.

A Sra. Deda, moradora que inicialmente administrou um restaurante e hoje em dia aluga o espaço em frente a sua casa para terceiros operarem o negócio, trouxe a perspectiva da falta de confiança dos clientes pela ausência de fiscalização do poder público.

*“Eu já tive comércio. Eu já tive um restaurante aqui. Aqui só tinha o meu restaurante, o de Zuleide e de um homem ali na frente. Só tinha 3. Hoje você vê que é um em cima do outro. O Bar da Curva só era forró, ele não vendia almoço. Aí fechei, hoje em dia o espaço ai embaixo é alugado. Hoje vem mais gente que antigamente mesmo, lá atrás. Agora quando eu botei o meu restaurante, ai sim, tinha muito mais gente. Principalmente, dias das crianças. Mas o comércio aqui não é fiscalizado, não é fiscalizado nada aqui. Antigamente, quando eu vendia, vinha, hoje não vem mais fiscalização, ai o povo fica com medo de vir. **Sra. Deda***

A outra moradora que possui restaurante e desde o início até os dias de hoje continua levando a frente seu negócio, é a Sra. Zuleide, que trouxe a perspectiva da reduzida janela de atividade para funcionamento dos estabelecimentos devido ao público ser muito vinculado ao órgãos presentes nas redondezas e ao movimento do zoológico. Não existe a perspectiva de uma vida noturna pública nessa região e,

como antigamente, ao anoitecer as pessoas se recolhem.

*“Olhe, eu vou lhe dizer uma coisa, com o meu comércio mudou alguma coisa aqui, mas ainda hoje, quando dá 18h isso aqui morgança, apaga, não sei se você já observou. Isso aqui funciona até 16h, lá na frente também. Aqui é apagado. Porque é mais empresa, né? Laboratório, faculdade. COMPESA.” Sra. **Zuleide***

Dona Luzinete, em sua fala, contextualiza a chegada desses empreendimentos.

*“Você sabe que na hora que você abre um bar, muda o ambiente. Já vem outras pessoas... Apesar de que no bar aqui do pessoal, quem almoça é o próprio pessoal que trabalha por aqui. Pessoal do DSE, pessoal da COMPESA, pessoal do Horto, gente quem vem da universidade almoçar. Lá dentro tem, mas aqui tem outros, dá pra escolher, né. E vem gente de fora que vem pro zoológico passear durante a semana. No sábado e no domingo, eles tem movimento porque vem muita gente de fora, de longe, em ônibus, e ficam pra almoçar, geralmente almoçam nos bares aqui. Aí, realmente, tem uma mudança. Porque antes não tinha nada disso. O pessoal tinha a sua casa e não vendia nada, não fazia nenhuma atividade. Era só trabalhar mesmo ali na COMPESA ou então quem trabalhava fora ia pro seu trabalho, depois deu essa ideia de montar pequenos comércios.” Dona **Luzinete***

Dona Zefinha, moradora com mais de 80 anos, frisa que o ambiente não mudou muito com a chegada dessas novidades que foram os bares e restaurantes.

*“Antigamente não tinha esses restaurantes e bares não, mas continua a mesma tranquilidade. Mesmo com esse bar aí, não fica noite toda não. Aí continua a tranquilidade.” Dona **Zefinha***

Outros dois bares são localizados nas residências dos moradores/as, sendo um semelhante ao modelo dos dois restaurantes citados, construído no espaço do antigo recuo entre as casas da Vila Operária e a rua, e o outro aproveitando também o terreno da casa mas com outro formato, por ser em casa diferente do modelo da Vila. Outros empreendimentos comerciais de alimentação e bebida movimentam a região, principalmente na área mais próxima do portão do zoológico, esses sendo operados por pessoas não moradoras. Sr. Adilson é um morador que detém bar em frente a sua casa, que não é no modelo da Vila.

*“Aqui no bar vem muita gente da COMPESA, vem pra cá almoçar. A gente dá apoio e almoça todo mundo. É todo tipo, porque a gente é comerciante, a gente recebe todo tipo de gente. Todo tipo de pessoal aqui vem, principalmente os policias do quartel. **Sr. Adilson**”*



Foto 15 – Foto da casa do Sr. Adilson, com o seu bar na frente. Fonte: Pesquisador/Acervo de campo.

Outros moradores/as, não tão antigos como Dona Luzinete e Dona Zefinha, também relatam tranquilidade quanto a questão dos bares e restaurantes, frisando que são espaços onde os moradores/as da região podem se alimentar, e que possibilitam formas de obtenção de renda para os que conduzem os empreendimentos.

*“Os comércios que abriram dos moradores foi bom porque é uma renda, né, que o pessoal consegue através do pessoal que vem almoçar, beber, essas coisas. Houve um período que eu achei que tava um pouco conturbado, mas graças a Deus acabou.” **Sr. Varsil**”*

Outros empreendimentos comerciais de alimentação e bebida movimentam a região, principalmente na área mais próxima do portão do zoológico, esses sendo operados por pessoas não moradoras. Moradora da casa mais próxima do portão do zoológico, área de maior concentração dos restaurantes, inclusive convivendo com um restaurante de um antigo amigo de seu finado marido, que foi construído em seu terreno durante uma viagem mais longa da família, que se ausentou o suficiente

para que a obra pudesse ser feita, a Sra. Ivaneta exalta os empreendimentos.

“Os restaurantes que tem hoje pra mim foi ótimo, foi bom. Traz mais movimento, às vezes a gente não quer fazer o almoço em casa vai lá. Pra mim mesmo não incomoda em nada, eu sou sincera. Também a minha casa, graças a deus, é mais afastada um pouco. E não me incomoda nada.” Sra. Ivaneta

3.7 Praça de Dois Irmãos

3.7.1 O uso da Praça antigamente

A ideia desse primeiro tópico é tentar entender como era a relação com a Praça de Dois Irmãos antigamente, principalmente a partir dos depoimentos das moradoras de mais idade e que presenciaram, inclusive, o antes da Praça, que teve sua inauguração em 1958. Onde está localizada a Praça já foi a área do pátio do antigo Engenho Dois Irmãos e também o terminal de bondes desde a época da antiga maxabomba.

A imagem abaixo é de 1935, quando já aparecem as casas da Vila, mas ainda está longe da edificação da Praça.



Foto 16 - Largo e vila operária de Dois Irmãos. Em primeiro plano nessa foto, vemos a casa onde mora hoje em dia Dona Luzinete, na parte direita, pois as casas são conjugadas, e nessa foto onde vemos quatro casas, na verdade são 8. Foto 2 anos após a inauguração das casas. Fonte: Anuario de Pernambuco para 1935

*“Há 75 anos já tinha essa usina d’água aí. [...] Já tinha o horto, mas a Praça foi depois. Ali era onde o bonde fazia a volta, ainda tem trilho por ali. Pelo menos quando eu vim praqui, aí tinha dois bondes aqui, fazia baldeação do pessoal. A Praça foi feita bastante tempo depois, na época, o bonde fazia a volta aí. Se você for procurar por ali você encontra os trilhos ainda. Eu já passei ali, já vi trilho.” **Dona Marlene***

Dona Marlene e Seu Natanael são os dois moradores/as que chegaram nas casas em que estão hoje, antes da construção da Praça de Dois Irmãos. Dona Zefinha, que chegou em 1960 na casa em que mora, relata como era. Ela chegou dois anos após a inauguração da Praça, mas já havia morado na região.

*“Quando eu cheguei, final da década de 60, começo da de 70, sim, era nova (a praça). Tinha plantas, antigamente tinha plantas aí no meio, mas depois foram modificando. Quando conseguiram restaurar, modificaram algumas coisas. Aí no meio da praça é areia, não tem gramado mais. Reformaram, mas não ficou do jeito que era. Tinha coqueiro, acabaram com os coqueiros, por causa do perigo de cair coco em cima das pessoas.” **Dona Zefinha***



Foto 17 – Foto do interior da Praça de Dois Irmãos. Área em que antigamente era gramada e hoje está com areia. Fonte: Pesquisador/Acervo de Campo

Dona Luzinete, que chegou em 1972, traz sua visão.

*“A praça quando foi feita por Burle Max, era muito bonita. Eles restauraram, mas não chegou nem perto do desenho dele, da arquitetura dele. Mas a gente tem que entender que foi bom, porque ela ficou totalmente abandonada, tava cheio de barracas, o pessoal botava carros dentro, acabou totalmente. Destruíram ela totalmente. Era linda essa praça. Belíssima. [...] Foi uma luta muito grande, principalmente de Benilda, que ficou à frente, pra gente conseguir restaurar, foi muito esforço”. **Dona Luzinete***



Foto 18 - Praça de Dois Irmãos: inauguração em 14/12/1958. Ao fundo, aparece uma das casas da vila, onde hoje mora Dona Luzinete e em primeiro plano o playground. Fonte: Acervo do Museu da Cidade do Recife

Na imagem, vemos também muita criança brincando, em pleno dia da inauguração é normal se esperar o grande movimento. Evidentemente que hoje em dia ocorrem os momentos de grande uso do espaço, como no dia das Crianças, ou mesmos nos domingos de férias escolares. Apesar desses dias pontuais, é possível perceber uma diminuição no uso dos brinquedos pelas crianças, o que se ouvia muito falar das crianças brincando nas praças já não é mais visto com frequência ou mesmo em número significativo de crianças.

*“Antes as crianças brincavam mais na Praça. Mas eu acho que hoje as pessoas são muito ocupadas, eu entendo assim. A menina nem usa sapato alto já tá indo trabalhar. Hoje as pessoas são mais ocupadas. **Dona Marlene***

Moradora de uma casa com duas crianças, a Sra. Deda explica a situação de sua família, e traz um olhar interessante sobre as gerações e suas mudanças. Ela, que tem 44 anos, brincava muito na Praça, seus filhos, de 20-25 anos, chegaram a brincar na Praça, e suas netas, crianças de hoje, não brincam mais.

“A gente brincava muito nessa Praça. Todo mundo brincava muito

nessa Praça. Hoje mais não. Minha menina ainda brincou. Saía daqui pra brincar, vinha outras crianças pra cá pra brincar. Aí depois que eles ficaram adolescentes, foi cada um pra um lado. Acabou-se. Ninguém se enturma mais nessa Praça. Até a época do meu menino, que tem 23 anos, ele brincou muito nessa praça. Minha menina que tem 20, brincou muito nessa praça. E hoje não se brinca mais, não tem mais criança, só tem idoso. Você não vê mais aquilo: vamos brincar de amarelinha, vamos brincar de pega, de se esconder, não. Aqui em casa ainda tem duas novinhas. Mas qual é os outros novinhos que tem aqui pra brincar com elas? Não tem ninguém. Aí fica difícil.” Sra. Deda

Por fim, Dona Luzinete traz mais um exemplo que corrobora a mudança de hábito em relação ao brincar na Praça, seu filho, da faixa da Sra. Deda, brincou bastante e destaca também o reduzido número de crianças e as outras prioridades que elas tem hoje.

“As nossas crianças brincavam, de tarde ia pra Praça brincar nos brinquedos, puxar um carrinho, meu filho mesmo brincou muito nessa praça. De tarde ele tava ali puxando carrinho. Quer dizer, a gente não tem mais criança aqui. E as que tem nem vão mais. O meu sobrinho mesmo que veio morar aqui é no celular.” Sra. Luzinete

3.7.2 Uso da Praça atualmente pelos moradores/as

A Praça de Dois Irmãos hoje em dia não apresenta um movimento grande, tendo seus picos nas épocas de maior uso do zoológico pela população, que passa a frequentar mais a mancha, que é a região caracterizada por esse fluxo de pessoas interessadas no lazer e acaba incidindo sobre o pedaço, que diz respeito aos moradores/as das casas entrevistadas e sua relação entre o espaço privado e o público de prática de atividade de lazer e de socialização.

O uso da Praça hoje pelos mais próximos a ela, quando existe, é basicamente de caminhada para prática de exercícios por moradores/as da faixa dos 50-60. Esporadicamente existe o uso pelos mais velhos, da faixa dos 80-90, que trazem, também, o hábito de contemplação que o passado remetia no uso do espaço.



Foto 19 – Praça de Dois Irmãos. Por trás estão as casas da pesquisa. Fonte: Pesquisador/Acervo de Campo

A Sra. Ivaneta, moradora que frequenta a Praça para caminhadas, assim como alguns outros, traz o problema que os pôneis, usados como atividade comercial, trazem para os moradores/as que frequentam o espaço.

“Eu faço caminhada na Praça, quem mais caminha sou eu, mas os meus filhos não. Mas a Praça tá tão suja. Tem gente limpando, mas tá suja dos cavalos. Na segunda-feira eu camincho, mas tem dia que não dá pra caminhar por conta do mau cheiro, do cocô, do xixi do cavalo. Os cavalos fazem muita sujeira e o pessoal que traz eles não limpa. Não sei se deveria ser proibido esses cavalos. Sei não. Cada um tem que ganhar seu dinheirinho, mas sem prejudicar os outros. As barracas o pessoal também trabalha, tem uns que limpa, outros não limpam. E assim vai.” Sra. Ivaneta

Outro praticamente de caminhadas na Praça e que cita o problema gerado pela atividade dos cavalos no local é o Sr. Varsil.

“Outra coisa que incomoda são os cavalos, os pôneis pras crianças passearem, porque além de maltratar os animais, os cavalos passam o dia todo aí, come a grama da praça, faz xixi e cocô. Aí você vai fazer uma caminhada na praça tem que respirar xixi e se livrar do cocô do cavalo. [...] infelizmente a gente não usufrui mais por esses

problemas.” Sr. Varsil

Dona Zefinha está no grupo das moradoras mais idosas, que já tem dificuldades de locomoção para frequentar alguns espaços e desenvolver certas atividades. É o caso também de Dona Marlene, Seu Natanael e Dona Luzinete e sua mãe centenária, que até os 96 andava todo dia.

“Quando eu tinha saúde nas minhas pernas, toda 5h da manhã eu tava caminhando aí na Praça. 5h ia caminhar até 6h. Quando dava 6h eu entrava. Ia eu e ele. Depois ele não aguentou ir mais, aí eu ia, toda 5h. Agora com problema nas pernas... aí eu não fui mais. Mas eu confio em Deus que ainda vou caminhar ainda”.
Dona Zefinha



Foto 20 – Praça de Dois Irmãos. Ao fundo, prédio da UFRPE. Fonte: Pesquisador/Acervo de Campo

Em sua fala sobre a Praça de Dois Irmãos, Dona Marlene traz a perspectiva da mudança de hábitos das pessoas hoje, que por terem muitas ocupações acabam ficando sem tempo para comunicação, o que diretamente incide sobre frequentar espaços públicos de interação e ou mesmo de contemplação. Além do medo associado a frequentar ambientes públicos principalmente durante o período da

noite.

“Eu ia pra Praça, mas é uma questão de fase. O pessoal hoje não se comunica, e eu acho porque não tem tempo. São muitos ocupados. Não acha que é porque não são solidários não, é porque não tem tempo. Eu posso sair pra ser solidária a ninguém? Não posso. Só saio daqui pra casa do meu irmão, pra casa da minha cunhada, alguma coisa que eu conheço. Mas vou sair pra praça de noite? Não vou. Hoje não tem ambiente pra isso não. Pra gente ser assaltado? Como já houve ali, recentemente, um tiroteio no ponto de ônibus, na hora de movimento, 7h da noite.” **Dona Marlene**

A maioria dos moradores/as diz não frequentar a Praça de Dois Irmãos pela violência, e pela falta de atrativos que levem ao interesse dos moradores/as. O diferente é o que chama a atenção, e mais do mesmo, ao longo de muitos anos, acaba por tirar o brilho de frequentar o espaço tão habitual na sua vida, é o caso da Sra. Célia.

“A gente não costuma frequentar a Praça. E eu vou fazer o que na Praça? Vou ver o que? Nada né. Claro, a Praça é linda, é maravilhosa, é ventilada. Mas quando você mora no bairro, que convive com aquilo, você não tem mais o gosto de ir pra aquilo. O zoológico mesmo tá ali e já deve fazer mais de 25 anos que eu não vou lá. Você dá valor as coisas do seu bairro? Não, você prefere ir lá pra fora, pra ver o diferente, você vai ficar só naquilo é?” **Sra. Célia**



Foto 21 – Praça de Dois Irmãos. Fonte: Pesquisador/Acervo de Campo

A violência associada com a falta de atrativos para dinamizar a Praça ao longo do ano, contextualizando, por exemplo, com as datas comemorativas são também os motivos trazidos pela Sra. Deda, que complementa falando da falta de equipamentos para uso da população, como as Academias da Cidade, que proporcionam em muitos espaços públicos a oportunidade de fazer exercícios em maquinários diversos e sob a orientação, muitas vezes, de profissionais em horários pré-estabelecidos. Isso contribuiria, inclusive, como diz a moradora, para a saúde dos moradores/as da região, que em sua maioria são idosos e demandam atividades físicas e que estimulem a interação e cognição.

“A gente não vai pra Praça com medo. Meu filho mesmo há uns anos, tava sentado ele, um vizinho e outro menino. A Polícia quase que dava no meu menino. [...] E esses cavalos também, você no dia de domingo não vai pra praça com criança porque é mijo e merda de cavalo. Fede pra caramba. Sai ano e entra ano, e apesar de ser uma Praça adotada pelo LAFEPE, e não colocam uma iluminação. Não coloca pelo menos uma estatuazinha, pra dizer é Natal hoje. Pra chamar o povo pelo menos pra dizer olha, é Natal. Olha é carnaval. Vamos tirar uma foto. Na Praça também não tem nenhuma academia pro povo, que era pra ter, pra chamar o povo do Sítio do Pintos, aqui do Mussu, pra vim fazer atividade física. Tanto espaço que tem. porque aqui também tem muito idoso. Aí não tem nada, o povo fica aí sentado, pronto.” Sra. Deda

A Sra. Zuleide traz a perspectiva dos relacionamentos que tinha antes entre os estudantes e os moradores/as, de trocarem ideia na Praça, interagindo nos espaços públicos e criando vínculos, mas novamente a perspectiva do medo é abordada como um forte elemento de afastamento das pessoas do espaço. Foi ela quem comentou sobre o horário de diminuição das atividades no pedaço, quando os órgãos públicos perto fecham, e por volta de 18h já está tudo se apagando pela região.

“A Praça eu frequento domingo de manhã, mas faz medo até a gente ficar de noite, agora. Da vila não vai ninguém. Ninguém fica por aí pela praça passeando, conversando. Antigamente tinha aqueles relacionamentos, os estudantes aqui também iam, hoje às vezes só dá uma voltinha na praça de caminhada.” Sra. Zuleide

Por fim, Benilda, líder da Associação de Moradores do local e uma das

responsáveis pelo processo de reforma da Praça, em 2006, traz um resumo do sentimento dos moradores/as hoje em dia em relação ao espaço tão querido.

“Aí tá aí a praça abandonada de novo. O poder público deixou a praça. Eu posso dizer que a prefeitura não cuida dela. E essa praça tá aí abandonada. Com os cavalos. Não só os cavalos é toda uma questão de infraestrutura. [...] Hoje a luta com certeza não seria mais a mesma. Outros tempos. Outra visão. O poder público não dá apoio. E quando a gente liga pra dizer que tem uma lâmpada queimada, a gente tem que ir por amizade.” **Sra. Benilda**

Considerações Finais

O espaço estudado consiste em um pedaço, a partir da definição trazida por Magnani, que por sua vez se localiza dentro de uma mancha. A região de Dois Irmãos é referenciada para muitas pessoas como a área do Parque de Dois Irmãos, com a grande reserva de Mata Atlântica e o Parque Zoobotânico, sendo a característica definidora do bairro, a mancha. Outra edificação grande e de referência para o bairro é a Universidade Federal Rural de Pernambuco, que também traz dentro do imaginário das pessoas a ideia de um bairro com área verde. Muitas pessoas vão por lá para curtir o lazer que é oferecido pelo Parque e usufruir de dias específicos, onde uma concentração grande de indivíduos ocorre que tem interesses correspondentes, mas que não se conhecem.

Podemos constatar dentro desse pedaço, muitas mudanças nas práticas dos moradores/as com o passar dos anos. Basicamente observamos mudanças em todas as dimensões abordadas na pesquisa de campo. A começar pela perda de característica de uma Vila Operária, as pessoas hoje apresentam dinâmicas diversas de ocupação, algumas com empreendimentos no local, outras saindo para trabalhar fora do bairro, e muitas aposentadas, trazendo a ligação ainda com os pais ou sogros que inicialmente chegaram para trabalhar no antigo DSE.

Em relação às compras, a perspectiva de partilhar de um espaço de compras, como era o caso das antigas vendas, hoje em dia dá lugar aos grandes centros ou mesmo a compras pelo telefone. Como diz Certeau (2013) “Lugar de comércio, sua quitanda era também o lugar do discurso e das trocas de notícias.” Ainda podemos constatar velhos locais de compras de antigamente sendo acessado, o que mostra uma referência que é perpetuada, como as compras em Camaragibe ou Casa Amarela.

A principal mudança para sobre as relações de vizinhança, que antes traziam aspectos de compartilhar muito mais momentos juntos, como o caso das festas dos festejos tradicionais, como São João, Carnaval, Natal. O costume de estar juntos comemorando se perdeu, e as visitas às casas dos vizinhos ficaram em tempos passados.

Podemos trazer alguns outros exemplos a partir do que expusemos nas informações trazidas da nossa pesquisa de campo, que pôde ser percebido pelo

leitor. Mas apesar disso, percebemos nos moradores/as a partilha de um modo de vida que é baseado nas experiências vividas e compartilhadas. É um modo de vida que parte, por exemplo, do tipo de moradia. Pelo menos 8 casas são iguais, e as características de todas elas de terreno, vegetação, é parecido, inclusive quando perderam boa parte das terras e mudaram alguns hábitos juntos.

As histórias mostram que os entrevistados compartilharam de muitos momentos juntos na vida e trazem essa vivência para o seu modo de vida, pois dividem uma trajetória construída. Conhecer as famílias dos vizinhos, os nomes dos filhos, saber os graus de parentesco, tudo isso caracteriza uma construção coletiva da história. A forma como se referem com carinho à Praça de Dois Irmãos, um referencial dentro do pedaço, para diversas atividades e sob várias abordagens, mostra uma transformação no uso do espaço público, hoje as pessoas estão cada vez mais no espaço privado.

No caso da nossa pesquisa, os dias de muita atividade comercial decorrentes da perspectiva do lazer oferecida pelo bairro, justamente na mancha que cerca e compõe o pedaço escolhido para estudar, mostrou-se um elemento de conflito para diversos moradores/as. Como a dinâmica do bairro vai se moldando a partir dos contextos que vão se construindo, acaba que foge do controle dos indivíduos quando da apropriação do espaço por muitos outros, que estão ali para outros interesses. A chegada do estranho, do que vem de fora e que amedronta, que leva o antigo morador pra dentro de casa, o tira da rua e vai tornando a rua um espaço inóspito e a casa um refúgio, porque você não sabe com quem está lidando. (RAMOS, 2004)

Como muitos moradores/as trouxeram citando a violência, a relação com a rua é muito distinta dos valores que a pautavam em tempos passados. Hoje, já não é mais possível colocar a cadeira na porta de casa ao cair da tarde, porque o modo de vida metropolitano chama as pessoas cada vez mais para dentro de casa, para o espaço privado, para o espaço individual, para frente do celular, marcando cada vez mais a impessoalidade nas relações, com a perda do contato face a face em prol da comunicação virtual.

Segunda Ramos (2004), a existência do bairro só ocorre se grupos sociais de forma objetiva e subjetiva têm o sentimento de pertencimento a determinado espaço. Em outras palavras, os grupos sociais devem existir e exteriorizar de alguma forma a

questão do pertencer a tal espaço e é este sentimento de pertencimento coletivo que dá sentido e coesão ao bairro. Percebemos no pedaço, uma relação muito grande de pertencimento dos moradores/as com o pedaço, a alegria de morar onde moram e a forma como as histórias foram contadas, mostra que as lembranças guardadas são em sua imensa maioria muito boas e trazem um orgulho de onde moram. A reforma da Praça de Dois Irmãos também foi um fator que contribuiu para a aglutinação em torno de uma causa comum que mobilizou o espírito de coletividade em tempos modernos.

Bosi (1979) conclui que “só o grupo pode resistir e recompor traços de sua vida passada. Só a inteligência e o trabalho de um grupo podem reconquistar as coisas preciosas que se perderam, enquanto estas são reconquistáveis. Quando não há essa resistência coletiva os indivíduos se dispersam e são lançados longe, as raízes perdidas”.

Por conta de um envelhecimento dos moradores/as, e com as mudanças de relação trabalhista com o órgão responsável pelas casas, é possível que ocorram mudanças na região, assim como percebidas nas casas ocupadas por familiares de antigos funcionários da UFRPE. Muitas famílias não estão com novas gerações morando no pedaço. Mas a forma como as pessoas contavam as histórias mostra que o passado vive a partir de sua lembrança e cada um ajuda a fortalecer o modo de vida do seu pedaço, do seu jeito. E ainda encontramos a maioria das referências trazidas, sejam construções ou moradores/as.

Referências

Anuario de Pernambuco para 1935: Resumo estatístico e descritivo das actividades pernambucanas em seus varios aspectos. Recife: Oficinas do Diario da Manhã, 1935.

BAUER, Martin W; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto: imagem e som: um manual prático.** - Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

BECKER, Howard S. **Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais.** - São Paulo, SP: Editora Hucitec, 1994.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: lembranças de velhos.** São Paulo, SP: Tao, 1979.

BOURDIEU, Pierre. **Gostos de classe e estilos de vida.** In: A sociologia de Pierre Bourdieu. – São Paulo, SP: Olho d'água, 1983.

BRAGA, Gustavo Bastos. **Por uma caracterização dos territórios segundo o modo de vida rural e/ou urbano.** UFV. Viçosa, MG, 2015.

CAMPBELL, Colin. **A etica romantica e o espirito do consumismo moderno.** - Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer.** – Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

_____, Michel de; GIARD, Luce ; MAYOL, Pierre. **A invenção do cotidiano : 2. Morar, cozinhar.** – Petrópolis, RJ, 2013.

CARNEIRO, Ana Rita Sá; SILVA, Aline de Figueirôa; MAFRA, Fátima. **Restaurando o jardim moderno de Burle Marx: a Praça Faria Neves no Recife-PE.** In: Anais do 7º DOCOMOMO. – Porto Alegre, RS: 2008.

COSTA, Francisco Augusto Pereira da. **Arredores do Recife.** 2. ed. Recife: Massangana, 2001

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 4ª ed. – São Paulo, SP: Atlas, 2001.

GOTTDIENER, M. **A produção Social do Espaço Urbano**. 2ª ed. - São Paulo, SP: EDUSP, 1997.

GUERRA, Flávio. **Velhas igrejas e subúrbios históricos**. 2º ed. Recife: Fundação Guararapes, 1970

GUERRA, Isabel. **Modos de vida: novos percursos e novos conceitos**. Sociologia – Problemas e Práticas, nº 13. Portugal: 1993.

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. 6ª ed. – São Paulo, SP: Paz e Terra, 2000.

JUCÁ, Gisafran Nazareno Mota. **Verso e reverso do perfil urbano do Recife e de Fortaleza (1945-1960)**. São Paulo: FLCH/USP, 1993

LEFEBVRE, Henri. **A vida cotidiana no mundo moderno**. São Paulo, Editora Ática, 1991.

LOBO, Elisabeth Souza. **Caminhos da sociologia no Brasil: modos de vida e experiência**. Revista Tempo Social, 4 (1-2): 7-15, 1992

LOPES, J. S. L. et al. **Cultura e Identidade Operária – aspectos da cultura da classe trabalhadora**. Rio de Janeiro, UFRJ/ Marco Zero / ROED, 1987.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole**. In: Na Metrópole – Textos de Antropologia Urbana. São Paulo, SP: EDUSP, 1996.

_____, José Guilherme Cantor. **Transformações na cultura urbana das grandes metrópoles**. In: Sociedade Global: Cultura e Religião. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

_____, José Guilherme Cantor. **De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana**. Revista Brasileira de Ciências Sociais, v. 17, n. 49, São Paulo, jun. 2002.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). Pesquisa **Social. Teoria, método e criatividade**. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MORÉ, Carmen Leontina. **A “entrevista em profundidade” ou “semiestruturada”, no contexto da saúde**. In: Investigação Qualitativa em Ciências Sociais, Vol. 3.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso. **O Trabalho do Antropólogo: Olhar, Ouvir, Escrever**. Revista de Antropologia, São Paulo, LISP, 1996, v. 39 nº 1. 1996.

PLANO DE MANEJO DO PARQUE ESTADUAL DE DOIS IRMÃOS. Recife, PE: SEMAS, 2014.

PREFEITURA DO RECIFE; FADURPE. **Diagnóstico Ambiental da Zona Especial de Proteção Ambiental para Categorização e Regulamentação.** Recife: Prefeitura do Recife; FADURPE, 2003.

SEABRA, O. **Urbanização: bairro e vida de bairro.** In: Travessia – Revista do Migrante, nº 38, ano XIII. – São Paulo, SP: Centro de Estudos Migratórios, 2000.

RAMOS, Aluísio. **Cotidiano, espaço e tempo de um antigo bairro paulistano: transformações da cidade e a dimensão do vivido.** In: GEOUSP – Espaço e Tempo, Nº 15, pp. 77-13, São Paulo, SP: 2004.

SOUZA, M. **O bairro contemporâneo: ensaio de abordagem política.** In: Revista Brasileira de Geografia, nº 51. – Rio de Janeiro, RJ: IBGE, 1989.

URIARTE, Urpi Montoya. **Podemos todos ser etnógrafos? Etnografia e narrativas etnográficas urbanas.** Redobra, nº10. 2012.

APÊNDICE I

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DOMÉSTICAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CONSUMO, COTIDIANO E
DESENVOLVIMENTO SOCIAL

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado(a) participante,

Sou aluno do Programa de Pós-graduação em Consumo, Cotidiano e Desenvolvimento Social da Universidade Federal Rural de Pernambuco. Estou realizando uma pesquisa intitulada **Modos de vida e cotidiano na cidade: um estudo sobre um pedaço de Dois Irmãos – Recife/PE**, sob orientação das professoras Dr^a Raquel Fernandes e Dr^a Dayse Amâncio.

O objetivo da pesquisa é captar um pouco do cotidiano dos atuais moradores/as e como a trajetória individual constrói experiências que ajudam a configurar o modo de vida de um lugar. Buscando também memórias da história do local através, principalmente, da ótica de “como se vivia” antigamente, em paralelo como os dias atuais, e as práticas mantidas e modificadas.

Sua participação envolve uma entrevista que será gravada, você contribuirá para a compreensão do fenômeno estudado e para a produção de conhecimento científico no país. A participação nesse estudo é voluntária e se você decidir não participar ou quiser desistir de continuar em qualquer momento, tem total liberdade de fazê-lo.

Quaisquer dúvidas relativas à pesquisa poderão ser esclarecidas pelo pesquisador através do telefone: 81 98444-8709.

Atenciosamente,

Assinatura do Mestrando

Local e data

Consinto em participar deste estudo e declaro ter recebido uma cópia deste termo de consentimento.

Assinatura do participante

Local e data

NOME LEGÍVEL DO PARTICIPANTE: _____

APÊNDICE II

ROTEIRO ORIENTADOR DA ENTREVISTA

1. Histórico de ocupação da residência

- O que era a Vila Operária? Existe ainda a Vila Operária?
- A história da ocupação da casa, como começou, se desenvolveu e está hoje em dia.
- Os filhos já nasceram na casa? A família veio do interior? Quais experiências anteriores.
- O que se ouvia do lugar que estavam vindo morar?
- As mudanças significativas que o tempo trouxe na casa, incluindo mudanças familiares, estruturais, etc.
- Você identifica a antiga Vila Operária como uma comunidade?
- Como você pensa o lugar que mora? Traz coisas boas para você?
- Quando você sai para outros lugares, sente vontade de morar em um lugar diferente?

2. Relação com o antigo DSE (atual COMPESA) e outros locais de trabalho

- Como se relacionam os moradores/as da casa com os trabalhadores da COMPESA hoje em dia? Outras pessoas da casa trabalharam na COMPESA?
- Os moradores/as da casa trabalham no local ou tem que se deslocar para outros locais mais afastados?

3. Abordagem acerca do comércio

- Que tipo de coisa se compra fora e onde se costuma comprar?
- Para as compras mais imediatas, qual o comércio considerado "local"?
- Como se relacionam os moradores/as da casa com os comércios fixos instalados no local (bar, restaurante, etc)?
- E com relação ao comércio informal consequente do movimento do Horto de Dois Irmãos?

4. Relações familiares e de vizinhança

- Como eram as relações com os vizinhos de antes?
- Existem apoio dos vizinhos nas atividades cotidianas?
- Os familiares mais próximos (filhos(as), netos(as), irmãos, etc.) moram perto?
- A família costuma se juntar algum dia da semana?
- Os aniversários são comemorados na casa? Carnaval, São João, Natal?

5. Praça de Dois Irmãos

- A Praça é frequentada pelos moradores/as da casa?
- O que você lembra de mudanças na Praça?
- A família costuma comemorar festas na Praça? Ou tem participação em atividade comemorativa na Praça?